

Manifestação de espíritos, a própria Bíblia é uma das provas



Paulo Neto

Manifestação de Espíritos, a própria Bíblia é uma das provas

(Versão 3)

“Mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão” (Lucas 16,31)

*“Deve haver mais verdades do que aquilo que os tratados teológicos dizem.”
(CROOKALL, 1970)*

Paulo Neto

Copyright 2022 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa: História das Artes (site), *A Festa de Baltasar, Rembrandt*, disponível em:

<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-festa-de-baltasar-rembrandt/>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2022.

Índice

Introdução.....	5
Distinção entre Espírito e corpo físico.....	24
Comunicação com os mortos: a proibição e as duas ocorrências.....	29
Manifestação de vivos: comunicar-se com eles não é proibido.....	47
Fenômenos mediúnicos na Bíblia.....	62
a) Antigo Testamento.....	63
b) Novo Testamento.....	146
Conclusão.....	216
Referências bibliográficas.....	223
Dados biográficos do autor.....	229

Introdução

De início, queremos deixar bem claro duas coisas: primeira, que o presente estudo tem como objetivo principal o público espírita e os simpatizantes com o Espiritismo, também o estendemos a qualquer pessoa de mente aberta, que seja receptivo a ver e analisar outras explicações diferentes da que possa ter sobre esse assunto; e segunda, que não queremos provar o Espiritismo pela Bíblia, mas provar que o **Espiritismo está na Bíblia**, o que, para nós, é bem diferente.

Ademais, concordamos, por ser óbvio, que o fato de algo estar na Bíblia isso não o torna verdadeiro, pois ela não é, e nunca foi, um compêndio de Ciência, portanto, aos que tomam a Bíblia como verdade revelada, isso poderá chocar, visto que, em sua maioria, tem conceitos diferentes dos que apresentaremos aqui.

Porém, é bom que se diga: a manifestação de Espíritos, ou em outras palavras, a comunicação com

os mortos é, para nós, os espíritas, uma ocorrência completamente natural, por conseguinte, mesmo que não a encontrássemos na Bíblia isso não faz a menor diferença, porque não fará que ela deixe de existir.

Além disso ela – a manifestação dos Espíritos – é registrada na cultura de outros povos, entre os quais podemos citar os egípcios. Transcrevemos do nosso livro ***Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas***, esse trecho para corroborar o que estamos dizendo:

O editor da revista *Universo Espírita*, Paulo Henrique de Figueiredo, nos apresenta um texto egípcio encontrado em pedaços de louça chamados óstracos (com forma semelhante à da ostra, usados no Egito antigo como substituto do papiro para se desenhar ou escrever rascunhos), que se encontram espalhados pelos museus da Europa e que, segundo ele afirma, é o mais antigo relato de um encontro entre um vivo e um morto, tendo sido escrito por volta do ano 2.000 a.C., portanto, a cerca de 4.000 anos atrás. Temos aqui, por conseguinte, um relato que nos prova que isso é mesmo coisa muito antiga.

Eis, em resumo, a história:

Há 4 mil anos, o sumo sacerdote de Amon, a

mais importante autoridade a serviço do faraó Mentuhotep II do Egito, estava preocupado com uma influência espiritual que o afligia. Mas ele estava determinado a, quando chegasse à noite em sua casa, resolver essa questão. Para os egípcios, os mortos podiam interferir em suas vidas.

Depois de dar as ordens aos servos e cuidar de sua higiene, subiu ao terraço de sua luxuosa residência e estendeu suas mãos para o céu estrelado fazendo uma evocação, pedindo auxílio dos Espíritos protetores: “Invoco os deuses do céu, os deuses da Terra, os do Sul, os do Norte, os do Ocidente, os do Oriente, os deuses do outro mundo”; então fez a eles um pedido: “Fazei com que venha até mim o Espírito”. O Espírito veio, e lhe disse: “Eu sou aquele que vem para dormir em seu túmulo”.

O sumo sacerdote de Amon pediu que o Espírito se identificasse para que pudesse oferecer um sacrifício no nome dele, trazendo-lhe, assim, a paz. O Espírito respondeu: “Meu nome é Niutbusmekh, meu pai é Ankhmen e minha mãe é Taemchas”. O sumo sacerdote então afirmou: “Diz-me o que desejas e farei com que isso se cumpra para ti. Não se preocupe, pois vou ajudá-lo. Meu coração ficará agitado como o Nilo [...] Não vou te abandonar, se fosse essa minha intenção não teria me ocupado com este assunto”. O Espírito respondeu firme: “Chega de palavras”.

[...] o experiente e poderoso sacerdote, [...] disse-lhe: “Ficarei então aqui sem comer e sem beber, as trevas cairão sobre mim cada dia, não sairei daqui”.

O Espírito conta então, sua história: “Quando eu estava vivo sobre a terra, era o chefe do tesouro do faraó e também oficial do exército. Quando morri, meu soberano mandou preparar minha tumba, os quatro vasos de embalsamento e o meu sarcófago de alabastro. Mas o tempo passou, o túmulo caiu, o vento e a areia arruinaram tudo. Em outras épocas, por quatro vezes já me evocaram e prometeram uma nova sepultura. Mas até agora nada. Como posso acreditar em novas promessas? Somente com conversas não atingirei meu objetivo”.

O sumo sacerdote mandou três homens atravessarem o rio Nilo até a região funerária de Tebas. Escolheram um bom lugar e, além de uma nova tumba, o sumo sacerdote mandou que dez servos se dedicassem a fazer oferendas diárias de água e trigo ao espírito. Depois de todo esse trabalho, o sumo sacerdote ficou cheio de alegria por ter atendido aos desejos do Espírito. (FIGUEIREDO, P. H. Os mistérios do Egito segundo o Espiritismo, *Universo Espírita*, nº 39, março 2007, São Paulo: Universo Espírita, p. 32-33).

O importante desse relato é que se trata de um notável registro histórico; conseqüentemente, longe de ser algo que foi produzido para justificar ou

validar uma crença. Aliás, nós, espíritas, temos esses fenômenos como de ordem natural, por fazerem parte de leis criadas por Deus; portanto, há mesmo que existir desde longa data. (1)

Voltemos à Bíblia. Esclarecemos que a citação da Bíblia por nós tem como base somente o aspecto cultural dela e não o de uma revelação divina, como se os seus autores falassem em nome de Deus.

É bem provável que alguém nos faça a pergunta: *“Por que motivo você usa tanto a Bíblia, se não crê totalmente nela, aliás sempre está dizendo que ela está cheia de contradições?”* Certamente, que parecerá incoerente para algumas pessoas, entretanto, não é bem esse o caso. A nossa razão de usá-la é bem simples: tomamos da mesma arma que os detratores utilizam para nos atacar.

É o que estamos sempre a dizer: “não faça da Bíblia uma arma, a vítima pode ser você”. Se alguns não gostam disso, é um problema deles que não nos aflige, porquanto, julgamos ter no mínimo o direito de defesa, algo tão relevante que é uma das garantias Constitucionais a todo cidadão brasileiro.

Queremos ressaltar que não somos intransigentes naquilo que nós pensamos, por isso fazemos nossas estas palavras de Allan Kardec (1804-1869), constantes da ***Revista Espírita 1865***:

Como antes de tudo procuramos a verdade, e não temos a pretensão de sermos infalíveis, quando ocorre que nos enganamos, não hesitamos em reconhecê-lo. Não conhecemos nada mais tolo do que se obstinar sobre uma opinião errônea. ⁽²⁾

Temos plena consciência de que este estudo não será lido pelos céticos, que não acreditam na existência do Espírito, a eles, sem querer desmerecê-los, diremos, com Allan Kardec, conforme registrado na ***Revista Espírita 1867***:

Jamais tivemos a pretensão de coordenar a liberdade de ninguém, nem de impor nossas ideias a quem quer que seja, não as considerando como devendo fazer lei. ⁽³⁾

Quanto aos fanáticos, que, como os céticos, não são nosso público-alvo, conforme já deixamos bem claro, ninguém consegue demovê-los de seus dogmas; razão tinha Oliver Wendell Holmes (1809-

1894), médico, professor, palestrante, considerado por seus pares como um dos melhores escritores do século XIX ⁽⁴⁾, quando disse esta frase: “*A mente de um fanático é como a pupila do olho: quanto mais luz incide sobre ela, mais se irá contrair*”. ⁽⁵⁾

Há pessoas que não admitem a mínima possibilidade de mudar de opinião sobre alguma coisa, e para não terem esse desconforto, passam a combater qualquer ideia que poderia levá-los a sair de sua zona de conforto. Vivem, assim, nessa doce ilusão. A estas diríamos, com toda a sinceridade: por favor, não percam tempo lendo essa obra.

Embora mereça de nós todo respeito, não concordamos totalmente com o Pastor Nehemias Mariem (1933-2007), reputado como um dos maiores conhecedores de textos bíblicos do Brasil, que afirmou “*Considero a Bíblia como o mais antigo livro de psicografia e mediunidade.*” ⁽⁶⁾, de mediunidade, sim, de psicografia, não; porquanto, para nós, ela não foi escrita por inspiração, mas, em quase sua totalidade, é produto do pensamento dos próprios autores bíblicos, que narraram o que acreditavam. Psicografia, vemos, sem problema algum, no livro

Apocalipse e, com boas chances, o livro Eclesiastes, que, mais à frente, explicaremos o motivo pelo qual pensamos assim de ambos.

Fora as pesquisas realizadas, que comprovam a realidade da manifestação, como as de Sir William Crookes (1832-1919), nos primórdios do Espiritismo, a do Pe. François Brune (1931-2019) e as de Sonia Rinaldi, mais recentes, apenas para citar algumas, essa possibilidade deveria ser puramente questão de lógica para todos aqueles que acreditam na realidade do Espírito e na sua sobrevivência depois da morte.

Joseph Banks Rhine (1895-1980) ou, simplesmente, J. B. Rhine, com suas pesquisas através da Parapsicologia, constatou a realidade da telepatia, que é a capacidade do ser humano captar e/ou transmitir pensamentos de uma pessoa a outra. Para ele, esse intercâmbio é realizado de Espírito a Espírito.

Diante disso, podemos dizer que o corpo físico não é a sua causa, assim, para que exista uma comunicação pouco importa se os dois Espíritos

estão encarnados ou não, quer dizer, se um está encarnado e o outro desencarnado, o intercâmbio, entre ambos, pode, perfeitamente, existir, pelo motivo da “comunicação ser de Espírito a Espírito”. Continuaremos a pensar dessa forma até que alguém nos apresente uma prova científica que nos induza a pensar o contrário.

Achamos oportuno informar que o que conhecemos hoje por Parapsicologia teve como nascedouro a Metapsíquica, cuja origem deve-se a Charles Richet (1850-1935). Em sua obra *Tratado de Metapsíquica*, quando faz a divisão dos fenômenos em quatro períodos, vemos que no terceiro, a que ele denomina de “*período espiritual, que vai das irmãs Fox a William Crookes (1847-1872)*” (7), se insere “o nascimento” do Espiritismo, que se deu no ano de 1857.

É por via telepática que o médium capta o pensamento de um Espírito e o transmite a quem ele for endereçado. Conforme dissemos alhures, esse é o princípio básico da comunicação com os chamados “mortos”, mas que, na verdade, estão mais vivos que nunca.

Vejam os na **Revista Espírita 1859** esta interessante explicação de Allan Kardec, quando tratava do assunto “Escolhos dos Médiuns”:

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, **suas relações com o mundo incorpóreo**, embora menos fáceis que no estado de liberdade, **não são interrompidas** por isso de maneira absoluta; **o pensamento é laço que nos une ao Espírito**, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas ideias e nossas tendências. [...]. ⁽⁸⁾

O grifo em negrito é nosso, padrão que usaremos nesse ebook. Quando ocorrer de não ser avisaremos.

Tomando-se do pressuposto de que “*Deus não faz acepção de pessoas*” (Deuteronômio 10,17; 2 Crônicas 7,19; Atos 10,34; Romanos 2,11; Efésios 6,9; Colossenses 3,25; 1 Pedro 1,17), o que significa dizer que em suas leis não há, absolutamente, exceções ou privilégios, podemos dizer que se, pela Bíblia, os Espíritos se manifestavam antigamente, podem, certamente, se manifestarem agora, a não

ser que invalidemos suas narrativas, as quais sempre as tomamos pelo valor histórico.

Diante disso, é fácil concluir que os que afirmam que é somente o demônio (diabo, satanás, etc.) é que se manifesta no Espiritismo, o fazem por pura ignorância, para não dizer má-fé, daquilo que realmente ele é.

Não podemos deixar de colocar, ainda que *an passant*, a visão espírita sobre os demônios de acordo com o que consta no livro **O Céu e o Inferno**, Cap. IX, intitulado Os demônios segundo o Espiritismo:

20. Segundo o Espiritismo, **nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só.** Unidos a corpos materiais, **esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços.** Deus criou-os *perfectíveis* e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem,

quer encarnados, quer no estado espiritual. **Atingido o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos segundo a expressão vulgar**, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Do expresso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso.

Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade.

Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. **Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, não de nela graduar-se.** Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade

persistem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração. Chega-lhes, porém, um dia a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorarem-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progridem, ainda assim, contra a vontade.” Deus fornece-lhes constantemente os meios, porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio.

Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum. (9)

É muito curioso que, pesquisando em todo o Antigo Testamento, pela *Bíblia Eletrônica RKSoft*, a que usamos para transcrever os textos, as designações atribuídas a esse “deus do mal”, que, para nós, é pura criação dos homens, tenhamos encontrado apenas a palavra *satanás* - sempre optamos por iniciá-la com letra minúscula -, para

não lhe dar tanto valor assim, que aparece somente três vezes, quantidade insignificante, levando-se em conta as milhares de palavras constantes na Bíblia.

A primeira está em primeiro livro de Crônicas, sendo esta, inclusive, a primeira vez que essa palavra aparece na Bíblia, tomando-se a ordem dos Livros:

1 Crônicas 21,1: *“Então **Satanás** se levantou contra Israel, e incitou Davi a numerar Israel.”*

Entretanto, o que era “satanás” nesse passo, transforma-se em “Ira do Senhor”, em 2 Samuel, conforme se vê:

2 Samuel 24,1: *“A **ira do Senhor** tornou a acender-se contra Israel, e o Senhor incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, numera a Israel e a Judá.”*

A explicação disso, quem no-la dá é o escritor Severino Celestino, que atribui essa mudança a influência dos persas, pois o livro de Crônicas foi escrito no começo de 300 a.C., quando Israel estava sob influência do zoroastrismo, enquanto o de Samuel foi antes, no ano de 622 a.C., disso ele

conclui: “Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa”. (10)

Jó 1,6-12: “Ora, chegou o dia em que **os filhos de Deus** vieram apresentar-se perante o Senhor, **veio também Satanás entre eles**. O Senhor perguntou a Satanás: Donde vens? E Satanás respondeu ao Senhor, dizendo: De rodear a terra, e de passear por ela. Disse o Senhor a Satanás: Notaste porventura o meu servo Jó, que ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal? Então respondeu Satanás ao Senhor, e disse: Porventura Jó teme a Deus debalde? Não o tens protegido de todo lado a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? Tens abençoado a obra de suas mãos, e os seus bens se multiplicam na terra. Mas estende agora a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e ele blasfemarás de ti na tua face! Ao que disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo o que ele tem está no teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.”

Na **Bíblia Shedd**, temos a informação de que a data de composição deste livro é incerta:

[...] embora muitos estudiosos hoje em dia falem sobre uma autoria exílica ou pós-exílica (séculos VI a III a.C.), tradicionalmente a data tem sido atribuída aos tempos patriarcais (século XVI a.C.) ou aos dias de Salomão (século X a.C.). (11)

Portanto, não tivemos condições de precisar se foi escrito antes de Crônicas, no qual vimos que também aparece a palavra *satanás*.

No texto não há como fugir de que *satanás* é um dos filhos de Deus, com o qual estabelece um diálogo, portanto, não há nenhuma razão para se dizer que ele era um anjo mal. Aliás, parece-nos que a palavra que deveria ser usada é *adversário*, no sentido de acusador, que é a tradução do hebraico do termo *satan*. (12)

A conversa gira em torno de Jó, esse anjo diz a Deus que ele é *“homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal”* pelo motivo de a mão divina estar sobre ele, mas que se fosse retirada, ele não se comportaria mais assim. Diante disso, Deus faz *“uma aposta”* (não há outro termo para qualificar) com o anjo, permitindo-lhe fazer o que quisesse com Jó, menos matá-lo, a fim de provar que

Ele, Deus, estava certo. Foi somente por isso, ou seja, por uma aposta Jó leva a pior.

Sobre a crença de ser ele um anjo decaído, não vemos nenhuma lógica nela, porquanto sendo, conforme se acredita, os anjos Espíritos puros, ou seja, sem nenhum tipo de sentimento inferior, como poderia ele decair? Algum defeito de fabricação?

Mas não é só isso, temos mais, pois, em nota, explicam-nos os tradutores da *Bíblia Sagrada Vozes*, que neste passo **“Satanás não é o demônio da concepção cristã, mas mero personagem funcional da narrativa”** ⁽¹³⁾, portanto, não se trata de um ser, porém de uma função.

Zacarias 3,1-2: *“Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e **Satanás** estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o anjo do Senhor disse a Satanás: Que o Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda! Não é este um tição tirado do fogo?”*

O profeta Zacarias aparece por volta do ano 520 a.C., em pleno domínio persa. É em seu livro que

encontramos a última citação da palavra satanás. Porém, os mesmos tradutores da **Bíblia Sagrada - Vozes**, citados há pouco, confirmam que:

Satã não é ainda o Espírito do Mal ou o Demônio da concepção cristã. Não é uma pessoa, mas antes alguém que exerce uma função, a de contradizer a Deus; só aos poucos é visto como um ser pessoal. ⁽¹⁴⁾

Voltando ao ponto, onde paramos para essa pequena digressão, diremos que, logo de início, é importante ter o cuidado de não se iludir, acreditando que em todas as vezes que aparece na Bíblia a expressão “o Espírito de Deus”, ela trata-se da própria divindade manifestando-se; embora em algumas passagens, segundo se crê, poder-se-ia entender como isso ocorrendo, como, em geral, supõem os apegados à letra. Porém, nós preferimos acreditar no que Jesus disse a João: **“Ninguém jamais viu a Deus”** (João 1,18).

As manifestações atribuídas à divindade, não são mais que aparições de Espíritos protetores - do povo hebreu, das cidades ou, particularmente, dos

próprios homens; mas nunca a divindade em “pessoa”.

Essa ideia, para nós, equivocada, desculpe-nos os que acreditam nela, é fruto da crença de muitos indivíduos que, mesmo diante da imensidão do Cosmo, no qual o habitante da Terra é um ser totalmente insignificante, ainda assim, se coloca como tendo mais valor do que todos os outros seres criados por Deus, que vivem nos astros.

Astros esses, cuja quantidade foge à nossa capacidade e/ou condição de contá-los, tal e qual Jesus havia dito: *“Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito”* (João 14,2), mas que, infelizmente, pregou no deserto, pois até os dias de hoje, grande parte de seus ensinamentos não foram entendidos, pela maioria dos homens.

Devemos, na sequência, estabelecer se o ser humano tem ou não um Espírito, pois se não tiver, a nossa pretensão de provar que os Espíritos se manifestam, já morre em seu nascedouro.

Distinção entre Espírito e corpo físico

Vamos, portanto, buscar ver se podemos encontrar isso nas narrativas bíblicas.

*Gênesis 6,3: “Então disse o Senhor: **O meu Espírito** não permanecerá para sempre no homem, porquanto **ele é carne**, mas os seus dias serão cento e vinte anos.”*

Entendemos que “o meu Espírito” aqui, significa a parte espiritual, a qual denominamos de Espírito ou alma, algo que todos nós temos, exatamente aquilo que, acreditamos, nos faz semelhante a Deus.

*Gênesis 35,28-29: “Foram os dias de Isaque cento e oitenta anos; e, **exalando o espírito**, morreu e foi congregado ao seu povo, velho e cheio de dias; e Esaú e Jacó, seus filhos, o sepultaram.”*

Após Isaque (ou Isaac) soltar ou libertar o Espírito, ele morreu, e o seu Espírito foi juntar-se ao

seu povo, no caso, os seus antepassados já mortos. Nítida separação entre corpo e Espírito, no qual temos aqui a prova de que, àquela época, acreditavam na sua existência.

Números 16,22: *“Mas eles [Moisés e Aarão] caíram com os rostos em terra, e disseram: Ó Deus, **Deus dos espíritos de toda a carne**, pecará um só homem, e indignar-te-ás tu contra toda esta congregação?”*

Números 27,16-17: *“Que o senhor, **Deus dos espíritos de toda a carne**, ponha um homem sobre a congregação, [...] para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor.”*

A expressão *“Deus dos Espíritos de toda a carne”* é, para nós, singular, pois atribui a todos os seres vivos, e não só ao homem, um Espírito criado por Deus.

Jó 12,10: *“Na sua mão está a vida de todo ser vivente, e o **espírito** de todo o gênero humano.”*

Jó 32,8: *“Há, porém, um **espírito** no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido.”*

Salmo 146,4: *“Sai-lhe o **espírito**, e ele volta*

para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos.”

Isaías 57,16: *“Pois eu não contenderei para sempre, nem continuamente ficarei irado; porque de mim procede o **espírito**, bem como o fôlego da vida que eu criei.”*

Zacarias 12.1: *“A palavra do Senhor acerca de Israel: Fala o Senhor, o que estendeu o céu, e que lançou os alicerces da terra e que formou o **espírito** do homem dentro dele.”*

Em todas essas passagens (ver também: Jó 6,4; 34,14-15; Salmo 31,5; 51,11; Eclesiastes 3,21; 8,8; 12,6-7; Isaías 26,9), vê-se o Espírito como algo diferente do corpo físico, bem separado desse, porquanto, são duas realidades distintas; a primeira imortal, a segunda, perecível, cujos elementos, após sua inevitável decomposição, são, impreterivelmente, devolvidos à natureza da qual tomaram emprestados.

Sabedoria 9,14-15: *“Os pensamentos dos mortais são tímidos e falíveis os nossos raciocínios; **um corpo corruptível pesa sobre a alma e esta tenda de argila faz o espírito pesar com muitas preocupações.**”* (Bíblia Pastoral).

2 Coríntios 5,1-3: “Nós sabemos: **quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda, for desfeita**, receberemos de Deus uma habitação no céu, uma casa eterna não construída por mãos humanas. Por isso, **suspiramos neste nosso estado, desejosos de revestir o nosso corpo celeste**; e isso será possível se formos encontrados vestidos, e não nus”. (Bíblia Pastoral).

1 Pedro 1,17: “Vocês chamam Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, **comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria.**”

2 Pedro 1,13-15: “Considero meu dever mantê-los despertos com minhas admoestações, **enquanto estiver nesta tenda, pois sei que em breve devo despojar-me dela**, conforme Jesus Cristo me revelou. Portanto, vou fazer de tudo para que vocês se lembrem sempre delas depois de minha partida.”

A consciência de que somos Espíritos, nitidamente, encontra-se espelhada nesses passos, inclusive, num deles se afirma exatamente o que, nós espíritas, falamos em relação ao Espírito: que

nossa verdadeira pátria é o mundo espiritual; *“durante esse tempo em que se acham fora da pátria”*.

Mas, a questão fundamental é: será que os Espíritos dos “mortos” podem mesmo manifestarem-se aos homens? Temos provas bíblicas disso? Vamos buscar as respostas no item que se segue.

Comunicação com os mortos: a proibição e as duas ocorrências.

Uma prova incontestável, ou que, pelo menos, deveria ser, de que os mortos se comunicam é a proibição de se consultá-los, pois, em sã consciência, ninguém proíbe o que não pode acontecer:

Deuteronômio 18,9-14: *“Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem **consulte um espírito** adivinhador, nem mágico, nem quem **consulte os mortos**; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. Porque **estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores**; porém, quanto a ti, o Senhor teu Deus não te permitiu tal coisa”.*

Olhando mais atentamente esse passo, ver-se-á que todas as proibições, estão relacionadas a tentativas de se conhecer o futuro, portanto, a consulta aos mortos, que aqui se proíbe, tem exatamente este sentido, nem mais nem menos. Então, encontram-se, totalmente, equivocados todos aqueles que tomam dessa passagem para dela fazer uma arma contra os espíritas, pois, somente por má-fé, pode-se, atualmente, atribuir a ele consultas deste tipo.

Se a própria proibição já prova a realidade desse fato, mais ainda, quando são apresentadas ocorrências concretas, das quais, por coerência, deveria prevalecer esta máxima da língua latina, que vimos alhures: *“contra fatos, não há argumentos”*. Allan Kardec, certamente, sabia dessa frase, pois usou palavras bem semelhantes: *“Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados”*. (15)

Seria bem interessante, apresentar o levantamento, que fizemos em um dos nossos textos, no qual listamos as várias versões bíblicas

para o passo Deuteronômio 18,10-11, a fim de que você, caro leitor, possa também ter uma boa ideia da situação, e veja com os próprios “olhos” até onde chegaram para ajustar esse texto bíblico às suas conveniências teológicas:

Dt 18,10-11: a respeito da proibição de consultar os mortos Análise das três últimas recomendações citadas na Bíblia:			
Bíblias Católicas			
de Jerusalém	interrogue espíritos	adivinhos	invoque os mortos
Barsa	consulte Píton	adivinhos	nem quem indague dos mortos a verdade
Ave Maria	espiritismo	à adivinhação	à evocação dos mortos
Paulinas	quem consulte aos nigromantes	adivinhos	indague dos mortos a verdade
Santuário	espiritismo	aos sortilégios	à evocação dos mortos
do Peregrino	espiritistas	adivinhos	nem necromantes
Vozes	consulte médiuns	interrogue espíritos	evoque os mortos
Pastoral	consulte espíritos	adivinhos	invoque os mortos
Bíblias Protestantes			
SBB	quem consulte um espírito adivinhante	mágico	quem consulte os mortos
Novo Mundo	alguém que vá consultar um médium espírita	um prognosticador profissional de eventos	consulte os mortos

Mundo Cristão	necromante	mágico	consulte os mortos
Shedd	necromante	mágico	consulte os mortos

Apenas para demonstrar a que ponto chegam, informamos que os termos “*espiritismo*”, “*espiritistas*”, “*médiuns*” e “*médium espírita*”, são neologismos criados por Allan Kardec, em abril de 1857, quando do lançamento da obra *O Livro dos Espíritos*, portanto, vê-se que houve adulteração de texto da Bíblia, cujo objetivo, certamente, foi o de atingir especificamente a Doutrina Espírita, e ainda têm a maior cara de pau em afirmarem que os textos de suas traduções “*são rigorosamente conforme os originais*”, pobres fiéis que acreditam neles. Das Bíblias citadas, somente três trazem necromante, que, conforme dissemos, é o correto.

Por outro lado, se descaradamente têm a coragem de adulterar textos da Bíblia é pelo motivo de não a considerarem como sendo realmente “a palavra de Deus”, como apregoam visando dominar seus fiéis.

Certamente, que ainda apresentar-se-ão contestadores quanto à possibilidade da própria

proibição provar a realidade do fato, entretanto, para nós, isso é bem claro e lógico; regra geral, as proibições só fazem sentido a partir do momento em que alguém fez algo real, cujo resultado não foi visto como bom; elas surgem justamente para restringir ou mesmo proibir de se fazer alguma coisa que se já está fazendo. Aliás, o que vimos de sofisma sobre isso, não está escrito!

Um exemplo, que alhures nós o apresentamos, foi este: você regressando de um cruzeiro marítimo, cujo navio já tomava a direção do ancoradouro, quando, de repente, vê no mar uma enorme boia com uma placa, na qual se lê: **“É PROIBIDO ESTACIONAR ÔNIBUS E CAMINHÕES”**. Certamente, que pensará: que louco colocou isso aqui, pois o que se está proibindo não acontece nunca; porquanto ônibus e caminhões não estacionam nas águas do mar, mas somente em terra firme. Porém, se nessa placa estivesse com os dizeres: **“É PROIBIDO ESTACIONAR EMBARCAÇÕES DE CARGA”**, não estranharia, não é mesmo?

Em ***O Céu e o Inferno***, Allan Kardec, em sua

abordagem sobre a proibição de evocar os mortos, numa lógica irretorquível, disse:

Não veio Jesus modificar a lei moisaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos?

Não disse ele: - “Vós sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e eu vos digo tal outra coisa?” Entretanto Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, **Jesus nunca aludiu em parte alguma à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas**, mormente tendo ele tratado de outros assuntos secundários. ⁽¹⁶⁾

Completamos com o que, em **O Que é o Espiritismo**, ele disse:

[...] essa proibição não se encontra em parte alguma do Evangelho; ela se acha somente na lei mosaica. Trata-se de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica; assim será, por certo, se ela for mais judia que cristã. ⁽¹⁷⁾

Aos que, porventura, ainda insistirem na questão de que a Bíblia proíbe, podemos argumentar, como já o fizemos várias vezes, que “se

os vivos estão proibidos de evocar os mortos”, **os mortos não estão proibidos de evocar os vivos**, pois, na maioria dos casos, são eles que buscam o contato com os encarnados; diante disso, a nossa conclusão é que: se eles veem é porque há permissão de Deus. Inclusive, podemos provar isso apresentando o nosso livro intitulado *Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica*, que contém informações de manifestações e de pesquisas produzidas somente fora do meio Espírita, fizemos assim para não sermos acusados de parcialidade, que, no linguajar popular, dir-se-ia: “puxar a brasa à sua sardinha”.

A segunda prova, iremos buscá-la no primeiro livro de Samuel, onde veremos uma ocorrência, que de tão clara, deveria ser indiscutível; porém, como sempre, apresentam-se vários contestadores. No capítulo que transcreveremos, o narrador inicia a sua história dizendo que Samuel havia morrido (1 Samuel 28,3), fez isso para alertar ao leitor de que, ao se falar dele mais abaixo, não se deve esquecer disso, uma vez que o passo, no qual consta a morte de Samuel, encontra-se mais atrás, no versículo 1,

do capítulo 25, certamente, ele fez isso como um lembrete ao leitor. Vejamos a narração do episódio:

1 Samuel 28,5-20: *“Vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu e estremeceu muito o seu coração. Pelo que consultou Saul ao Senhor, porém o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então disse Saul aos seus servos: Buscai-me uma necromante, para que eu vá a ela e a consulte. Disseram-lhe os seus servos: Eis que **em En-Dor há uma mulher que é necromante.** Então Saul se disfarçou, vestindo outros trajés; e foi ele com dois homens, e chegaram de noite à casa da mulher. Disse-lhe Saul: Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser. A mulher lhe respondeu: Tu bem sabes o que Saul fez, como exterminou da terra os necromantes e os adivinhos; por que, então, me armas um laço à minha vida, para me fazeres morrer? Saul, porém, lhe jurou pelo Senhor, dizendo: Como vive o Senhor, nenhum castigo te sobrevirá por isso. A mulher então lhe perguntou: Quem te farei subir? Respondeu ele: **Faze-me subir Samuel.** Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou em alta voz, e falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? pois tu mesmo és Saul. Ao que o rei lhe disse: Não temas; que é que vês?*

Então a mulher respondeu a Saul: Vejo um deus que vem subindo de dentro da terra. Perguntou-lhe ele: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, **inclinou-se com o rosto em terra**, e lhe fez reverência. **Samuel disse a Saul:** Por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: Estou muito angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e já não me responde, nem por intermédio dos profetas nem por sonhos; por isso te chamei, para que me faças saber o que hei de fazer. Então disse Samuel: Por que, pois, me perguntas a mim, visto que o Senhor se tem desviado de ti, e se tem feito teu inimigo? **O Senhor te fez como por meu intermédio te disse;** pois o Senhor rasgou o reino da tua mão, e o deu ao teu próximo, a Davi. Porquanto não deste ouvidos à voz do Senhor, e não executaste e furor da sua ira contra Amaleque, por isso o Senhor te fez hoje isto. E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus. Amanhã tu e teus filhos estareis comigo, e o Senhor entregará o arraial de Israel na mão dos filisteus. Imediatamente Saul caiu estendido por terra, tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e não houve força nele, porque nada havia comido todo aquele dia e toda aquela noite”.

Temos aqui, Saul, o primeiro rei de Israel, indo consultar o Espírito Samuel, através da necromante de Endor. Necromancia, como se sabe, é um meio de adivinhação evocando um morto ⁽¹⁸⁾. E, mais uma vez, ressaltamos: no Espiritismo isso não ocorre.

Seria algo totalmente ilógico que, se a consulta aos mortos não fosse prática conhecida àquela época e pela qual não acreditassem acontecer o intercâmbio com os habitantes do além, o rei de Israel ter ido em busca de uma sensitiva (médium) para, em particular, consultar-se com o Espírito Samuel, portanto, esse fato também confirma a realidade da manifestação dos Espíritos, ou, na pior das hipóteses, como uma crença comum naquele tempo.

A frase *“O Senhor te fez como por meu intermédio te disse”* (1 Samuel 28,17) corresponde a realidade, pois Samuel, quando ainda vivo, havia mesmo falado a Saul que Deus arrumaria outra pessoa mais digna para reinar sobre Israel (1 Samuel 15,26-28), que foi Davi (1 Samuel 16,13).

Nas quatorze traduções bíblicas que dispomos

encontramos as expressões: “**meu intermédio**” (6 vezes), “*por mim*” (2 vezes), “*eu disse*” (duas vezes) e “*por minha boca*” (4 vezes), o que nos leva a concluir que, naquele momento, ou seja, na sua manifestação, Samuel, obviamente que na sua condição de desencarnado, estava falando por intermédio, ou melhor, pela boca de uma outra pessoa, no caso, a médium. Entendemos que a manifestação se deu por psicofonia ou, talvez, por incorporação e não por materialização, conforme encontramos em Gabriel Delanne ⁽¹⁹⁾ e em Irmão X (Humberto de Campos) ⁽²⁰⁾, que, provavelmente, se apoiaram no versículo 15, que diz: “*Samuel disse a Saul*”. Ora, expressamos assim também para dizer que um Espírito se manifestou, seja por psicofonia ou incorporação, e não somente para designar uma ocorrência com materialização. Mais à frente, quando falarmos da possessão física, voltaremos à questão da incorporação.

Em relação ao versículo 15: “*Por que me inquietaste, fazendo-me subir?*”, Pe. Matos Soares, assim o explica: “*Por que me perturbas depois de morto, para ouvir minhas palavras que não querias*

ouvir enquanto eu vivia? (21), corroborando o que acabamos de dizer.

Os “louvadores do demônio”, só podemos classificá-los assim, diante das milhares de vezes que pronunciam o seu nome nos seus cultos, inclusive, em detrimento do próprio nome do Mestre, irão dizer que: *“o fazendo-me subir prova que foi um demônio que se manifestou no lugar de Samuel”*. O problema é que, talvez, não tendo conhecimento do costume daquela época, pensam dessa forma.

Porém, a verdade é que era pensamento comum que todos os mortos, indistintamente, iam para o *sheol* (*hades*, em grego), que era, nada mais nada menos, que a sepultura comum. Assim, para que um morto voltasse, ele haveria de “subir” e não descer, porquanto, ainda não se acreditava no “céu” recebendo alma dos mortos.

Por outro lado, como sempre se apoiam nos textos bíblicos para suas detratações do Espiritismo, até o momento não conseguiram nos apresentar um só passo no qual podemos ter a certeza de que o demônio no lugar dos mortos e que, por esse motivo,

a comunicação com os mortos foi proibida.

Embora não seja difícil encontrar pessoas que fazem de tudo para descaracterizar a ocorrência, por não quererem admitir a comunicação com os mortos ou a julgarem proibida por Deus. Estes últimos não se dão conta da incoerência em que vivem, pois, conforme dito, só há sentido proibir algo que pode acontecer. Um bom exemplo disso é quando dizem que não foi Samuel que se manifestou, mas o demônio. Fazemos nossas as palavras de Russell Nornan Champlin (1933-2018), constante de ***Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte:***

É inclinação própria das pessoas muito religiosas atribuírem ao diabo tudo aquilo que não podem compreender, sobretudo se desejam dar alguma resposta fácil, com a finalidade de fugirem de sua responsabilidade de investigarem os fatos. ⁽²²⁾

É importante ressaltar que o motivo de Saul ter ido consultar-se com o Espírito Samuel, foi para conhecer o futuro; queria saber o que lhe aconteceria na guerra contra os filisteus; portanto,

objetivo fútil, mundano, que jamais deve ser imitado. Este tipo de comunicação, além de não ser prática espírita, é ainda, não diríamos condenada, pois no Espiritismo a única coisa que se condena é condenar, mas totalmente desaconselhada.

Flávio Josefo (37-103 d.C.), historiador hebreu, em ***História dos Hebreus***, nos dá conta disso, dizendo que o rei Saul:

[...] mandou que se indagasse onde se poderia encontrar algum daqueles que **fazem voltar as almas dos mortos para interrogá-las e saber coisas futuras** [...]. (23)

Voltando à questão da proibição, acreditamos que Moisés tinha, pelo menos, dois motivos pessoais para isso:

1º) o principal objetivo das consultas aos mortos era para saber deles o futuro; adivinhação, usando-se do linguajar da época;

2º) é que, provavelmente, acabavam adorando esses seres espirituais, prostrando-se diante deles, como Saul fez ao ver o Espírito Samuel (1 Samuel

28,14).

Os anjos, que, na verdade, são Espíritos, também recebiam essa reverência, conforme poder-se-á ver com o acontecido, por exemplo, a estes personagens: Abraão (Gênesis 18,1-5), Ló (Gênesis 19,1), Balaão (Números 22,31), Josué (Josué 5,14) e João Evangelista (Apocalipse 19,10). Dessa forma, concluímos que a proibição é uma lei mosaica, jamais algo proveniente da divindade, pois, caso fosse, estaria, no mínimo, entre os Dez Mandamentos e teria sido sancionada por Jesus, que, nada falou sobre isso, conforme foi dito por Allan Kardec.

A outra ocorrência, aconteceu com Jesus, conforme se pode ver nesta narrativa de Mateus:

Mateus 17,1-3: *“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes **apareceram Moisés e Elias, falando com ele.**”*

Também aqui há pessoas que tentam descaracterizá-la, apontando a crença de que Elias não morreu, porém, não percebem ou se esquecem de Moisés, cuja morte é relatada (Deuteronômio 34,5-7).

Que ironia do destino! Quem afirmam ter dito que Deus havia proibido evocar os mortos aparece nessa condição.

No caso de Elias, tempos depois do seu arrebatamento, para um outro lugar e não para o céu, como geralmente se crê, ele escreve uma carta a Jeorão, rei de Judá (2 Crônicas 21,12), o que prova que ele não havia morrido (²⁴).

Aliás, se a lei é *“tu és pó ao pó voltarás”* (Gênesis 3,19), todos devem passar por ela, sem nenhuma exceção. Ademais, alguém poderia nos apontar uma só lei de Deus, onde isso venha ocorrer?

Estes dois passos (1 Samuel 28,5-10 e Mateus 17,1-3), nos quais se narraram, respectivamente, as manifestações dos Espíritos Samuel, Moisés e Elias, nós as denominamos de fenômenos mediúnicos,

que, para sua ocorrência, é preciso ter-se um médium, que é o medianeiro entre os planos físico e espiritual.

Diante, disso, reputamos como médiuns todas aquelas pessoas designadas na Bíblia de profetas, que, por falta de conhecimento das leis que estabelecem o intercâmbio entre os dois planos, foram tomadas à conta de fenômenos de ordem sobrenatural e os seus causadores como pessoas especiais, privilegiadas pela divindade, ou escolhidas por ela para revelar sua vontade aos homens.

Ressalte-se, inclusive, que o próprio Samuel era um médium vidente, conforme se comprava nesse passo, que explica a sua condição de profeta: *“Antigamente em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia assim: Vinde, vamos ao **vidente**; porque ao profeta de hoje, outrora se chamava **vidente**”*. (1 Samuel 9,9).

A mediunidade é uma faculdade humana, todos nós a temos, o que varia é apenas o seu grau (25); por isso, sempre existiu e continuará existindo, apesar da ciência dita oficial, até então, teima em

não a reconhecer.

Talvez a Parapsicologia, aquela de que J. B. Rhine (1895-1980) foi o seu precursor, venha sancioná-la, ainda que demore algum tempo para que isso aconteça.

Manifestação de vivos: comunicar-se com eles não é proibido

Certamente, que parece estranho esse título, entretanto, a manifestação de uma pessoa viva é algo que vamos encontrar também na Bíblia. Acredito que é um fato, que fora do meio espírita, poucas pessoas conseguem percebê-lo, ou por não acreditar nessa hipótese ou por não conseguir identificar na narrativa bíblica essa ocorrência. Vejamo-la:

*Atos 16,9-10: “De noite **apareceu a Paulo esta visão: estava ali em pé um homem da Macedônia, que lhe rogava: Passa à Macedônia e ajuda-nos.** E quando ele teve esta visão, procurávamos logo partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciarmos o evangelho”.*

A afirmativa de que “um homem da Macedônia” apareceu em visão a Paulo, nos coloca diante de uma manifestação do Espírito de uma pessoa viva. Mas os vivos também se manifestam?

Sim, porque eles também são Espíritos, apenas aprisionados no corpo físico, qual pássaro dentro de uma gaiola.

Allan Kardec não deixou de ver essa possibilidade, inclusive, fez algumas reuniões nas quais foram evocados os Espíritos de pessoas vivas, conforme poder-se-á ver na **Revista Espírita 1858**. *“O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições?”*, perguntou aos Espíritos, que lhe responderam: *“Facilmente, se o vivente dorme”*. (26). Em nota Allan Kardec acrescenta:

Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou pelo menos experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito frequentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente. (27)

Como saberemos se o Espírito que se manifesta é de uma pessoa viva ou se é um Espírito desencarnado? Encontramos a abordagem desse assunto, num artigo denominado de “O laço do

Espírito e do corpo”, publicado na **Revista Espírita 1859**, do qual transcrevemos o seguinte:

[...] O senhor R..., antigo ministro residente nos Estados Unidos, junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, vindo nos ver, perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, nunca havíamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; em uma palavra, se, quando um Espírito aparece espontaneamente, seja durante a vigília, seja durante o sono, temos um meio de reconhecer se a pessoa está morta ou viva. Sobre nossa resposta de que disso não conhecemos além do que perguntá-lo ao Espírito, ele nos disse conhecer na Inglaterra um médium vidente, dotado de um grande poder, que, cada vez que o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava **um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo**. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva. ⁽²⁸⁾

Portanto é fácil identificar o Espírito de uma pessoa viva por ter o cordão fluídico, que o mantém ligado ao corpo físico independentemente da

distância em que possa estar.

Na *Revista Espírita 1860*, há vários exemplos de evocação de pessoas vivas. Em março, foi publicado o artigo “Estudo sobre os Espíritos de pessoas vivas”, no qual se reporta à evocação do Dr. Vignal, para estudo desses casos (29).

Provavelmente o resultado dessa pesquisa é o que consta em **O Livro dos Médiuns** (Cap. XXV – Das evocações, item 284 – Evocação das pessoas vivas), do qual transcrevemos estas questões:

38ª Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

“Pode-se, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. **O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado**; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.”

39ª Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“**Dorme, ou cochila**; é quando o Espírito está livre.”

43ª É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?

“Ainda que difícil, não é absolutamente

impossível, porquanto, se a evocação produz efeito, pode dar-se que a pessoa adormeça; mas, **o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.**"⁽³⁰⁾

Assim, podemos dizer que é certa a possibilidade da manifestação, via mediúnica, de um Espírito encarnado; entretanto, há uma condição para que isso aconteça, qual seja a dele estar dormindo ou numa situação em que a presença do seu Espírito não esteja sendo necessária à atividade inteligente do corpo físico.

Em **O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3**, Russell Norman Champlin, ao analisar essa manifestação do homem macedônio a Paulo, disse o seguinte:

Qual foi a natureza dessa visão? Não foi simplesmente uma forma de sonho, embora, algumas vezes, os sonhos *possam ser* muito significativos, como meios orientadores na vida, em termos gerais; e existem mesmo sonhos que nos podem orientar sobre questões específicas. [...] Essa experiência de Paulo, entretanto, mui provavelmente tomou a forma de uma "aparição".

Essa aparição poderia ter uma forma *irreal*, no sentido de que nenhuma pessoa verdadeira ou espírito chegou até a presença de Paulo, mas antes, o formato humano que apareceu foi simplesmente uma criação da providência divina. É possível que o que teve lugar, nessa oportunidade, seja **o varão que foi visto, foi a forma real da alma, ou seja, a projeção da psique do varão da Macedônia**. Nesse caso, alguma pessoa *real* esteve envolvida nesse caso, a qual, mediante algum meio estranho e misterioso, teve permissão de aparecer a Paulo.

Os modernos estudos no campo da parapsicologia têm demonstrado que a alma de uma pessoa qualquer pode vaguear algumas vezes independentemente do corpo, obtendo ou dando informação. Para certos indivíduos, isso é uma ocorrência comum, e, para outros, sucede com grande raridade. Uma das mais poderosas evidências em prol da *sobrevivência da alma* após a morte física é a teoria de que atualmente está sendo estudada a sério nos meios universitários, e que envolve o fenômeno da *bilocalização*, que sucede até aos nossos próprios dias. Perguntamos: **se a inteligência de um homem pode projetar-se para fora do corpo, até mesmo nesta vida, por que essa inteligência não poderia sobreviver à morte física?** Charles Tart, professor de psicologia da Universidade da Califórnia, em Davis, nos Estados Unidos da América do Norte, nos últimos anos da década de 1960, fez experiências diversas com a questão das *projeções psíquicas*, das quais resultaram um relatório favorável à possibilidade da bilocalização

da personalidade humana.

No caso dessa visão de Paulo, **alguns intérpretes bíblicos pensam que um anjo, que teria assumido uma forma humana**, apareceu ao apóstolo, transmitindo-lhe a mensagem orientada do que necessitava e isso é uma forte possibilidade. ⁽³¹⁾

É bom saber que a Parapsicologia vem comprovando o que o Espiritismo já demonstrou há muito tempo, ou seja, a realidade das manifestações espirituais.

Vejamos, na **Revista Espírita 1861**, um caso muito semelhante ao que foi narrado em Atos:

Uma aparição providencial

Leu-se no *Oxford Chronicle* de 1º de junho de 1861:

“Em 1828, um navio que fazia as viagens de Liverpool a New Brunswick tinha por imediato um Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos de Newfoundland, o capitão e o imediato calcularam em um dia sua rota, o primeiro em sua cabine e o segundo no quarto ao lado; as duas peças estavam dispostas de maneira que se podia ver e se falar de uma para a outra. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão subiu para a ponte; sem olhar, disse-lhe: Eu encontro tal

longitude; como é a vossa? Não recebendo resposta, repetiu sua pergunta, mas inutilmente. Ele avança então para a cabine e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo sobre a sua ardósia. O indivíduo se voltou, olhou Bruce fixamente, e este, terrorizado, se lançou para a ponte. – Capitão, disse ele quando encontrou este último, quem pois está na vossa escrivaninha neste momento em vossa cabine? – Mas ninguém, eu presumo. – Eu vos certifico que há um estranho. – Um estranho! Sonhais, senhor Bruce; quem ousaria se meter em meu gabinete sem minhas ordens? Talvez vistes o contramestre ou o intendente. – Senhor, é um homem sentado em vossa poltrona e que escreve sobre a vossa ardósia. Ele me olhou na face, e o vi distintamente ou jamais vi ninguém neste mundo. – Ele! Quem? – Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, não vi em outra parte. – Tornastes-vos louco, senhor Bruce; um estranho! E eis seis semanas que estamos no mar. – Eu o sei, e, entretanto, eu o vi. – Pois bem! Ide ver quem é. – Capitão, sabeis que não sou poltrão; não creio em fantasmas; entretanto, confesso que não desejo vê-lo sozinho em frente; gostaria que para ali fôssemos os dois. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. – Vedes bem, disse ele, que sonhastes. – Não sei como isso ocorreu, mas vos juro que estava ali há pouco e que escrevia sobre a vossa ardósia. – Nesse caso ali deve haver alguma coisa escrita. Ele tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi ao nordeste.*

“Tendo feito escrever essas mesmas palavras por Bruce, e por todos os homens da tripulação

que sabiam escrever, constatou que a escrita não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não se descobriu nenhum estranho. O capitão, tendo consultado para saber se deveria seguir esse aviso misterioso, decidiu-se a mudar a direção e navegou para o nordeste, depois de colocar na vigia um homem seguro. Pelas três horas um pedaço de gelo foi assinalado, depois um navio desmastrado sobre o qual se viam vários homens. Chegando mais perto, soube-se que o navio havia rompido, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram embarcações para recolhê-los; mas, no momento em que chegavam a bordo, o Sr. Bruce, com grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que vira na cabine do capitão. Logo que a confusão se acalmou e que o navio retomou a sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: – Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia sobre a vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar; ei-lo; eu o jurarei diante da justiça.

“O capitão indo até esse homem, convidou-o a descer em sua cabine e pediu-lhe para escrever sobre a ardósia, do lado oposto àquele onde se encontrava a escrita misteriosa: *Dirigi ao nordeste*. O passageiro, intrigado com esta pergunta, não se conformou de nenhum modo com isso. O capitão, tendo pegado a ardósia, virou-a sem disfarçar, e mostrando ao passageiro as palavras escritas precedentemente, disse-lhe: – Está bem aí a vossa escrita? – Sem dúvida, uma vez que acabo de escrever diante de vós. – E esta? acrescentou ele

mostrando-lhe o outro lado. – Também esta é minha escrita; mas não sei como ela se fez, porque não escrevi senão de um lado. – Meu imediato, que aqui está, pretende vos ter visto hoje, ao meio-dia, sentado diante desta escrivaninha e escrevendo estas palavras. – É impossível, uma vez que não me conduziram sobre este navio senão há um instante.

“O capitão do navio naufragado, perguntado sobre esse homem, e sobre o que poderia ter se passado de extraordinário nele na manhã, respondeu: – Eu não o conheço senão como um de meus passageiros; mas um pouco antes do meio-dia, ele caiu num sono profundo do qual não saiu senão depois de uma hora. Durante seu sono, ele expressou a confiança de que seríamos logo libertados, dizendo que se via a bordo de um navio do qual ele descreveu a espécie e os petrechos, em tudo conforme com aquilo que vimos alguns instantes depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava nem de ter sonhado, nem de ter escrito o que quer que seja, mas somente que tinha conservado do sonho um pressentimento do qual não se dava conta, de que um navio vinha em seu socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo que está sobre este navio me parece familiar, e, todavia, estou muito seguro de nunca aqui ter vindo. Lá em cima o senhor Bruce contou-lhe as circunstâncias da aparição que tivera, e concluíram que esse fato fora providencial”.

Esta história é perfeitamente autêntica; o senhor Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que a narrou igualmente em

sua obra, cercou-se de todos os documentos que podem constatar-lhe a veracidade. [...] ⁽³²⁾

Nessa mesma obra, Allan Kardec, explicando as aparições, disse:

O fenômeno da aparição pode se produzir de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê; ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar o outro. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente os dois casos. ⁽³³⁾

Certamente, que o caso acontecido com Paulo se enquadra na primeira hipótese, ou seja, o Espírito que vem encontra a pessoa que vê. Um exemplo de um caso que representaria a segunda hipótese, quando o Espírito da pessoa que vê se transporta e vai encontrar o outro, podemos encontrar no livro de Reis; leiamos:

2 Reis 5,25-26: *“Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: 'Onde é que você foi, Giezi?' Ele respondeu: 'O seu servo não foi a lugar nenhum'. Mas Eliseu retrucou: '**Você pensa que o meu espírito não estava presente** quando alguém desceu*

do carro e foi encontrar você? [...]’.”

Pelo relato, o Espírito de Eliseu se transportou para o local onde se encontrava o seu servo chamado Giezi e viu o que ele estava aprontando (pediu dinheiro a Naamã), a ponto de deixá-lo numa situação embaraçosa ao desmenti-lo.

Portanto, temos a comprovação bíblica irrefutável para as duas situações propostas por Allan Kardec; o problema é que quase ninguém se dá conta disso. Nem mesmo o que falamos nessa obra conseguirá alguma coisa, pois a experiência tem-nos dito, que as pessoas acreditam naquilo que querem (especialmente naquilo que seus líderes religiosos dizem), pouco importa se é verdadeiro ou não; esse dilema não lhes persegue a mente.

Quanto aos intérpretes bíblicos, que pensam, que um anjo assumiu uma forma humana para aparecer a Paulo, sem qualquer respaldo bíblico, diga-se de passagem, fazem-no por não quererem admitir a realidade da manifestação dos Espíritos dos mortos, pois anjos, àquela época, eram seres humanos desencarnados, conforme já dito. Inclusive,

o fato de a Parapsicologia vir demonstrado que o Espírito (alma) pode sair do corpo, nada mais faz do que corroborar o que o Espiritismo já comprovou há muito tempo.

Conforme já o fizemos alhures, podemos comprovar isso, ou seja, que anjos e Espíritos são a mesma coisa, trazendo esse passo, que é exatamente a continuação do que estamos analisando:

*Atos 12,12-16: “Depois de assim refletir foi à casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitas pessoas estavam reunidas e oravam. Quando ele bateu ao portão do pátio, uma criada chamada Rode saiu a escutar; e, **reconhecendo a voz de Pedro**, de gozo não abriu o portão, mas, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava lá fora. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, assegurava que assim era. Eles então diziam: **É o seu anjo**. Mas Pedro continuava a bater, e, quando abriram, viram-no e pasmaram.”*

Explicando o caso: após um anjo libertar Pedro da prisão, este à casa da mãe de João (Marcos), onde estavam reunidas várias pessoas em oração. Rosa

vai atender a porta, reconhece a voz de Pedro; mas, de abri-la para que ele entrasse, volta correndo para dar a notícia aos outros. Entretanto, eles não acreditaram nela, pois pensavam que Herodes já havia mandado matar Pedro, já que o prendera com essa intenção. Assim, como o supunham morto, disseram “*É o seu anjo*”. Então concluímos que a expressão “*É o seu anjo*”, aqui empregada, significa admitirem a possibilidade de alguém já morto aparecer; o que, em outras palavras, poderia ser dito: “*É o seu Espírito*”. Assim, compreende-se que, àquela época, anjo significava também Espírito.

E para que isso não fique somente com sendo a nossa opinião, trazemos para corroborá-la o teólogo Russell Norman Champlin, que, em **O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3**, sobre o passo Atos 12,15, diz:

Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da alma. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, **sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu “anjo” ou “espírito” havia retornado**. Portanto,

aprendemos que aquilo é ordinariamente classificado como doutrina “espírita” era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, **aceitaram a possibilidade da comunicação com os espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.** ⁽³⁴⁾

O final de sua explicação é fantástico, não precisaríamos mais do que isso para comprovar a comunicação com os mortos.

Nossa tarefa agora será a de classificar, nas narrativas bíblicas, alguns fenômenos mediúnicos ou assuntos ligados à mediunidade. É bom esclarecer que não teremos a preocupação de levantar todos eles, visto ser um trabalho herculano, que, no momento, acreditamos não valer tanto a pena assim ser empreendido.

Fenômenos mediúnicos na Bíblia

Nas passagens que levantaremos, faremos algumas considerações, procurando facilitar o entendimento, visto ser mais fácil entendê-las com o conhecimento que o Espiritismo proporciona. Na **Revista Espírita 1864**, Allan Kardec assim explica essa questão:

Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral, não são ininteligíveis, muitos mesmo não parecem irracionais, senão por falta da chave **para compreender-lhes o verdadeiro sentido; esta chave está inteiramente no Espiritismo**, assim como já se puderam se convencer disso aqueles que o estudaram seriamente, e assim como se o reconhecerá melhor ainda mais tarde. **O Espiritismo se encontra por toda a parte na antiguidade e em todas as épocas da Humanidade**; por toda a parte dele se encontram os traços nos escritos, nas crenças, e sobre os monumentos; é por isso que, se abrem horizontes novos para o futuro, lança uma luz não menos viva sobre os mistérios do passado. ⁽³⁵⁾

Tentaremos, quando possível, classificar os fenômenos registrados na Bíblia, embora, em muitos casos isso será totalmente impossível, porquanto, as informações dos textos bíblicos não fornecem elementos suficientes para tal empreendimento. Faremos isso com a intenção de ajudar os que nada ou pouco sabem sobre o assunto, que é, segundo o nosso julgamento, muito bem explicado pelo Espiritismo.

Vamos separar, para fins didáticos, os ocorridos durante a vigência da Antiga Aliança com os que aconteceram na Nova Aliança.

a) Antigo Testamento

Gênesis 6,13-17: “**Então disse Deus a Noé:** *O fim de toda carne é chegado perante mim; porque a terra está cheia da violência dos homens; **eis que os destruirei juntamente com a terra.** Faze para ti uma arca de madeira de gôfer: farás compartimentos na arca, e a revestirás de betume por dentro e por fora. Desta maneira a farás: o comprimento da arca será de trezentos côvados, a sua largura de cinquenta e a sua altura de trinta. Farás na arca uma janela e lhe*

*darás um côvado de altura; e a porta da arca porás no seu lado; fá-la-ás com andares, baixo, segundo e terceiro. Porque eis que eu trago o dilúvio sobre a terra, para destruir, de debaixo do céu, toda a carne em que há espírito de vida; **tudo o que há na terra expirará**. Mas contigo estabelecerei o meu pacto; entrarás na arca, tu e contigo teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos.”*

O trecho “*Então disse Deus a Noé*” poderia ser interpretado como um intercâmbio espiritual, entretanto não é. Estamos colocando-o aqui apenas para demonstrar a enorme dificuldade que, às vezes, temos para identificar na Bíblia um fato real de uma ficção.

Hoje já sabemos que essa história do dilúvio nada mais é que uma mitologia, que os hebreus, tomaram dos babilônios, conforme poder-se-á corroborar com as seguintes explicações dos tradutores bíblicos:

a) Bíblia Sagrada – Santuário:

Dilúvio, etapa da História da Salvação: **A narração do Dilúvio, uma lenda babilônica assumida pela Bíblia, [...].** ⁽³⁶⁾

b) Bíblia de Jerusalém:

[...] **O tema de um dilúvio está presente em todas as culturas, mas os relatos da antiga Mesopotâmia têm um interesse particular por causa das semelhanças com o relato bíblico.** Este não depende delas diretamente (mas tal passagem pode traçar esse tipo de influência; assim, 8,6-12 e a tabuinha XI da *Epopéia de Gilgamesch*). **O autor sagrado carregou essas tradições com um ensinamento eterno sobre a justiça e misericórdia de Deus,** sobre a malícia do homem e a salvação concedida ao justo. [...]. ⁽³⁷⁾

c) Bíblia Sagrada – Paulinas 1980:

A história do dilúvio que se inicia e se estende até o cap. 8, **contém diversas repetições, devidas a duas fontes de que se serviu o hagiógrafo, justapondo-as, sem lhes limar as diferenças.** Sem dúvida, a narração, **baseia-se em fato histórico – lembrado também em numerosas narrativas babilônicas** – que não nos é dado estabelecer. Talvez se trate de **uma das numerosas inundações do vale do Tigre e do Eufrates, que a tradição ampliou até transformá-la em cataclisma universal,** estendido a toda a terra enxuta. O que é certo, porém, é que o autor sagrado não entende falar do cataclisma em si, mas, antes, ensinar importantes verdades, a primeira das quais, que Deus, justo juiz, castiga a humanidade culpada. A segunda é que também castigando, ele usa de misericórdia, quer deixando tempo para o arrependimento, quer salvando os justos. Terceira verdade é a da

unidade da criação: **Deus pusera as criaturas a serviço do homem, de sorte que agora o castigo infligido ao homem atinge também os animais.** Também são Paulo dirá que a criação agora geme sob a opressão do pecado, aguardando a redenção definitiva, com a ressurreição final (Rom 8,22). ⁽³⁸⁾

Consultando a palavra dilúvio no ***Dicionário Bíblico Universal***, encontramos:

Os “dilúvios” extrabíblicos

As mitologias populares, constatando inundações catastróficas das quais escaparam alguns raros preferidos dos deuses, são inúmeras. A literatura babilônica, que oferece um conjunto de textos referindo-se a um “dilúvio” ao qual teria escapado uma família, graças a uma “arca”, é apenas um exemplo.

Este poema é chamado “epopeia de Gilgamesh”: uma versão sumérica e duas recensões acádicas chegaram até nós. **As semelhanças entre as aventuras de Gilgamesh e as de Noé são impressionantes: a decisão de destruir a humanidade, o aviso feito a um homem para construir uma barca e embarcar nela animais, soltar aves quando as águas abaixassem, oferecer um sacrifício depois de passada a catástrofe e a bênção divina, tudo é idêntico.**

Mas existem diferenças significativas; segundo o relato bíblico, Javé é um deus único, enquanto que todos os deuses babilônicos se agitam no texto paralelo; e, mais ainda, o dilúvio não se deve à malvadez ou à inveja de Javé, mas é um castigo da humanidade pecadora, querido por Deus. ⁽³⁹⁾

Vejamos este trecho do comentário colocado pelos autores, após darem essa explicação sobre o dilúvio:

O texto bíblico do dilúvio é a versão israelita do mito babilônico. O original foi expurgado do politeísmo que o impregnava e utilizado por uma fé monoteísta e um sentido bem aperfeiçoado da divindade.

A bênção que Deus Enlil concedeu a Ut-napishtim foi transposta para uma bênção de Javé a Noé; a promessa de não mais destruir a humanidade também foi conservada. Mas o relato bíblico exprime duas teses que são pontos essenciais da fé javista: a eleição e a aliança. ⁽⁴⁰⁾

Então, vemos que os estudiosos estão bem conscientes de que o dilúvio bíblico não passa de uma versão hebraica do mito babilônico sobre o dilúvio.

Gênesis 12,1: *“Ora, o **Senhor disse a Abrão:** Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”*.

Essa manifestação de Deus a Abraão, bem como a Adão e Eva, a Caim, a Noé, a Moisés, entre tantas outras, podem ser vistas, isoladamente ou em conjunto, como ocorrendo uma das seguintes hipóteses:

- a) uma visão, se foi somente a sua “imagem”,
- b) uma materialização, se Ele foi visto, excluindo-se a hipótese anterior;
- c) um fenômeno de voz direta, se não foi visto;
- d) por audiência, se ocorreu apenas uma voz interna.

A dificuldade é saber o que de fato ocorreu, para poder classificar a ocorrência; sem maiores dados, não há como precisar isso. Fácil ficaria se fosse como o relatado em Gênesis 15,1, onde se diz que Deus apareceu a Abraão através de uma visão, ou como no passo Gênesis 18,1, no qual narra-se que Deus apareceu a Abrão, neste caso, seria uma materialização, no outro provavelmente uma visão.

O certo é que, muitas vezes, a descrição não nos permite agir com segurança para classificar como visão ou como uma materialização, pela precariedade de dados da narrativa, porém, seja uma ou outra, não deixa de ser um fenômeno mediúnico, é isso que nos importa.

Em relação às visões, várias delas podemos encontrar nas inúmeras passagens na Bíblia (Números 24,4; Isaías 1; 2,1; 13,1; 21,2; Ezequiel 11,24; 43,3; Daniel 7,2; 8,1; Obadias 1,1 (ou Abadias 1,1); Naum 1,1; Habacuque 1,1), e como exemplo, citamos:

Gênesis 15,1: *“Depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abrão **numa visão**, dizendo: Não temas, Abrão; eu sou o teu escudo, o teu galardão será grandíssimo.”*

Números 12,6: *“Então disse: Ouve agora as minhas palavras: se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, a ele **me farei conhecer em visão, em sonhos falarei com ele.**”*

Daniel 2,19: *“Então foi revelado o mistério a Daniel **numa visão de noite**; pelo que Daniel louvou o Deus do céu.”*

Parece-nos que as visões aconteciam tanto durante o dia, quanto à noite, nesta última situação, elas ocorriam também através dos sonhos.

Não é raro haver encontros com Espíritos (anjos) nos sonhos, pois, no momento que estamos dormindo, somente o corpo físico é que precisa de repouso, em virtude disso o Espírito fica livre e por não estar totalmente “preso” a ele, acaba indo aos locais, no plano espiritual, que mais se afina, pois aí, funciona a lei do “*semelhante atrai semelhante*” é o que no Espiritismo chamamos de emancipação da alma. Como exemplo desses encontros, podemos citar o caso do anjo que apareceu a José, pai de Jesus (Mateus 1,20; 2,13.19).

Em **O Livro dos Médiuns**, encontramos esta explicação bem interessante:

25ª Toda gente tem aptidão para ver os Espíritos?

“Durante o sono, todos têm; em estado de vigília, não. Durante o sono, a alma vê sem intermediário; no estado de vigília, acha-se sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos. Daí vem não serem totalmente idênticas as condições nos dois casos.” (41)

Na **Revista Espírita 1866**, Allan Kardec comentando sobre uma correspondência recebida, cujo teor dizia sobre “*A propósito do desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono*”, disse tratar-se de mediunidade mental, a qual explica:

Esta mediunidade, à qual damos o **nome de *mediunidade mental***, certamente não é feita para convencer os incrédulos, porque ela nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que ferem os sentidos; ela é toda para a satisfação íntima daquele que a possui; mas é preciso reconhecer também que ela se presta muito à ilusão, e que é o caso de se desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, dela não se poderia duvidar; pensamos mesmo que deve ser a mais frequente; porque o nome de pessoas que sentem, no estado de vigília, a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que sentem não ser o seu, é considerável; a impressão agradável ou penosa que se sente às vezes à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; **a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos**; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial,

ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. **A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes;** mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos. ⁽⁴²⁾

O que está se comentando aqui é sobre o caso de uma pessoa, que captava os pensamentos do seu guia espiritual, quando em estado de emancipação da alma durante o sono. Descreve, inclusive, que, nessa situação, recebia, até mesmo, visitas de outros Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados, com os quais entabulava comunicação mental. É a isso que Allan Kardec denomina de mediunidade mental, assegurando que *“todos dela possuem pelo menos os rudimentos”* e, na sequência, reafirma que: *“como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium”*.

Isso é exatamente o que encontramos no livro de Jó:

Jó 33,14-18: *“Pois **Deus fala** de um modo, e ainda de outro se o homem não lhe atende. **Em sonho ou em visão de noite**, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama; então **abre os ouvidos dos homens**, e os atemoriza com avisos, para apartar o homem do seu desígnio, e esconder do homem a soberba; para reter a sua alma da cova, e a sua vida de passar pela espada.”*

Esses avisos são transmitidos pelos Espíritos (anjos), podendo, inclusive, entre eles, encontrar-se parentes ou amigos, que já partiram para o além, pois os laços de amor, que nos unem aos entes queridos, não se rompem nem com a morte física deles.

Falando dos anjos, o autor de Hebreus, afirma: *“Não **são todos eles Espíritos ministradores**, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação?”* (Hebreus 1,14); portanto, podemos dizer que *“Primitivamente eram mensageiros de Deus para em Seu nome dirigir os homens, guiá-los, guardá-los, fortalecê-los, avisá-los, censurá-los e puni-los”*. ⁽⁴³⁾

Sobre as instruções dos Espíritos, leiamos, na

Revista Espírita 1866, esta fala de Allan Kardec:

As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visão dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, **seja em sonho**, seja no estado de vigília, **assim como se veem disto muitos exemplos na Bíblia**, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; donde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros. ⁽⁴⁴⁾

Onias, antigo sumo sacerdote, e o profeta Jeremias, por exemplo, já desencarnados apareceram em sonho para Judas Macabeu, conforme poder-se-á ver neste passo:

2 Macabeus 15,11-16: *“Judas ainda lhes contou um sonho digno de fé, uma espécie de visão, que muito os alegrou. **No sonho, ele viu** o seguinte: **Onias**, o antigo sumo sacerdote, homem correto e bom, respeitoso no encontro com as pessoas, manso no comportamento, precavido e delicado no falar, e bem educado desde criança em todo o seu*

comportamento virtuoso, esse homem, de mãos erguidas, rezava em favor de toda a comunidade judaica. **Da mesma forma, apareceu outra personagem extraordinária pela sua velhice e dignidade**, envolta num clarão de majestade maravilhosa. Então Onias disse: 'Este é o amigo dos seus irmãos, que está sempre rezando muito pelo povo e pela cidade santa. **É Jeremias, o profeta de Deus**'. Então Jeremias estendeu a mão direita e entregou a Judas uma espada de ouro, dizendo: 'Receba a espada santa, que é dom de Deus. Com ela, você destruirá os inimigos!'

Os que não aceitarem que anjos sejam Espíritos desencarnados, temos esses dois exemplos acima que servem para provar que pessoas desencarnadas podem aparecer em sonhos aos parentes e amigos, que ainda, “fora da pátria” (1 Pedro 1,17), se encontram na prisão física.

Gênesis 19,1-3: “Ao anoitecer, **os dois anjos chegaram a Sodoma**. Ló estava sentado à porta da cidade e, ao vê-los, levantou-se para os receber e **prostrou-se com o rosto por terra**. E disse: 'Senhores, fiquem hospedados em casa do seu servo, lavem os pés e, pela manhã, continuarão seu caminho'. Mas eles

*responderam: "Não! Nós vamos passar a noite na praça". Ló insistiu tanto que **eles foram para a casa dele** e entraram. Ló preparou-lhes uma refeição, **mandou assar pães sem fermento, e eles comeram.**"*

Ao que tudo indica e muito provavelmente, trata-se aqui de uma materialização: dois anjos (Espíritos) se apresentando a Ló; dormem em sua casa e até mesmo chegam a tomar refeição. Quanto ao comer, certamente, aconteceu de igual modo como ao anjo Rafael, que assim se explicou a Tobias dizendo: "Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência" (Tobias 12,19).

*Gênesis 41,1-32: "Passados dois anos inteiros, **Faraó sonhou** que estava em pé junto ao rio Nilo; e eis que subiam do rio sete vacas, formosas à vista e gordas de carne, e pastavam no carriçal. Após elas subiam do rio outras sete vacas, feias à vista e magras de carne; e paravam junto às outras vacas à beira do Nilo. E as vacas feias à vista e magras de carne devoravam as sete formosas à vista e gordas. Então Faraó acordou. Depois dormiu e **tornou a sonhar**; e eis que brotavam dum mesmo pé sete espigas cheias e boas. Após elas brotavam sete espigas miúdas e*

queimadas do vento oriental. e as espigas miúdas devoravam as sete espigas grandes e cheias. Então Faraó acordou, e eis que era um sonho. Pela manhã o seu espírito estava perturbado; pelo que **mandou chamar todos os adivinhadores do Egito, e todos os seus sábios. Faraó contou-lhes os seus sonhos, mas não havia quem lhos interpretasse.** [...] Então **Faraó mandou chamar a José,** e o fizeram sair apressadamente da masmorra. Ele se barbeou, mudou de roupa e apresentou-se a Faraó. Disse Faraó a José: Eu tive um sonho e não há quem o intérprete. Mas de ti ouvi dizer que, ouvindo contar um sonho, podes interpretá-lo. Respondeu José a Faraó: Isso não está em mim, **mas Deus é que dará uma resposta de paz a Faraó.** [...] Então disse José a Faraó: O sonho de Faraó é um só. O que Deus há de fazer, notificou-o a Faraó. As sete vacas boas são sete anos, e as sete espigas boas também são sete anos; o sonho é um só. As sete vacas magras e faias que subiam após as primeiras, são sete anos, como as sete espigas miúdas e queimadas do vento oriental: são sete anos de fome. Esta é a palavra que eu disse a Faraó: o que Deus há de fazer eu mostro a Faraó. Vêm sete anos de grande fartura em toda terra do Egito. Depois deles levantar-se-ão sete anos de fome, e toda aquela fartura será esquecida na terra do Egito, e a fome consumirá a terra. Não

*será conhecida a abundância na terra, por causa daquela fome que seguirá; porquanto será gravíssima. Ora, se o sonho foi duplicado a Faraó, é porque **esta coisa é determinada por Deus, e ele brevemente a fará.***

Para interpretar seus dois sonhos, o Faraó chamou os adivinhadores e sábios do Egito, como eles não conseguiram interpretá-los, mandou buscar José, que explicou ao Faraó o significado deles.

Entendemos, que, em outras oportunidades, eles, os adivinhos e sábios do Faraó, conseguiam dar conta do recado, assim, não temos alternativa senão considerar José como tendo os mesmos “dons” deles, pelo menos, no que se refere à interpretação de sonhos, que nada mais eram que os presságios, proibidos pelo Deuteronômio.

A diferença é que atribuíam o “dom” de José a Deus, o que para nós, não condiz com os fatos, uma vez que ambos – José e os adivinhos do Faraó, faziam a mesma coisa, por isso, deveriam ter os mesmos “dons”, se a origem de um era Deus, a dos outros, certamente, haveria de sê-la. Dessa forma, se admitirmos que esses “dons” eram o que chamamos

de mediunidade, então, podemos, seguramente, dizer que todos eles eram médiuns.

No caso de José, cognominado José do Egito, até mesmo o instrumento que utilizava para adivinhar, é relatado, conforme se vê na passagem que se segue.

Gênesis 44,1-5: *“Depois **José** deu ordem ao despenseiro de sua casa, dizendo: Enche de mantimento os sacos dos homens, quanto puderem levar, e põe o dinheiro de cada um na boca do seu saco. E a **minha taça de prata** porás na boca do saco do mais novo, com o dinheiro do seu trigo. Assim fez ele conforme a palavra que José havia dito. Logo que veio a luz da manhã, foram despedidos os homens, eles com os seus jumentos. Havendo eles saído da cidade, mas não se tendo distanciado muito, disse José ao seu despenseiro: Levantate e segue os homens; e, alcançando-os, dizelhes: Por que tornastes o mal pelo bem? **Não é esta a taça por que bebe meu senhor, e de que se serve para adivinhar?** Fizestes mal no que fizestes.”*

O que nos causa espécie é saber que José, que andava na graça de Deus (Gênesis 39,2), praticava a “*arte de adivinhar*”, exatamente, uma das coisas que

se havia proibido em Deuteronômio (Deuteronômio 18,9-14). Porém, essa atitude de José nos prova que, na verdade, a proibição era mesmo de Moisés, e não provinda de Deus; entretanto, para fazer com que o povo a seguisse, ele, por lhe faltar melhor alternativa, a apresentou como de origem divina.

Sobre essa taça, explicam-nos alguns tradutores bíblicos:

a) ***Bíblia Sagrada - Santuário:***

Trata-se da taça que servia para adivinhações, entre os egípcios. **Um dos ritos supersticiosos dos antigos era adivinhar presságios futuros pelos movimentos da água agitada numa taça por pepitas de ouro e prata.** Parece que José exercia a adivinhação, ou, então, fazer crer aos seus irmãos que também ele costuma fazer uso dessa superstição a fim de melhor esconder a sua identidade. ⁽⁴⁵⁾

b) ***Bíblia Shedd:***

Este copo de prata era vaso sagrado empregado para efeitos divinatórios, isto é, para se obter predição mágica, mediante a observação dos movimentos que os objetos lançados em seu

interior produziam no respectivo conteúdo. Tratava-se, sem dúvida, da explicação dada pelos egípcios para a **clarividência** demonstrada por José como capaz de interpretar sonhos. José, porém, atribuía todo critério ao próprio Deus (Gn 41,16) ⁽⁴⁶⁾

c) ***Bíblia Sagrada - Vozes:***

É uma prática divinatória, mais tarde proibida (Lv 19,31; Dt 18,9-14), pela qual se colocava uma gota de óleo sobre a **água dentro de uma taça**; de acordo com as formas assumidas pela gota julgava-se poder conhecer fatos ocultos ou futuros (44,15). ⁽⁴⁷⁾

Merece destaque a palavra clarividência utilizada, pois trata-se de um termo espírita, que, conforme consta do dicionário Houaiss, é *“faculdade por meio da qual o médium, sem empregar os sentidos, toma conhecimento do mundo exterior”*.

O que nos causou estranheza foi a afirmativa de que a adivinhação foi “mais tarde proibida”, pois sendo uma lei divina, ela o é de todos os tempos: *“Porque eu, o Senhor, não mudo.”* (Malaquias 3,6. Portanto, quando José a praticava já estava infringindo a lei de Deus. O que não é proibido numa

época e é numa outra são as leis humanas, porquanto, são falíveis e acompanham a evolução da sociedade.

Na **Revista Espírita 1864**, Allan Kardec conta o caso de um camponês que tinha a faculdade de ver, num copo, as coisas distantes: clarividência. Essa maneira de prever ou saber das coisas utilizando-se de um simples copo é, visivelmente, semelhante ao que José fazia com sua taça. Das considerações que tece sobre o assunto, transcrevemos o que julgamos de mais importante ao presente estudo:

Seu copo é um copo de beber comum, vazio; mas é sempre o mesmo, e que não serve senão para esse uso; não poderia nisso empregar outro. Na previsão de um acidente, foi indicado onde poderia encontrar um deles para substituí-lo; tendo-o procurado, o mantém de reserva. Quando ele o interroga, o tem na concha da mão, e olha no interior; se o copo está colocado sobre a mesa, nada vê. Quando fixa seu olhar sobre o fundo, seus olhos parecem se velar um instante, depois retomam logo seu brilho habitual; então, olhando alternativamente seu copo e seus interlocutores, fala como de hábito, dizendo o que vê, respondendo às perguntas, de maneira simples, natural e sem ênfase.

[...].

Um exame atento dos fatos acima demonstra uma completa analogia entre essa faculdade e o fenômeno designado sob os nomes de *segunda vista*, *dupla vista*, ou *sonambulismo desperto*, e que está descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro Dos Médiuns*, cap. XIV...

Ela tem, pois, seu princípio na propriedade radiante do fluido perispiritual, que permite à alma, em certos casos, perceber as coisas à distância, de outro modo dito, na *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que veem, é a alma que, por seus raios, atinge um ponto dado, exerce sua ação fora e sem o concurso dos órgãos corpóreos. [...].

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou, e que, do mesmo modo que os outros sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil; ele tem por agente o fluido perispiritual, como a visão corpórea tem por agente o fluido luminoso; do mesmo modo que a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos sobre a retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões; esse fluido, como todos os outros fluidos, têm seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

[...].

Uma vez que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que os indivíduos dotados da

visão espiritual vejam numa borra de café, no branco dos olhos, na concha da mão ou nas cartas, o que outros veem num copo d'água, e dizem às vezes coisas verdadeiras. [...].

[...].

As pessoas dotadas da visão espiritual podem ser consideradas como médiuns? Sim e não, segundo as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mecânico. Aquele que possui a visão espiritual vê por seu próprio Espírito, e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; não é médium porque vê, mas pelo fato de suas relações com outros Espíritos. Segundo sua natureza boa ou má os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, fazê-lo ver coisas justas ou falsas, o que depende também do objetivo que se propõe, e da utilidade que podem apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos que se divertem às custas das pessoas muito crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios não intervêm senão nas coisas sérias, e os *videntes melhores dotados podem nada ver se não lhes é permitido responder ao que se lhes pergunta, ou ser perturbado por visões ilusórias para punir os curiosos indiscretos*. Se bem que possua em si próprio sua faculdade, e por transcendente que ela seja, não lhe é sempre livre usá-la à sua vontade. Frequentemente, os

Espíritos lhe dirigem o emprego, e se dela abusa, nisso é o primeiro punido pela intromissão dos maus Espíritos. (48)

Certamente, que isso, que Allan Kardec disse acima, pode, muito bem, ser aplicado ao caso de José.

No ano de 1865, especificamente na **Revista Espírita 1865**, Allan Kardec volta a encontrar-se com esse camponês trazendo novas considerações, das quais trasladamos:

É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se junta a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não o for de maneira permanente; quer dizer que a lucidez dele é pessoal, e não o fato dos Espíritos, mas que os Espíritos podem dar a essa lucidez tal direção que lhes convenha, num caso determinado, inspirar-lhe o que deve dizer, e não deixá-lo dizer o que não é preciso. E, pois, se for preciso, *médium inconsciente*. (49)

É característico do codificador procurar deixar as coisas bem esclarecidas, eis o motivo de muitas vezes ele voltar a um assunto.

Êxodo 3,1-4 *“Ora, Moisés estava apascentando o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e levou o rebanho para trás do deserto, e chegou a **Horebe, o monte de Deus. E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima. E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui.”***

No texto a expressão “o anjo do Senhor” designa o Espírito que protegia os hebreus, que se manifestava a Moisés a fim de lhe dar instruções acerca da sua missão de libertá-los do jugo dos egípcios. Tudo leva a crer que aqui, mais uma vez, temos um fenômeno de materialização, ou, na pior das hipóteses, um de voz direta, não há como precisar, por falta de informações.

Êxodo 7,10-11: *“Então Moisés e Arão foram ter com Faraó, e fizeram assim como o Senhor ordenara. **Arão lançou a sua vara diante de Faraó e diante dos seus servos, e ela se tornou em serpente. Faraó também mandou***

*vir os sábios e encantadores; e eles, **os magos do Egito, também fizeram o mesmo com os seus encantamentos.***”

Êxodo 7,20-22: “Fizeram Moisés e Arão como lhes ordenara o Senhor; **Arão, levantando a vara, feriu as águas que estavam no rio, diante dos olhos de Faraó, e diante dos olhos de seus servos; e todas as águas do rio se tornaram em sangue. [...] Mas o mesmo fizeram também os magos do Egito com os seus encantamentos;** de maneira que o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.”

Êxodo 8,6-7: “**Arão, pois, estendeu a mão sobre as águas do Egito, e subiram rãs, que cobriram a terra do Egito. Então os magos fizeram o mesmo com os seus encantamentos, e fizeram subir rãs sobre a terra do Egito.**”

Temos aqui os três supostos milagres produzidos por Moisés e seu irmão Arão (Aarão em algumas traduções), para convencer o Faraó a libertar os hebreus, porém, os magos do Egito fazem de igual modo.

Ora, isso demonstra que os poderes de ambos os lados, nos casos mencionados, foram os mesmos.

Dessa forma, atribuir-se, aos dois hebreus, algum dom proveniente de Deus, há, por coerência, ter que atribuí-los também aos magos do Egito, pelo simples fato de que todas as nossas faculdades, incluindo a mediúncia, provém de Deus, uma vez que foi Ele que as deu a todos os seres humanos.

Êxodo 13,21-22: *“E o Senhor ia adiante deles, de dia numa **coluna de nuvem** para os guiar pelo caminho, e de noite numa **coluna de fogo** para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Não desaparecia de diante do povo a **coluna de nuvem** de dia, nem a **coluna de fogo** de noite.”*

Números 12,5: *“Então o Senhor desceu em uma **coluna de nuvem**, e se pôs à porta da tenda; depois chamou a Arão e a Miriã, e os dois acudiram.”*

Deuteronômio 31,15 *“Então o Senhor apareceu na tenda, na **coluna de nuvem**; e a coluna de nuvem parou sobre a porta da tenda.”*

Ao ver nesses textos a descrição de “*uma coluna de nuvem*”, lembramo-nos do processo de materialização, no qual ocorre a liberação do ectoplasma do médium, que, em alguns casos, tem

semelhança a uma coluna de nuvem. Então, as narrativas acima (ver também: Êxodo 14,19.24; 33,9-10; Números 14,14; Neemias 9,12.19; Salmo 99,7) têm todas as características de uma materialização, portanto, poderíamos classificá-las como tal.

Eis um bom exemplo, da coluna de nuvem, na foto à sua direita, que apareceu numa materialização (⁵⁰):



Ajudante - médium dentro da cabine - coluna de nuvem

Categoricamente, não podemos dizer que é o mesmo fenômeno que aconteceu com os hebreus,

mas que as chances são grandes, isso é, para nós, bem claro.

Êxodo 19,10-20: *“Disse mais o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e **santifica-os hoje e amanhã; lavem eles os seus vestidos**, e estejam prontos para o terceiro dia; porquanto **no terceiro dia descera o Senhor** diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai. Também **marcarás limites ao povo em redor**, dizendo: Guardai-vos, não subais ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte será morto. Mão alguma tocará naquele que o fizer, mas ele será apedrejado ou asseteado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar a buzina longamente, subirão eles até o pé do monte. Então Moisés desceu do monte ao povo, e santificou o povo; e lavaram os seus vestidos. E disse ele ao povo: Estai prontos para o terceiro dia; e **não vos chegueis a mulher**. Ao terceiro dia, ao amanhecer, **houve trovões, relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte; e ouviu-se um somido de buzina mui forte**, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Nisso todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e*

a fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia fortemente. E, crescendo o somido da buzina cada vez mais, Moisés falava, e Deus lhe respondia por uma voz. E, tendo o Senhor descido sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu.”

Algo de sério estava por acontecer, pois as recomendações de: santificar o povo, lavar os vestidos, não passar de um determinado limite ao redor da montanha, não ter relações sexuais com suas mulheres, nos apontam para isso. E no dia aprazado *“houve trovões, relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte; e ouviu-se um somido de buzina muito forte”*, também reforça essa ideia.

Precisar o que aconteceu, não temos como fazê-lo, entretanto, a hipótese mais provável seria, novamente, a de ser um fenômeno de materialização, porém, significativamente, diferente dos anteriores, dados as recomendações e as ocorrências naturais que se manifestaram.

Êxodo 31,18: *“E deu a Moisés, quando acabou de falar com ele no monte Sinai, as duas tábuas do testemunho, **tábuas de pedra,***

escritas pelo dedo de Deus.

Aqui é bem provável que ocorreu um fenômeno de escrita direta, caso o fato tenha acontecido dessa forma. Algum Espírito a produziu, utilizando-se da energia que denominamos de ectoplasma. Não atribuímos tal fato a Deus, porquanto, julgamos que Ele não se manifesta diretamente aos homens, mas, sim, através de seus ministros: os anjos (Espíritos), justificamos retomando o que Jesus disse: *“Ninguém jamais viu a Deus”* (João 1,18) e apresentando estes passos, onde fica claro que quem passou a lei a Moisés foram os anjos:

Gálatas 3,19: *“[...] **A Lei foi promulgada pelos anjos** e um homem serviu de intermediário.”* (Bíblia Pastoral)

Atos 7,30: *“E passados mais quarenta anos, apareceu-lhe **um anjo** no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo no meio de uma sarça.”*

Atos 7,53: *“vós, que recebestes **a lei por ordenação dos anjos**, e não a guardastes.”*

Em Gálatas 3,19, vê-se que Moisés foi o intermediário da Lei, que os anjos lhe passaram;

portanto, ele, sem dúvida, era um médium, que é exatamente uma pessoa intermediária entre os que vivem no plano espiritual e os que ainda se encontram no físico.

Êxodo 33,7-11: *“Moisés pegou a tenda e armou-a fora e longe do acampamento, e a chamou tenda da reunião. **Quem queria consultar a Javé**, devia ir até a tenda da reunião, que estava fora do acampamento. Quando Moisés se dirigia para a tenda, todo o povo se levantava e ficava na entrada da própria tenda, seguindo Moisés com o olhar, até que ele entrasse na tenda. **Quando Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e ficava na entrada da tenda**, enquanto Javé falava com Moisés. Quando o povo via a **coluna de nuvem** parada na entrada da tenda, cada um se levantava e se prostrava à entrada da própria tenda. **Javé falava com Moisés face a face**, como um homem fala com o amigo. Depois Moisés voltava para o acampamento, enquanto seu ajudante, o jovem Josué, filho de Nun, não se afastava do interior da tenda.”* (Bíblia Pastoral).

Destacamos esse passo apenas para mostrar que Moisés, o médium, era o intermediário entre o

povo e o seu Espírito protetor, que sempre foi confundido com a própria divindade. A prática comum de consultá-lo está evidente nos textos bíblicos. Porque asseveramos não ser Deus, pelo fato, já afirmado, de que *“Ninguém jamais viu a Deus”* (João 1,18) e, no próprio livro de Moisés, o ser, que lhe aparece, afirma: *“Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver”* (Êxodo 33,20). Ora, se nem a este ser, Moisés consegue vê-lo “face a face”, por correr risco de morrer, imagine se ele fosse a própria divindade?

Números 11,24-29: *“Saiu, pois, Moisés, e relatou ao povo as palavras do Senhor; e ajuntou setenta homens dentre os anciãos do povo e os colocou ao redor da tenda. Então o Senhor desceu: na nuvem, e lhe falou; e, **tirando do espírito que estava sobre ele, pô-lo sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o espírito repousou sobre eles profetizaram**, mas depois nunca mais o fizeram. Mas no arraial ficaram dois homens; chamava-se um **Eldade**, e o outro **Medade; e repousou sobre eles: o espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram para irem à tenda; e profetizavam no arraial**. Correu, pois, um*

*moço, e o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizaram no arraial. Então Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus mancebos escolhidos, respondeu e disse: Meu Senhor Moisés, proíbe-lho. Moisés, porém, lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? **Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles!**"*

A metáfora de tirar do Espírito que estava sobre Moisés para por nos setenta anciãos, nada mais é que um fenômeno mediúnico, no qual, todos eles, por algum motivo, passaram a profetizar, porém, somente naquele dia. Pelo fato dos setenta anciãos profetizarem, imaginou-se que também estavam sobre influência do Espírito que acompanhava Moisés, que seria, para nós, o seu guia. Na verdade, cada um deles estava sobre influência de um Espírito em particular, não era uma influência coletiva causada por apenas um Espírito.

Interessante é que os médiuns Eldade e Medade, mesmo não estando junto com eles na tenda, mas no arraial, também passaram a profetizar. E logo aparece um dedo-duro, muito ciumento, para denunciá-los a Moisés, que porém lhe

disse: “*Quem dera que todo Israel profetizasse como eles*”. Não temos dúvida de que os dois – Eldade e Medade, eram, sem dúvida, médiuns sérios, que usavam a mediunidade para motivos nobres, daí serem bem-conceituados diante de Moisés.

Números 22:,22-34: “*A ira de Deus se acendeu, porque ele ia, e o anjo do Senhor pôs-se-lhe no caminho por adversário. Ora, ele ia montado na sua jumenta, tendo consigo os seus dois servos. **A jumenta viu o anjo do Senhor parado no caminho**, com a sua espada desembainhada na mão e, desviando-se do caminho, meteu-se pelo campo; pelo que Balaão espancou a jumenta para fazê-la tornar ao caminho. Mas o anjo do Senhor pôs-se numa vereda entre as vinhas, havendo uma sebe de um e de outro lado. Vendo, pois, a jumenta o anjo do Senhor, coseu-se com a sebe, e apertou contra a sebe o pé de Balaão; pelo que ele tornou a espancá-la. Então o anjo do Senhor passou mais adiante, e pôs-se num lugar estreito, onde não havia caminho para se desviar nem para a direita nem para a esquerda. E, vendo a jumenta o anjo do Senhor, deitou-se debaixo de Balaão; e a ira de Balaão se acendeu, e ele espancou a jumenta com o bordão. **Nisso abriu o Senhor a boca da jumenta, a qual perguntou a Balaão:***

Que te fiz eu, para que me espancasses estas três vezes? **Respondeu Balaão à jumenta:** Porque zombaste de mim; oxalá tivesse eu uma espada na mão, pois agora te mataria. Tornou a jumenta a Balaão: Porventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste toda a tua vida até hoje? Porventura tem sido o meu costume fazer assim para contigo? E ele respondeu: Não. **Então o Senhor abriu os olhos a Balaão, e ele viu o anjo do Senhor parado no caminho,** e a sua espada desembainhada na mão; pelo que inclinou a cabeça, e prostrou-se com o rosto em terra. Disse-lhe o anjo do senhor: Por que já três vezes espancaste a tua jumenta? Eis que eu te saí como adversário, porquanto o teu caminho é perverso diante de mim; a jumenta, porém, me viu, e já três vezes se desviou de diante de mim; se ela não se tivesse desviado de mim, na verdade que eu te haveria matado, deixando a ela com vida. Respondeu Balaão ao anjo do Senhor: pequei, porque não sabia que estavas parado no caminho para te opores a mim; e agora, se parece mal aos teus olhos, voltarei.”

Informam-nos os tradutores da **Bíblia Sagrada - Vozes** que:

Balaão foi um profeta ou adivinho pagão

muito famoso na Transjordânia, como no-lo atesta uma recente descoberta de inscrições, atribuindo-lhe oráculos, em *Deir-Alla*, no vale de Jacob ('rio da terra dos filhos de Amon', v. 5). [...]. ⁽⁵¹⁾ (itálico do original)

Aqui o vemos envolvido com o fenômeno mediúnico, no qual foi admoestado por um anjo.

Embora muitos acreditem que a jumenta tenha falado, simplesmente porque isso consta da Bíblia, nós não; porquanto, tal fato é um absurdo. Os animais não têm a sua estrutura bucal formada para poderem falar, o “*design*” de sua boca só lhes permite emitirem sons.

A espécie mais próxima do homem, é a dos primatas, cujos genes, comparados com os dos homens, correspondem: a) Chimpanzé 99,4%; b) Bonobos: 98,0%; c) Gorilas: 97,5% e d) Orangotangos: 96,3%; que, apesar dessa tão insignificante diferença para nós (entre 0,6 a 3,7%), não falam, e ainda querem que uma jumenta fale: haja credence!

Números 27,15-23: “*Respondeu Moisés ao*

*Senhor: Que o senhor, Deus dos espíritos de toda a carne, **ponha um homem sobre a congregação**, o qual saia diante deles e entre diante deles, e os faça sair e os faça entrar; para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor. Então disse o Senhor a Moisés: Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe a mão; e apresenta-o perante Eleazar, o sacerdote, e perante toda a congregação, e dá-lhe a comissão à vista deles; e sobre ele porás da tua glória, para que lhe obedeça toda a congregação dos filhos de Israel. Ele, pois, se apresentará perante Eleazar, **o sacerdote, o qual por ele inquirirá segundo o juízo do Urim, perante o Senhor**; segundo a ordem de Eleazar sairão, e segundo a ordem de Eleazar entrarão, ele e todos os filhos de Israel, isto é, toda a congregação. Então Moisés fez como o Senhor lhe ordenara: tomou a Josué, apresentou-o perante Eleazar, o sacerdote, e perante toda a congregação, impôs-lhe as mãos, e lhe deu a comissão; como o Senhor falara por intermédio de Moisés.”*

Segundo o que consta nessa passagem, Moisés pede a Deus que indique alguém para liderar o povo, pelo motivo de que ele morreria antes de chegar à Terra Prometida (Números 27,13). A instrução para se fazer isso é que pode parecer um fenômeno

mediúnico; mas, não o é. Foi recomendado utilizar o “*juízo do Urim*”, um das duas pedras, em forma de dado, também chamadas de sortes sagradas, que o sacerdote matinha no peitoral do juízo, parte de sua vestimenta, com as quais “adivinrava” a vontade de Deus (Êxodo 28,30).

Na ***Bíblia Shedd***, explica-nos Russell P. Shedd (1929-2016), o passo Êxodo 28,15, onde se institui o peitoral do juízo:

O peitoral do juízo. Um tipo de bolso feito de materiais preciosos, para ser pendurado no peito, preso aos ombros. Continha o **Urim e o Tumim** (30) e por isso se chama de *juízo*, porque estes objetos **eram usados para consultar a vontade divina**. Só eram usados pelos sacerdotes (cf. Ed 2,63) e vemos em vários trechos da Bíblia que serviam para dar uma série de respostas: “sim” ou “não” (1Sm 23,9-14, 30,7-8). Nota-se, especialmente, o processo eliminatório descrito em 1Sm 14,40-45. Enfim, parece que **era a maneira de se lançar sortes** em oração. ⁽⁵²⁾

Então, vemos que várias “consultas” a Deus, constantes da Bíblia, que, curiosamente, são encontradas apenas no Antigo Testamento, nada

mais eram que o lançamento das sortes sagradas – urim e tumim –, sem constrangimento, é algo em que “*nós diríamos 'cara ou coroa'*” (53)

Deuteronômio 34,9: “*Ora, Josué, filho de Num, foi cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés lhe tinha imposto as mãos; assim se filhos de Israel lhe obedeceram, e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés.*”

Após Moisés impor as mãos em Josué, ele ficou “*cheio do Espírito de sabedoria*”, o que para nós, indica que a partir desse momento, não sabemos as razões, o canal de comunicação de Josué para com o seu protetor foi aberto, assim, ocorreu de “possuir” sabedoria, que, na verdade, era por pura inspiração desse anjo, que o protegia. Quem dera que pudéssemos ter sabedoria apenas com a imposição de mãos de alguém que a tenha de sobra!

O ato de impor as mãos e com isso se abrir o “canal mediúnico” acontecerá algumas vezes no Novo Testamento, conforme demonstraremos. A explicação para esse fato pode estar nos efeitos do magnetismo. A ação magnética, proveniente da

imposição de mãos, de uma pessoa sobre uma outra, pode colocá-la num estado sonambúlico. Vejamos o que Allan Kardec, em **O Livro dos Médiuns**, falou sobre médiuns sonambúlicos:

172. Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. **O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito**; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. **Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação.** Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. **Podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos.** O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com frequência sugerido por outros Espíritos. Aqui está

um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela e de modo inequívoco. (54)

Nesse estado sonambúlico uma pessoa pode receber informações dos Espíritos e passá-las para os outros. Ver-se-á acontecer, em vários casos, que tais informações estão bem acima da capacidade intelectual dela ou até mesmo falará de assuntos que lhe são totalmente desconhecidos. Dá-se a impressão que, de uma hora para outra, ela se tornou um sábio, conforme, o que se presume do passo bíblico, ao ser dito que Josué ficou cheio “*do Espírito de sabedoria*”.

Josué 5,13-14: *“Ora, estando Josué perto de Jericó, levantou os olhos, e olhou; e eis que estava em pé diante dele **um homem que tinha na mão uma espada nua**. Chegou-se Josué a ele, e perguntou-lhe: És tu por nós, ou pelos nossos adversários? Respondeu ele: Não; mas venho agora como **príncipe do exército do Senhor**. Então Josué, **prostrando-se com o rosto em terra, o adorou e perguntou-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo?**”*

O fenômeno mediúnico ocorrido no passo foi,

provavelmente, o de materialização de um anjo (um homem), que se apresentou a Josué. Será que aqui temos o mesmo anjo que apareceu a Balaão, aquele com uma espada na mão?

Aprestamos mais um passo para exemplo de que os anjos tinham aparência de homens:

Juízes 13,1-5: *“Havia um homem de Saraá, da clã de Dã, cujo nome era Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos. **O Anjo de lahweh apareceu a essa mulher** e lhe disse. 'Tu és estéril e não tiveste filhos, mas conceberás e darás à luz um filho. De agora em diante toma cuidado: não bebas vinho nem qualquer bebida fermentada, e não comas nenhuma coisa impura. Porque conceberás e terás um filho. Sobre a sua cabeça não passará navalha, porque o menino será nazireu de Deus desde o ventre de sua mãe. Ele começará a salvar a Israel das mãos dos filisteus'. A mulher entrou e disse ao seu marido: '**Um homem de Deus me falou, um homem que tinha a aparência de um anjo de Deus**, a tal ponto era temível. Não lhe perguntei donde vinha, e nem ele me disse o seu nome'.”*

O interessante é que os anjos são vistos como

aparência de homens, o que confirma a hipótese de que eles não são mais que seres humanos desencarnados, inclusive, até quanto a seus nomes, os têm iguais a nós: Gabriel (Daniel 8,16; 9,21; Lucas 1,19), Miguel (Daniel 10,13.21; 12,1; Judas 9) e Rafael (Tobias 3,17; 12,15).

Veja, caro leitor, como Flávio Josefo, em ***História dos Hebreus***, fala do assunto:

[...] Um dia, quando essa mulher estava sozinha, **um anjo apareceu-lhe sob a forma de um moço de incomparável beleza, de porte admirável** e disse-lhe que ele lhe vinha anunciar da parte de Deus, que ela seria mãe de um filho maravilhosamente belo e cuja força seria tão extraordinária, que mesmo não tendo ainda entrado no vigor da juventude, ele venceria os filisteus; mas que Deus proibia que lhe cortassem os cabelos e ordenava que lhe dessem somente água, como bebida. [...]. ⁽⁵⁵⁾

Trata-se do personagem Sansão essa criança que nasceria. Pelo visto a crença comum era mesmo que os anjos pareciam com os homens, certamente, conforme já dito, eram mesmo Espíritos humanos desencarnados.

Juízes 3,10: “**Veio sobre ele o Espírito do Senhor**, e ele julgou a Israel; saiu à peleja, e o Senhor lhe entregou Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia, [...]”

Juízes 6,34: “Mas **o Espírito do Senhor apoderou-se de Gideão**; e tocando ele a trombeta, os abiezritas se ajuntaram após ele.”

Juízes 11,29: “Então **o Espírito do Senhor veio sobre Jefté**, de modo que ele passou por Gileade e Manassés, e chegando a Mizpá de Gileade, dali foi ao encontro dos amonitas.”

Juízes 13,25: “E **o Espírito do Senhor começou a incitá-lo [Sansão]** em Maanédã, entre Zorá e Estaol.”

Juízes 14,6: “Então **o Espírito do Senhor se apossou dele [Sansão]**, de modo que ele, sem ter coisa alguma na mão, despedaçou o leão como se fosse um cabrito. E não disse nem a seu pai nem a sua mãe o que tinha feito.”

Juízes 14,19: “**Então o Espírito do Senhor se apossou dele [Sansão]**, de modo que desceu a Asquelom, matou trinta dos seus homens e, tomando as suas vestes, deu-as aos que declararam o enigma; e, ardendo em ira, subiu à casa de seu pai.”

Juízes 15,14: “Quando ele chegou a Leí os

*filisteus lhe saíram ao encontro, jubilando. **Então o Espírito do Senhor se apossou dele** [Sansão], e as cordas que lhe ligavam os braços se tornaram como fios de linho que estão queimados do fogo, e as suas amarraduras se desfizeram das suas mãos.”*

1 Samuel 10,6: “E **o Espírito do Senhor se apoderará de ti, e profetizarás** com eles, e serás transformado em outro homem.”

1 Samuel 10,10: “Quando eles iam chegando ao outeiro, eis que um grupo de profetas lhes saiu ao encontro; e o **Espírito de Deus se apoderou de Saul**, e ele **profetizou** no meio deles.”

1 Samuel 11,6: “Então **o Espírito de Deus se apoderou de Saul**, ao ouvir ele estas palavras; e acendeu-se sobremaneira a sua ira.”

1 Samuel 16,13: “Então Samuel tomou o vaso de azeite, e o ungiu no meio de seus irmãos; e daquele dia em diante **o Espírito do Senhor se apoderou de Davi** [...].”

1 Samuel 19,20: “Então enviou Saul mensageiros para prenderem a Davi; quando eles viram a congregação de profetas profetizando, e Samuel a presidi-los, **o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul**, e também eles

profetizaram.”

1 Samuel 19,23: “Foi, pois, para Naiote, em Ramá; e **o Espírito de Deus veio também sobre ele**, e ele ia caminhando e **profetizando**, até chegar a Naiote, em Ramá.”

2 Samuel 23,2: “**O espírito de Javé fala por mim** [Davi], sua palavra está na minha língua”.

1 Crônicas 12,18: “Então **veio o espírito sobre Amasai**, chefe dos trinta, que disse: [...].”

2 Crônicas 15,1: “Então **veio o Espírito de Deus sobre Azarias**, filho de Odede.”

2 Crônicas 18,23: “Então Zedequias, filho de Quenaaná, chegando-se, feriu a Micaías na face e disse: **Por que caminho passou de mim o Espírito do Senhor para falar a ti?**”

2 Crônicas 20,14: “No meio da assembleia **o espírito de Javé desceu sobre Jaziel**, filho de Zacarias, [...].”

2 Crônicas 24,20: “E **o Espírito de Deus apoderou-se de Zacarias**, filho do sacerdote Jeoiada, o qual se pôs em pé acima do povo, [...].”

Ezequiel 2,2: “Então, quando ele falava comigo **entrou em mim o Espírito**, e me pôs em pé,

e ouvi aquele que me falava.”

Ezequiel 3,24: “Então **entrou em mim o Espírito**, e me pôs em pé; e falou comigo, e me disse: *Entra, encerra-te dentro da tua casa.*”

Ezequiel 11,5: “Então **sobre mim pousou o espírito de Javé** e me disse: [...].”

Jeremias 1,9: “Então **Javé** estendeu a mão, tocou em minha boca e **me disse: 'Veja: estou colocando minhas palavras em sua boca'**.”

Isaías 59,21: “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz lahweh, **o meu espírito está sobre ti** e as **minhas palavras que pus na tua boca** não se afastarão dela, nem da boca dos teus filhos, nem da boca dos filhos dos teus filhos, diz lahweh, desde agora e para sempre.”

Isaías 11,2: “E **repousará sobre ele o Espírito do Senhor**, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor.”

Isaías 32,15: “Até que se **derrame sobre nós o espírito lá do alto**, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque.”

Se, em todas as passagens acima, mudarmos o artigo definido “o”, para o indefinido “um”, teremos, para complemento das expressões “veio sobre”, “apoderou-se”, “apossou-se”, “desceu sobre”, “pousou”, “está sobre ti”, “repousar”, “derramar”, “entrou em mim”, os termos “**UM** Espírito”, algo mais condizente com a realidade; porquanto, Deus não faria tantas coisas absurdas como as citadas em alguns desses passos, próprias de Espíritos atrasados que, como sabemos, muitas vezes influenciam as pessoas até mesmo para fazer coisas contrárias ao bem.

As expressões “colocando palavras na minha boca” e “fala por mim” é o que exatamente acontece, com alguns médiuns, nos quais destaca-se a mediunidade de psicofonia, na qual um Espírito utiliza-se da boca do medianeiro, para dar a sua mensagem.

1 Samuel 9,1-27: *“Entre os benjaminitas, havia um homem chamado Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia. Era um benjaminita muito importante. Esse homem tinha um filho chamado Saul, jovem de boa aparência. Era um israelita imponente: os*

outros lhe chegavam apenas até os ombros. **As jumentas de Cis, pai de Saul, tinham se extraviado.** Cis disse ao filho Saul: 'Chame um dos empregados e vá procurar as jumentas'. Eles cruzaram a região montanhosa de Efraim, atravessaram o território de Salisa, mas não as encontraram. Atravessaram a região de Salim, e nada. Atravessaram a região de Benjamim, e nem aí encontraram as jumentas. Quando chegaram ao território de Suf, Saul disse ao empregado que o acompanhava: 'Vamos voltar, senão o meu pai vai ficar mais preocupado conosco do que com as jumentas'. O empregado, porém, sugeriu: 'Olhe, na cidade vizinha há **um homem de Deus** que é muito famoso. Tudo o que ele diz, acontece de fato. Vamos até lá. **Quem sabe ele nos possa orientar sobre o caminho que devemos seguir**'. Saul disse ao empregado: 'Podemos ir. Mas o que vamos oferecer a esse homem? Já não temos pão na sacola. **Não temos nada para oferecer a esse homem de Deus.** Será que sobrou alguma coisa?' O empregado respondeu: '**Tenho aqui uma pequena moeda de prata.** Vou oferecê-la ao homem de Deus, e ele nos dará uma orientação'. (**Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'**). Saul

*replicou: 'Ótimo, vamos lá'. E foram à cidade onde morava o homem de Deus. ... Saul chegou perto de **Samuel**, no meio da porta, e lhe perguntou: 'O senhor pode me dizer onde é a casa do vidente?' **Samuel respondeu: 'Eu sou o vidente. Suba na minha frente até o lugar alto. Hoje você comerá comigo, e amanhã de manhã você irá embora. Vou resolver a questão que o preocupa. Não se preocupe com as jumentas que você perdeu há três dias. Elas já foram encontradas. Aliás, de quem é toda a riqueza de Israel? Não é, por acaso, sua e da família do seu pai?'. "***

Três coisas podemos retirar desse relato. A primeira é que as pessoas do povo geralmente buscavam os videntes (profetas) para saber de coisas mundanas, como aqui no relato, no qual queriam descobrir o paradeiro das jumentas extraviadas; para eles, isso era consultar a Deus; porém, acreditamos, trata-se de Espíritos que se apresentavam para atendê-los, NUNCA a própria divindade. Segunda, é que o profeta Samuel nada mais era do que um médium, assim como todos os outros designados como tal.

A frase "Porque, em lugar de 'profeta', como

se diz hoje, dizia-se 'vidente'”, atualizando-a, para refletir o que o Espiritismo proporciona de conhecimento sobre as relações do mundo invisível com o visível, diríamos: “**Porque, em lugar de médium, como se diz hoje, dizia-se 'profeta'**”. A última, diz respeito ao pagamento que se fazia aos videntes, fato que pode transformar alguns profetas em pessoas interesseiras, não estamos generalizando, e que por isso, às vezes, ao responder aos consulentes, agem como se estivessem sobre influência espiritual, sem, no entanto, estarem nessa situação.

Além de vidente Samuel, provavelmente, também era médium audiente, pois ouvira a voz de um ser espiritual (1 Samuel 3,2-15).

Assim, como era comum os reis da antiguidade terem seus magos ou pessoas que previam o futuro, parece-nos, que os líderes hebreus, da mesma forma, mantinham os seus, conforme poder-se-á comprovar por estas passagens.

2 Samuel 15,27: “Disse mais o rei a **Zadoque**, o sacerdote: Não és tu porventura **vidente**?”

volta, pois, para a cidade em paz, [...].”

2 Samuel 24,11: *“Quando, pois, Davi se levantou pela manhã, veio a palavra do Senhor **ao profeta Gade, vidente de Davi**, dizendo: [...].”*

1 Crônicas 25,5: *“Todos estes foram filhos de **Hemã, o vidente do rei**, segundo a promessa de Deus de exaltá-lo. [...].”*

1 Crônicas 26,28: *“Também tudo quanto fora dedicado por **Samuel, o vidente**, Saul, filho de Quis, [...].”*

2 Crônicas 9,29: *“Ora, o restante dos atos de Salomão, desde os primeiros até os últimos, porventura não estão escritos na história de **Natã, o profeta**, e na **profecia** de **Aías, o silonita**, e nas visões de **Ido, o vidente**, acerca de Jeroboão, filho de Nebate?”*

2 Crônicas 12,15: *“Ora, os atos de Roboão, desde os primeiros até os últimos, porventura não estão escritos nas histórias de **Semaías, o profeta**, e de **Ido, o vidente**, na relação das genealogias? [...].”*

2 Crônicas 16,7: *“Naquele mesmo tempo veio **Hanâni, o vidente**, ter com Asa, rei de Judá, [...].”*

2 Crônicas 29,30: *“E o rei Ezequias e os príncipes ordenaram aos levitas que*

*louvassem ao Senhor com as palavras de Davi, e de **Asafe, o vidente**. [...].”*

2 Crônicas 35,15: *“Os cantores, filhos de Asafe, estavam no seu posto, segundo o mandado de Davi, de Asafe, de Hemã e de **Jedútum vidente** do rei; [...].”*

Amós 7,12: *“Depois Amazias disse a **Amós**: Vai-te, ó **vidente**, fuge para a terra de Judá, e ali come o pão, e ali profetiza.”*

Sobre os videntes, vejamos o que Allan Kardec explicou, em **O Livro dos Médiuns**:

167. **Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram.** Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira. Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver em sonho os Espíritos resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama médium vidente. Explicamos esse fenômeno em o capítulo VI – “Das manifestações visuais”.

O médium vidente julga ver com os olhos,

como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto veem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. Sobre este último ponto caberia fazer-se interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais frequente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em *negra escuridão*.⁽⁵⁶⁾ (itálico do original)

Acreditamos que ajudarão muito as informações de Henrique Neyde Gimênez (1926-2004), em ***A Mediunidade na Bíblia***, sobre os tipos de profetas bíblicos:

Outro caso é o das palavras “**nabhi**”, “**roeh**” e “**hozeh**”, todas as três usadas para designar “profeta”. Os hebreus faziam distinção a cada uma delas, porém os tradutores e os estudiosos se debatem até hoje para dar-lhes o sentido correto”.⁽⁵⁷⁾

Nos textos originais, existem três termos hebraicos para designar tais representantes de Jeovah: **nabhi**, **roeh** e **hozeh**”. O primeiro deles, **nabhi**, substantivo comum, era usado realmente no sentido de profeta. O segundo, **roeh**, é um

particípio do verbo “ver” e aplicava-se aos videntes (1 Sm 9.9). O terceiro, **hozeh**, igualmente é um particípio de um outro verbo que também significa “ver”, porém, com outra conotação que não a de ver com os olhos. Aplicava-se aos que em um êxtase diferente, de alguma forma também estabeleciam contacto com Jeovah (Is 30.10). A tradução é, portanto, incipiente.

Segundo a proposição clássica, não Espírita, Nabhi seria membro de um grupo capaz de entrar em êxtase coletivo: Roeh é aplicado a uma só pessoa mais impressionável, com maior sensibilidade do que os demais; e Hozeh é mais aplicado em associação com o rei, ou seja, um vidente oficialmente reconhecido como tal e que, residindo no palácio, atendia às consultas de interesse do Estado. Ambos os termos nabhi e hozeh seriam usados para os que tinham a capacidade de interpretar as mensagens, os acontecimentos e também o caráter das pessoas. Estas duas palavras também designavam os que tinham o dom de ver Deus e de confirmar vinganças.

Todas essas dúvidas são justamente porque ainda não havia o conceito de mediunidade e muito menos a classificação dos seus diversos tipos. A classificação adotada pelo Espiritismo é muito mais compreensível e racional:

Nabhi era o médium profético, antevia os fatos;

Roeh era o médium vidente;

Hozeh era o médium ao mesmo tempo vidente e audiente. ⁽⁵⁸⁾

Portanto, segundo a informação do autor, temos que, entre os hebreus, havia três tipos de médiuns, classificação que é bem interessante e que não contraria em nada o que o Espiritismo diz.

1 Samuel 10,5-13: *“Chegarás, então, a Gabaá de Deus, onde estão os prefeitos dos filisteus e acontecerá que, entrando, na cidade, defrontarás com um bando de profetas que vêm descendo do lugar alto, precedidos de harpas, tamborins, flautas, cítaras, e **estarão em estado de transe profético**. Então o espírito de lahweh virá sobre ti, e **entrarás em transe** com eles e **te transformarás em outro homem**. [...] Partindo dali, chegaram a Gabaá, e logo um grupo de profetas veio ao seu encontro; **o espírito de Deus veio sobre ele, e ele entrou em transe com eles**. Quando os que o conheciam de longa data o **viram profetizando** com os profetas diziam uns aos outros: 'Que terá acontecido ao filho de Cis? Está também Saul entre os profetas? Um do grupo perguntou: 'E quem é seu pai? É por isso que se tornou um provérbio a frase: 'Está também Saul entre os profetas?' Assim que **voltou do transe**, Saul chegou ao lugar alto.” (Bíblia de Jerusalém)*

1 Samuel 19,20-24: *“Saul enviou mensageiros para prender Davi, e eles viram a comunidade*

de profetas, que estavam profetizando, e Samuel a presidi-los. E logo **o espírito de Deus veio também sobre os mensageiros de Saul**, que também entraram em transe. Informado do que ocorria, Saul mandou outros mensageiros, os quais entraram também em transe. Saul enviou terceiro grupo de mensageiros, e também eles caíram em transe. Então ele próprio partiu para Ramá e chegou à grande cisterna que está em Soco. Indagou onde estava Samuel e Davi, e lhe responderam: 'Estão nas celas em Ramá'. Dali partiu Saul para as celas de Ramá. Mas **o espírito de Deus também se apossou dele**, e ele **caminhou em transe** até chegar às celas de Ramá. Também ele se despojou das suas vestes, também ele **entrou em transe** diante de Samuel e depois caiu no chão, nu, e ficou assim todo aquele dia e noite. [...]” (Bíblia de Jerusalém)

O “estado de transe profético” nada mais é que o estado de transe mediúnico. Entrar em transe é buscar estabelecer a sintonia com os Espíritos por meio de um estado alterado de consciência.

Tudo quanto dissemos hoje, tinha-se antigamente, conforme se vê nos textos acima. Inclusive, bem interessante o que foi dito a Saul

“transformarás em outro homem”, pois os médiuns, quando em transe, são, realmente, “outros homens”.

E é bom esclarecer, que o transe não era algo que somente acontecia com os chamados “homens de Deus”, pois os profetas pagãos, como por exemplo, os de Baal também entravam em transe, conforme poder-se-á comprovar em 1 Reis 18,29.

Então, podemos estabelecer relação direta e inequívoca entre transe e profetizar. Vejamos a explicação no **Dicionário Houaiss**:

Transe: **1.** estado de aflição, angústia **2.** fenômeno religioso e social de representação coletiva, no qual o médium experimenta um sentimento de identificação com comportamentos correspondentes a determinada divindade ou entidade **3.** estado afim do sono ou de alteração da consciência, marcado por reduzida sensibilidade a estímulos, perda ou alteração do conhecimento do que sucede à volta e substituição da atividade voluntária pela automática **4.** p. ext. estado de abstração ou de exaltação de alguém que se sente transportado para fora de si e do mundo sensível, e em sintonia com algo transcendente.

Portanto, pelo que vemos das definições,

podemos, sim, estabelecer essa ligação entre os dois termos.

1 Samuel 16,14-23: *Ora, o **Espírito do Senhor retirou-se de Saul**, e o atormentava um espírito maligno da parte do Senhor. Então os criados de Saul lhe disseram: Eis que agora **um espírito maligno da parte de Deus te atormenta**; dize, pois, Senhor nosso, a teus servos que estão na tua presença, que **busquem um homem que saiba tocar harpa**; e quando o espírito maligno da parte do Senhor vier sobre ti, ele tocara com a sua mão, e te sentirás melhor. Então disse Saul aos seus servos: Buscai-me, pois, um homem que toque bem, e trouxei-mo. Respondeu um dos mancebos: Eis que tenho visto um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar bem, e é forte e destemido, homem de guerra, sisudo em palavras, e de gentil aspecto; e o Senhor é com ele. Pelo que Saul enviou mensageiros a Jessé, dizendo: Envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas. [...] Assim Davi veio e se apresentou a Saul, que se agradou muito dele e o fez seu escudeiro. Então Saul mandou dizer a Jessé: Deixa ficar Davi ao meu serviço, pois achou graça aos meus olhos. **E quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua***

mão; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele'.

1 Samuel 18,10-12: “No dia seguinte, um espírito mau provindo de Deus tomou conta de Saul, que começou a delirar dentro de casa. Como de costume, Davi estava tocando harpa e Saul **tinha a lança na mão. Saul atirou a lança, dizendo: 'Vou cravar Davi na parede'**. Davi, porém, **conseguiu escapar duas vezes**. Saul tinha medo de Davi, porque Javé tinha abandonado Saul e agora estava com Davi.”

1 Samuel 19,8-10: “A guerra começou de novo e Davi saiu para lutar contra os filisteus. Estes foram derrotados e fugiram. Ora, **um espírito mau, vindo da parte de Javé, se apoderou de Saul**, quando estava sentado em casa, com a lança na mão, enquanto Davi tocava harpa. 10. **Saul tentou cravar Davi na parede**, mas Davi se desviou e a lança fincou na parede. Então Davi se salvou fugindo. [...]”

No primeiro passo, temos: “Ora, o Espírito do Senhor retirou-se de Saul, e o atormentava um Espírito maligno da parte do Senhor”, o que se trata, na visão espírita, de um autêntico caso de obsessão, quiçá com possessão física, fato muito comum, que,

infelizmente, não se tem dado a devida importância, por ignorância ou preconceito; mas, há luz no fim do túnel! Sobre essa questão de possessão física, voltaremos ao assunto mais à frente.

Uma outra coisa interessante é que através da música, o harpista Davi conseguia libertar a vítima, Saul, do seu obsessivo, ainda que temporariamente.

Mas o grave disso é que vemos o Espírito maligno impelindo Saul a usar sua lança para, literalmente, cravar Davi na parede. Demonstrando, que, em alguns casos, o obsedado pode perder a noção das coisas, sendo induzido, mesmo sem o querer, a praticar atos contra a sua vontade e, às vezes, próprios de pessoas insanas, que, na visão comum, são considerados “doidos de pedra”.

Temos pela certeza de que quando a medicina oficial estiver livre dos preconceitos e das peias culturais, reconhecerá e aceitará a realidade do Espírito, em razão disso muito mais “curas” serão conseguidas, conseqüentemente diminuirá o sofrimento do ser humano.

Tobias 5,4-6.10-14: “*Tobias saiu para*

procurar uma pessoa que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu, **encontrou o anjo Rafael bem à frente dele**, mas não sabia que era um anjo de Deus. Tobias lhe perguntou: 'De onde você é, **rapaz?**' Ele respondeu: '**Sou israelita, seu compatriota, e estou aqui procurando trabalho**'. Tobias lhe perguntou: 'Você sabe o caminho para a Média?' Ele respondeu: '**Sim. Já estive lá muitas vezes e conheço bem todos os caminhos. Fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso compatriota Gabael, que mora em Rages, na Média.** São dois dias de viagem de Ecbátana até Rages, pois Rages fica na região montanhosa e Ecbátana fica na planície'. Tobias saiu para chamá-lo e disse: 'Rapaz, meu pai está chamando você!' O anjo entrou na casa, e Tobit se apressou em cumprimentá-lo. O anjo disse: 'Desejo-lhe muita alegria'. Tobit respondeu: 'Que alegria ainda posso ter? **Sou cego, não enxergo a luz do dia, vivo na escuridão com os mortos, que já não enxergam a luz. Escuto a voz das pessoas, mas não posso vê-las**'. Rafael disse-lhe: 'Coragem! Em breve, Deus vai curá-lo. Tenha confiança'. Tobit disse a ele: 'Meu filho Tobias quer ir até a Média. Você pode ir com ele para ensinar o caminho? Eu lhe pagarei por isso, meu irmão'. Ele respondeu: 'Posso ir. Conheço todas as estradas. Muitas

*vezes viajei até a Média e já percorri todas as suas planícies e montanhas, e conheço todos os caminhos por lá'. **Tobit lhe perguntou: 'Meu irmão, de que família e tribo você é?' [...]** Rafael respondeu: 'Sou Azarias, filho do grande Ananias, um compatriota seu'. Tobit disse: '[...] Acontece que você é parente meu e vem de uma família honesta e honrada. Conheço bem Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeias. [...]'". (Bíblia Sagrada Pastoral)*

O anjo Rafael foi visto por Tobias com a aparência de um rapaz: os anjos têm aparência de seres humanos, inclusive com nome dado a humanos, ou isso é pelo fato deles serem seres humanos desencarnados? As respostas do anjo Rafael "*sou israelita, seu compatriota*", "*fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso compatriota Gabael*", "*sou Azarias (mudou o nome?) filho do grande Ananias, um compatriota seu*" nos remetem a crer que ele era mesmo uma pessoa desencarnada, que se apresentava a Tobias e seu pai, Tobit. Então, tomando-se desse livro de Tobias como exemplo, poderemos reafirmar dizendo que os anjos são seres humanos desencarnados, depois,

mais à frente, voltaremos a esse assunto.

Outra coisa que achamos bem interessante foi essa fala do pai de Tobias: “*Sou cego, não enxergo a luz do dia, vivo na escuridão com os mortos, que já não enxergam a luz*”, fato que nos levou a pensar que, para ele Tobit, os mortos ainda vivem; porém, não enxergam a luz por viverem na escuridão.

Essa aparição do anjo Rafael podemos classificá-la como uma manifestação de um agênera, que, no “Vocabulário Espírita”, constante de **O Livro dos Médiuns**, assim foi definido por Allan Kardec:

Agênera (Do grego – *a*, privativo, e – *gêiné*, *gêinomai*, gerar; que não foi gerado.) – Modalidade da aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, ao ponto de produzirem ilusão completa. ⁽⁵⁹⁾

Explicando sobre os fenômenos das mãos produzidos por Daniel Dunglas Home (1833-1886) ⁽⁶⁰⁾, que nós comparamos com o ocorrido durante o banquete de Belsazar, ou Baltazer, dependendo da tradução, que será visto um pouco mais à frente,

quando dedos de mãos humanas escreveram quatro palavras na parede (Daniel 5,1-8), Allan Kardec, na ***Revista Espírita 1859***, disse o seguinte:

[...] **Se um Espírito tem o poder de tornar uma parte qualquer de seu corpo etéreo visível e palpável, não há razão que não possa ser do mesmo modo com os outros órgãos.** Suponhamos, pois, que **um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo, creríamos ver um ser semelhante a nós, agindo como nós**, ao passo que isso não seria senão um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do fantasma de Bayonne. **A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas**; ela depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que pode produzi-la ou fazê-la cessar à sua vontade, mas em certos limites que não está sempre livre para transpor. Os Espíritos, interrogados quanto a esse assunto, assim também sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, sempre disseram que agem em virtude de uma permissão superior.

Se a duração da aparência corporal é limitada para certos Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, e **pode persistir por um maior ou menor tempo**; que pode produzir-se em todos os tempos e a toda hora. **Um Espírito, cujo corpo todo fosse assim visível e palpável, teria para nós todas as aparências de um ser humano, e poderia falar conosco, sentar-se em nosso lar como uma pessoa qualquer**, porque,

para nós, seria um dos nossos semelhantes. ⁽⁶¹⁾

Esses casos são raros, mas acontecem. Um caso curioso, está narrado na **Revista Espírita 1859**, da qual o texto acima foi transcrito; vejamo-lo:

Uma pobre mulher estava na igreja de Saint-Roch, e pedia a Deus vir em ajuda de sua aflição. Em sua saída da igreja, na rua Saint-Honoré, ela encontrou um senhor que a abordou dizendo-lhe: “Minha brava mulher, estaríeis contente por encontrar trabalho? – Ah! meu bom senhor, disse ela, pedia a Deus que me fosse achá-lo, porque sou bem infeliz. – Pois bem! Ide em tal rua, em tal número; chamareis a senhora T...; ela vo-lo dará.” Ali continuou seu caminho. A pobre mulher se encontrou, sem tardar, no endereço indicado – Tenho, com efeito trabalho a fazer, disse a dama em questão, mas como ainda não chamei ninguém, como ocorre que vindes me procurar? A pobre mulher, percebendo um retrato pendurado na parede, disse: – Senhora, foi esse senhor ali, que me enviou. – Esse senhor! Repetiu a dama espantada, mas isso não é possível; é o retrato de meu filho, que morreu há três anos. – Não sei como isso ocorre, mas vos asseguro que foi esse senhor, que acabo de encontrar saindo da igreja onde fui pedir a Deus para me assistir; ele me abordou, e foi muito bem ele quem me enviou aqui. ⁽⁶²⁾

Essa ocorrência é bem interessante, e tem tudo para ser bem semelhante ao que aconteceu a Tobias, quando o anjo Rafael lhe apareceu, conforme acabamos de ver.

Voltando a Allan Kardec, ainda temos:

[...] o *agênere*, propriamente dito, não revela sua natureza, e não é, aos nossos olhos, senão um homem comum; **sua aparição corporal pode, se for preciso, ter longa duração para poder estabelecer relações sociais com um ou com vários indivíduos.** ⁽⁶³⁾

Dessa forma, a manifestação do anjo Rafael a Tobias se torna algo que ocorre dentro das leis naturais, sem que precisemos recorrer ao sobrenatural para explicá-la.

Vejamos agora o passo, no qual o anjo Rafael dá uma explicação a Tobias:

Tobias 2,11-21: **“*Vou revelar-lhes toda a verdade, sem ocultar nada. Já lhes expliquei que é bom manter oculto o segredo do rei, mas as obras de Deus devem ser proclamadas publicamente. Quando você e Sara rezavam, era eu quem apresentava o***

memorial da súplica de vocês diante do Senhor glorioso. A mesma coisa eu fazia quando você sepultava os mortos. Quando você não teve dúvidas em deixar o almoço, a comida, para ir esconder um morto, eu fui mandado para provar a sua fé. Da mesma forma, fui mandado para curar você e sua nora Sara. **Eu sou Rafael, um dos sete anjos** que estão sempre prontos para entrar na presença do Senhor glorioso'. Os dois ficaram assustados e caíram com o rosto por terra, cheios de medo. Rafael, porém, lhes disse: 'Não tenham medo! Que a paz esteja com vocês! Bendigam a Deus para sempre. **Se eu estive com vocês, não foi por vontade minha, mas de Deus.** É a ele que vocês devem sempre bendizer e cantar hinos. **Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência.** Agora, bendigam ao Senhor na terra, e agradeçam a Deus. **Volto para aquele que me enviou.** Escrevam tudo o que lhes aconteceu'. E o anjo desapareceu. Quando se levantaram, não o puderam ver mais." (Bíblia Sagrada Pastoral)

A função do anjo Rafael, de levar o memorial de súplica de Tobias e Sara a Deus, é exatamente o que pensamos ser atribuição de determinados Espíritos (anjos), inclusive, são eles mesmos os agentes pelos quais a divindade atende às nossas

preces.

Rafael justifica a sua presença para ajudar Tobias como tendo sido enviado por vontade de Deus, ou seja, foi-lhe permitido; tal e qual, dizemos dos Espíritos (anjos) que se manifestam, pois, todos eles, sejam bons ou maus, só o fazem pelo motivo de haver permissão divina, a não ser que os tenhamos com mais poder do que Deus.

Jó 4,15-17: “**Então um espírito passou por diante de mim; arrepiaram-se os cabelos do meu corpo. Parou ele, mas não pude discernir a sua aparência; um vulto estava diante dos meus olhos; houve silêncio, então ouvi uma voz que dizia: [...].**”

O texto narra que Jó sentiu um arrepio, pelo fato do Espírito ter passado diante dele, isso é comum vermos acontecer à nossa volta, embora, a maioria das pessoas não faz a ligação entre o arrepio com uma sintonia espiritual. E é bem certo que nem todos arrepios também são provenientes dessa causa.

O que admiramos é que os teólogos fazem de tudo para lhe camuflar o sentido, ao mudarem o

“um Espírito”, citado no texto, por **“um sopro”** (Bíblia: Vozes, Ave-Maria, Paulus) ou por **“um vento”** (Bíblia Pastoral). Lamentável!

Provavelmente, aqui temos um bom conselho de Jó:

Jó 8,8-10: **“Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles”.** (Bíblia Sagrada Pastoral)

Admitimos a possibilidade de estarmos enganados, porém a conclusão que tiramos desse *“consulte as gerações passadas”* e *“os nossos antepassados vão instruí-lo e falar a você”*, trata-se de uma consulta aos Espíritos dos antepassados.

O fato é que, naquela época, não havia outra maneira disso acontecer senão o fazendo pessoalmente, uma vez que não se tinha nenhum escrito deles narrando as suas experiências, e se tivesse, talvez, quase nada adiantaria, pois poucos

sabiam ler, conseqüentemente, só temos como entender essa passagem como sendo uma consulta direta às gerações passadas.

Eclesiastes 1,1.12: *“Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém. Eu, o pregador, **fui rei sobre Israel em Jerusalém.**”*

O pregador, autor dessa fala, é, segundo os entendidos, o rei Salomão. O que nos remete a um fato curioso, pois sabemos que ele reinou até a sua morte, então, levando-se em conta o *“Fui rei”*, só poderia, por lógica, ter escrito esse livro na condição de Espírito desencarnado, usando um médium para escrever suas mensagens, que estão contidas no livro Eclesiastes, o que nos prova que a vida continua e que os mortos podem se comunicar. Porém, contraditoriamente, todo o conteúdo desse livro é de alguém que se preocupa apenas com a vida terrena, não tendo esperança de nada mais além dela.

Esse fato de dizer *“Fui rei”* é tão desconsertante que Russell P. Shedd, tradutor da ***Bíblia Shedd***, assim, tenta se explicar:

Contudo, pode-se perguntar se Salomão, o terceiro rei de Israel, alguma vez na sua história poderia ter usado o tempo passado para dizer “Fui rei em Jerusalém” (Vd nossa versão **por causa dessa dificuldade traduz “venho sendo** rei de Israel, em Jerusalém”). [...] (64)

Ora, mudar o texto bíblico para adaptá-lo ao que se acredita, parece-nos não ser algo bastante ético. Acreditamos que, na verdade, ele tenta tirar a ideia da possibilidade dele ser um livro psicografado.

E por citar Salomão, é bem curioso o que, em ***História dos Hebreus***, fala dele Josefo, em se referindo a 1 Reis 5,9-14:

[...] Deus lhe concedeu perfeito conhecimento da natureza e de suas propriedades, e ele escreveu um livro no qual empregou esse conhecimento em **compor, para utilidade dos homens, diversos remédios. Alguns deles tinham até mesmo força para expulsar demônios, que não se atreviam a voltar.** Essa prática está ainda em uso entre os de nossa nação. Vi um judeu, chamado Eleazar, livrar diversos possessos, na presença do imperador Vespasiano, de seus filhos e de vários oficiais e soldados. **Ele prendia ao nariz do possesso um anel no qual estava fincada uma raiz, a mesma de que Salomão se servia para aquele fim. Logo**

que o demônio a cheirava, arremessava o doente por terra e o abandonava. Ele dizia então as mesmas palavras que Salomão havia deixado por escrito e, fazendo menção desse príncipe, proibia ao demônio voltar. Para fazer ver ainda melhor o efeito das **conjurações**, enchia uma tina de água e ordenava ao demônio que a lançasse por terra, como sinal de que havia abandonado o possesso, e o demônio obedecia. Julguei bem relatar essa história, a fim de que ninguém possa duvidar da ciência, assaz extraordinária, que Deus concedeu a Salomão como graça particular. ⁽⁶⁵⁾

Puro exorcismo, cujo efeito era secundado por um remédio composto por Salomão que tinha a *“força para expulsar demônios, que não se atreviam a voltar”*.

E para identificarmos quem eram os demônios trazemos Josefo, que ao falar da arruda, planta zoófito, na obra ***História dos Hebreus***, explica:

[...] Depois disso, pode-se sem perigo manuseá-la; ela tem uma virtude, que faz não se temer expor a qualquer perigo, para apanhá-la, isto é, **os demônios ou as almas dos maus, que entram no corpo dos homens vivos**, e que os matariam se não se lhes impedisse, abandonamos imediatamente, quando deles se aproxima essa planta. ⁽⁶⁶⁾

Então, conforme essa narrativa de Josefo, podemos aceitar que a crença de os demônios eram as almas dos maus, ou seja, Espíritos humanos desencarnados. E para não deixar dúvida quanto a isso, transcrevemos o trecho acima retirado de uma versão em inglês da obra desse historiador:

[...] Yet, after all this pains in getting, it is only valuable on account of one virtue it hath, that if it be only brought to sick persons, it quickly drives away those called demons, which are no other than the spirits of the wicked, that enter into men that are alive and kill them, unless they can obtain some help against them. ⁽⁶⁷⁾

Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza, professora do ICBEU - Instituto Cultural Brasil Estados Unidos, em Belo Horizonte, muito gentilmente, o traduziu para nós:

No entanto, depois de todas essas dores no sentido de se obter, só é valioso por conta de uma virtude que tem, que se isso for trazido às pessoas doentes, rapidamente afugenta **aqueles que são chamados demônios, que não são outros que os espíritos dos ímpios**, que entram em homens que estão vivos e os mata, a menos que eles

possam obter alguma ajuda contra eles. ⁽⁶⁸⁾

Nessa versão fica mais clara a relação dos demônios como Espíritos humanos desencarnados. Mais à frente, quando estivermos estudando o Novo Testamento, voltaremos a esse assunto.

Isaías 8,19-20: *“Certamente vos dirão: ‘Consultai **os espíritos e adivinhos**, que sussurram e cochicham: um povo não consulta **seus deuses** e os mortos a respeito dos vivos, em busca de instruções seguras?’ Certamente vos falarão assim.”* (Bíblia do Peregrino)

O “*seus deuses*” são exatamente os Espíritos, que, por falta de conhecimento, tomavam-nos à conta de deuses. Aqui, no texto, é clara a ideia de que era prática comum a consulta aos mortos, ou seja, aos Espíritos.

Transcrevemos o texto da *Bíblia do Peregrino*, por julgar que é a versão que deixa bem mais clara a questão e se todas elas são verdadeiras, conforme apregoam os que delas fazem uso, não haverá problema algum.

Inclusive, para espanto nosso, encontramos na

edição Novo Mundo (STVBT), em lugar de “*consultai os Espíritos e adivinhos*”, tem-se: ‘*Recorrei aos médiuns espíritas ou aos que têm Espírito de predição*’, numa lamentável adulteração do texto bíblico, que dizem ser a palavra de Deus (se realmente acreditassem nisso não a adulterariam), para combater crença alheia, são os tais “*cegos guiando, cegos*” (Jesus).

E o próprio Isaías, em outro momento, confirma que, na época, a consulta aos mortos era coisa comum: Isaías 19,3: “*A inteligência dos egípcios se desfará no peito, e eu aniquilarei a sua política. Eles irão consultar os ídolos, pedir conselho aos magos, aos que invocam os mortos e adivinhos*”. (Bíblia Sagrada Pastoral). Esse passo também confirma a história que colocamos no início de um sacerdote egípcio consultando um morto.

Ezequiel 3,14-15: “*Então o Espírito me levantou, e me levou; e eu me fui, amargurado, na indignação do meu espírito; e a mão do Senhor era forte sobre mim. E vim ter com os do cativeiro, a Tel-Abibe, que moravam junto ao rio Quebar, e eu morava onde eles moravam; e por sete dias sentei-me*

ali, pasmado no meio deles.”

Ezequiel 8,3: *“E estendeu a forma duma mão, e me tomou por uma trança da minha cabeça; e o **Espírito me levantou entre a terra e o céu, e nas visões de Deus me trouxe a Jerusalém**, até a entrada da porta do pátio de dentro, que olha para o norte, onde estava o assento da imagem do ciúme, que provoca ciúme.”*

Ezequiel 11,24: *“Então o **Espírito me levantou, e me levou na visão pelo Espírito de Deus para a Caldeia**, para os exilados. Assim se foi de mim a visão que eu tinha visto.”*

Ezequiel 37,1: *“Veio sobre mim a mão do Senhor; e ele **me levou no Espírito do Senhor, e me pôs no meio do vale** que estava cheio de ossos; [...]”*

Nós diríamos que, em todos esses passos, temos casos de desdobramentos ou emancipação da alma, nos quais o Espírito do encarnado se afasta do corpo indo para outros lugares, embora ainda permaneça ligado ao corpo pelo fio de prata (Eclesiastes 12,6) ou cordão fluído, que nada mais é que uma espécie de “cordão” que liga o perispírito ao corpo.

Este fenômeno também aconteceu com Jesus, quando foi conduzido ao deserto (Mateus 4,1), com João (Apocalipse 1,10; 4,2, 17,3; 21,10) e com Felipe aconteceu um arrebatamento físico (Atos 8,26-40).

Além desses casos de arrebatamento “levado por um Espírito”, há os do tipo em que o Espírito da própria pessoa é quem sai, sem ter ou precisar de auxílio de algum Espírito desencarnado; é o que nos parece ter acontecido com Eliseu:

2 Reis 5,25-26: *“Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: 'Onde é que você foi, Giezi?' Ele respondeu: 'O seu servo não foi a lugar nenhum'. Mas Eliseu retrucou: '**Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você? [...]'**.”* (Bíblia Sagrada Pastoral)

Pelo que se relata, o Espírito de Eliseu, ou seja, sua alma, se transportou para o local onde Giezi se encontrava e lá o viu pedindo dinheiro a Naanmá, mesmo tendo sido recomendado por Eliseu para não fazer isso, com isso, pode desmentir o seu servo Giezi.

Daniel 5,1-8: **“O rei Belsazar deu um grande banquete** a mil dos seus grandes, e bebeu vinho na presença dos mil. Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata que Nabucodonozor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem por eles o rei, e os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Então trouxeram os vasos de ouro que foram tirados do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam por eles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Beberam vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra. **Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo.** Mudou-se, então, o semblante do rei, e os seus pensamentos o perturbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. E ordenou o rei em alta voz, que se introduzissem os encantadores, os caldeus e os adivinhadores; e falou o rei, e disse aos sábios de Babilônia: Qualquer que ler esta escritura, e me declarar a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço, e no reino será o terceiro governante. Então entraram todos os sábios do

rei; mas não puderam ler o escrito, nem fazer saber ao rei a sua interpretação.”

Eis um fenômeno de materialização parcial, onde apenas as mãos do Espírito (*dedos de mão de homem*) escreveu na parede. Alvorço total, pois tal fato foi visto como presságio de algo grave. Imediatamente, o rei buscou seus magos e adivinhos para interpretar o que foi escrito: MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM, porém, não conseguiram. Eis uma imagem que representa essa ocorrência ⁽⁶⁹⁾.



A Festa de Baltasar, c. 1635, óleo sobre tela, 167 cm x 209 cm, Rembrandt, National Gallery, Londres.

Então, a rainha informa, ao rei, que havia um homem com o Espírito dos deuses que

*“[...] nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonozor, sim, **teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus, e dos adivinhadores** porquanto se **achou neste Daniel um espírito excelente, e conhecimento e entendimento para interpretar sonhos, explicar enigmas e resolver dúvidas**, ao qual o rei pôs o nome de Beltessazar. Chame-se, pois, agora Daniel, e ele dará a interpretação.”* (Daniel 5,9-12)

Dessa forma, Daniel foi levado à presença do rei e *“desvendou o mistério”* (Daniel 5,13-31), interpretando o significado das palavras e prevendo a morte do rei, o que de fato, conforme narrativa bíblica, aconteceu.

Muito curioso o fato de Daniel ter sido constituído *“chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos adivinhadores”*, pois, ao que nos parece, são exatamente essas coisas que se proíbe em Deuteronômio 18,9-14, cujo texto já analisamos.

Daniel, segundo acreditavam, possuía “o

Espírito dos deuses santos” (Daniel 4,8-9.18; 5,11.14), o que lhe dava o “*conhecimento e entendimento para interpretar sonhos, explicar enigmas e resolver dúvidas*”, isso tem tudo para significar que ele estava sendo orientado por um Espírito, por esse motivo, nós o classificaríamos com um médium.

Na ***Revista Espírita 1859***, Allan Kardec fala a respeito de Daniel Dunglas Home, médium que produziu fenômenos extraordinários, incluindo entre eles:

[...] **aparição de mãos**, perfeitamente tangíveis, **que cada um podia ver e apalpar**, que pressionava e estreitava, depois que, de repente, não ofereciam senão o vazio, quando as queriam agarrar de surpresa. ⁽⁷⁰⁾

Joel 2,28-29: “**Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.**”

Segundo o nosso entendimento, Joel não profetiza outra coisa senão a “explosão” da mediunidade que acontecerá futuramente. Pedro, em Atos, na narrativa do Pentecostes, atribui o fenômeno de xenoglossia, que é a faculdade de falar ou escrever em línguas estranhas ao próprio médium, ao cumprimento dessa profecia (Atos 2,17-18).

No ***Dicionário de Filosofia Espírita***, temos a seguinte definição, desse termo:

Xenoglossia: (do grego: *xeno* = estrangeiro; *glossa* = língua), segundo Charles Richet (Metapsíquica), é uso de uma língua (escrita ou falada) que não se aprendeu e que não se conhece em condições normais. **O médium, influenciado por um espírito, fala uma língua estrangeira que lhe é por inteiro desconhecida.** ⁽⁷¹⁾

Podemos também atribuir essa profecia de Joel aos fenômenos espíritas do século XIX, que tiveram início em Hydesville, vilarejo situado próximo da cidade de Rochester, no condado de Wayne, no Estado de New York, nos Estados Unidos, quando um Espírito, que se denominou de Charles B. Rosma, se

manifesta às irmãs Fox, adeptas da igreja Metodista, daí espalhando-se para todo o mundo.

Fenômenos esses que culminaram no surgimento do Espiritismo, como resultado da iniciativa de Allan Kardec em estudá-los e pesquisá-los, publicando em suas obras suas experiências e as consequências morais e religiosas advindas disso.

b) Novo Testamento

As passagens serão tomadas pela ordem em que aparecem nos textos bíblicos do Novo Testamento, por ser difícil e muito trabalhoso se estabelecer uma cronologia deles.

Mateus 1,20: *“E, projetando ele isso, eis que **em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo.**”*

José, segundo o autor de Mateus, foi avisado em sonho mais três vezes: para fugir para o Egito (Mateus 2,13); para voltar de lá (Mateus 2,19) e para não se dirigir para a Judeia (Mateus 2,22). Fato verificado no Antigo Testamento, que volta a se

apresentar no Novo. Sobre avisos em sonhos, já comentamos, trouxemos o passo apenas para registrar a ocorrência no Novo Testamento.

Mateus 3,16-17: *“Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e **eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba** e vindo sobre ele; e **eis que uma voz dos céus** dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”*

É mais provável que tenha acontecido um fenômeno de voz direta, que veio anunciar Jesus como o filho amado, cujo Espírito causador foi visto descendo sobre ele *“como pomba”* (Marcos 1,10; João 1,32).

A única ressalva que fazemos é que esse passo pode não corresponder aos fatos, porquanto o ritual de iniciação dos judeus era a circuncisão em não o batismo. Transcrevemos do nosso texto **“O Ritual do Batismo”** ⁽⁷²⁾, disponível em nosso site <https://paulosnetos.net>, o seguinte trecho:

Então, não é de todo improvável que a passagem, que relata o batismo de Jesus, é que não espelhe a realidade, que pode muito

bem ter sido criada para validar e justificar o ritual do batismo realizado pelas igrejas ditas cristãs, pois, o que nos é claro é que elas, na verdade, praticam mesmo é o batismo de João. Tal prática ritualística vem, a nosso ver, contrariar o que o próprio João Batista afirmou: *“Eu batizo vocês com água para a conversão. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhe as sandálias. **Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo**”* (Mt 3,11); o que é uma evidente demonstração de que o batismo que ele praticava era um ritual que, após a vinda do Messias, deveria deixar de ser ministrado. Ele colocava, isto sim, o batismo do *“Espírito Santo e com fogo”* como aquele a que todos deveriam se submeter, argumento esse que, também, se pode confirmar de uma ordem de Jesus aos apóstolos: *“Não se afastem de Jerusalém. Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar: **João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo**”* (At 1,4-5). Por isso, concluímos que o relato do batismo aplicado em Jesus é bem provável que seja mesmo uma interpolação, visto que o batismo que Jesus promete é o “com o Espírito Santo”, e não o “com água”. Assim, devemos ver que “O símbolo do batismo do Espírito (fogo) e o caráter e os resultados desse batismo mostram a superioridade do ministério de

Jesus, em contraste com o de João” (CHAMPLIN, vol. 1, 1995a, p. 287-288). Não devemos desconsiderar que a figura do fogo e do vento são símbolos bíblicos que representam a presença divina (CHAMPLIN e BENTES, 2005b). (73).

Mateus 10,19-20: *“Mas, quando vos entregarem, **não cuideis de como, ou o que haveis de falar; porque naquela hora vos será dado o que haveis de dizer.** Porque não sois vós que falais, mas **o Espírito de vosso Pai** é que fala em vós.”*

Mudando-se para “**UM** Espírito de vosso Pai é que falará em vós”, chegaríamos ao que o Espiritismo explica a cerca da mediunidade, onde o ser espiritual, usando do médium como seu instrumento, passa a sua mensagem.

Essa narrativa em Marcos muda um pouco, pois lá já consta: “[...] **digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo**”. (Marcos 13,11). O curioso aqui é o fato de que o “Espírito Santo” ainda não existia, sabemos ser uma criação bem posterior à data que se supõem ter sido

escrito o Evangelho de Marcos; assim, temos então, que essa orientação de Jesus, por lógica, só pode se referir à influência de “**um**” Espírito sobre cada um dos discípulos que, por recebê-la, falaria coisas que viria à mente; é, sem dúvida, um fato ligado à mediunidade, portanto, à manifestação de Espíritos que, na forma invisível, os influenciavam.

Corroborando isso vemos que é registrado, por exemplo, o caso de Pedro e João que todos ficavam admirados ao ver a segurança com que falavam, visto serem pessoas simples e sem instrução (Atos 4,13).

Muitos oradores (expositores, palestrantes), fora do meio espírita, têm essa faculdade, porém, a sua grande maioria não se dá conta disso, acha, ingenuamente, que é o próprio Espírito de Deus quem os usa, quando, na verdade, é apenas **UM** Espírito de Deus.

Se há a influência de um Espírito santo, também pode ocorrer a de um Espírito mau, que certamente é uma outra ocorrência ligada ao fenômeno da manifestação dos Espíritos.

Encontramos nos Evangelhos esse tipo de manifestação, é registrada pela ocorrência da influência de um Espírito mau sobre uma pessoa. Tal fato, inclusive, em certos casos, pode-se chegar a uma possessão física, modernamente, são denominados de obsessões.

Os casos de possessos podem ser vistos em Marcos 1,21-28, 5,1-16 e 7,24-30, onde Jesus, com sua autoridade moral, libertava-os da influência perniciosa dos Espíritos maus, fato que causava admiração no povo: *“Ele manda até nos Espíritos maus e eles obedecem”* (Marcos 1,27).

Sobre esse assunto, o das obsessões, alertava Jesus:

Mateus 12,43-45: *“Ora, havendo o **espírito imundo saído do homem**, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, **chegando, acha-a desocupada, varrida e adornada**. Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entretanto, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro. Assim há de acontecer também a esta geração perversa.”*

Se uma pessoa, que está passando por uma obsessão de um Espírito mau (imundo), conseguir que o Espírito a deixe, ele irá embora; porém, caso ela não mude de comportamento, ele voltará trazendo outros Espíritos, a situação dela ficará pior que antes. A lei de afinidade é o laço que estabelece a ligação entre nós e os Espíritos, sejam eles bons ou maus.

Se, por exemplo, somos dados ao ódio e desejo de vingança, ligaremos com Espíritos que têm estes mesmos sentimentos, vale a lei: “*semelhante atrai semelhante*”. Então, mantendo a nossa casa limpa, ou seja, livre de sentimentos inferiores, estaremos livres do assédio dos Espíritos maus, e, por consequência, atraindo a sintonia dos bons. Jesus, estava, com certeza, alertando-nos disso.

É bom registrar que também muitos dos que seguiam a Jesus, conseguiam “expulsar” os Espíritos maus (Atos 5,16; 8,5-8; 19,11-12); certamente, porque possuíam as condições morais para tal empreitada.

E, por falar em obsessão, vejamos uma na qual

os exorcistas se deram muito mal.

Atos 19,13-16: *“Ora, também alguns dos **exorcistas judeus**, ambulantes, tentavam invocar o nome de Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega. E os que faziam isto eram sete filhos de Ceva, judeu, um dos principais sacerdotes respondendo, porém, **o espírito maligno, disse: A Jesus conheço, e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?** Então o homem, no qual estava **o espírito maligno**, saltando sobre eles, apoderou-se de dois e prevaleceu contra eles, de modo que, nus e feridos, fugiram daquela casa.”*

Pois é, como dissemos alhures, quem não tem competência que não se estabeleça. Para conseguir a libertação das pessoas, que estão sobre assédio de algum Espírito, é necessário que, quem se dispuser a fazer isso, tenha moralidade suficiente para ter ascendência sobre o Espírito mau.

No passo, os que se aventuraram a fazer isso, sem possuir essas condições, se “lascaram”, pois os Espíritos deram a maior surra neles.

Hoje em dia, vemos muitas dessas ocorrências

nos programas televisivos das igrejas evangélicas, onde os que ali ocorrem em busca de socorro são “libertados do demônio”, num lastimável espetáculo de exorcismos, pelo motivo de estarem sendo expostos ao público, o que deveria ser feito em particular, visando total descrição.

O professor universitário Russell Norman Champlin, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 4***, fez uma análise bem interessante; leiamos:

Demonismo? Não é de estranhar que muitas igrejas que buscam ambiciosamente os dons espirituais são aquelas que têm dificuldades com a possessão demoníaca? Por que não lhes ocorre que os mesmos espíritos que os levam a falar em línguas, a curar, a profetizar, etc., são os mesmos que os possuem e que, finalmente, mostram sua malignidade moral levando-os a se sentirem psicológica e moralmente agitados, o que algumas vezes os leva à insanidade mental? **Assim é que em uma reunião um espírito é expulso de alguém; mas, na próxima reunião, tudo se repete. Tudo isso é atribuído ao Espírito Santo, quando, na realidade, só se manifesta em um “espiritismo” ignorante. Pelo menos os espíritas dizem apenas que entram em contacto com espíritos humanos de pessoas falecidas; e**

são suficientemente sábios para saber que alguns deles, pelo menos, são malignos. Mas na igreja, em sua infantilidade, não são tomadas essas precauções; e o resultado disso são muitas pessoas que terminam por sofrer de perturbações psíquicas. Tais fatos não podem ser ignorados, sem importar se pensamos que os espíritos “humanos” estão ou não no fundo dessa questão.
(⁷⁴)

Nas instituições Espíritas, em reuniões específicas, estes Espíritos são orientados a deixarem de praticar o mal e que busquem o caminho da luz. Muitos aceitam essas recomendações, o que resulta da libertação do encarnado, que lhe sofre a influência e do próprio desencarnado que vive numa fixação mental. Tudo é feito com discrição e com o maior respeito e amor, além disso, também pedimos a proteção do Mestre Jesus, nosso guia e modelo.

Em ***Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte***, Russell N. Champlin, aborda novamente o assunto, citando Adam Clarke (1760-1832), teólogo metodista e erudito bíblico britânico:

Jesus aproximava-se dos Seus discípulos, caminhando à superfície do lago. “E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: é um fantasma. E gritaram com medo” (Mateus 14:26). **Foi acerca desse versículo que se manifestou Adam Clarke nestes termos:** “Que os espíritos dos mortos *podem* aparecer e realmente *aparecem*, foi doutrina mantida pelos maiores e mais santos homens que já existiram; e é uma doutrina que os caviladores, - os *livres-pensadores* e os *bitolados* de diferentes épocas jamis foram capazes de desmentir”. (75)

E já que mencionamos Paulo, não podemos deixar de dizer que ele, o apóstolo dos gentios, foi quem mais entendeu dessas coisas, a ponto de orientar: “*Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância*”. (1 Coríntios 12,1). O “*dons do Espírito*” nada mais é do que o que hoje conhecemos como mediunidade; o que ele diz veremos um pouco mais adiante.

Mateus 17,1-9: “*Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. **E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.** Pedro, tomando a palavra, disse a*

*Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias. Estando ele ainda a falar, **eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Os discípulos, ouvindo isso, caíram com o rosto em terra, e ficaram grandemente atemorizados. Chegou-se, pois, Jesus e, tocando-os, disse: Levantai-vos e não temais. E, erguendo eles os olhos, não viram a ninguém senão a Jesus somente. Enquanto desciam do monte, **Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja levantado dentre os mortos.*****

Quando algum espírita classifica esse passo como uma autêntica reunião mediúcnica, os bibliólatras de plantão ficam “possessos”. É uma pena que fechem os olhos à verdade, pois aqui é o próprio Jesus que estabelece um intercâmbio com “os mortos”, no caso, com os Espíritos Moisés e Elias, com os quais, segundo o autor de Lucas, conversava sobre os acontecimentos futuros (Lucas 9,31).

O fenômeno aqui relatado sobre a aparição dos Espíritos Moisés e Elias, pode, com maior probabilidade de acerto, ser classificado como sendo

o de materialização; com a possibilidade bem grande de que os discípulos Pedro, Tiago e João forneceram o ectoplasma, fluido necessário para que os dois Espíritos se manifestassem. Nada mais natural e, que, diga-se de passagem, não foi absolutamente proibido por Jesus. Seria até mesmo uma atitude totalmente incoerente, pois vindo trazer aos homens a revelação divina ele jamais faria algo que fosse proibido por Deus, portanto, reafirmamos: a proibição veio por pura vontade e recreação de Moisés, embora ele a tenha atribuída a Deus.

No episódio, podemos ainda identificar outro fenômeno mediúnico que é o da voz direta, no trecho da passagem bíblica que diz da voz que saiu da nuvem luminosa, que, certamente, é o ectoplasma condensado, da qual algum Espírito, em missão dada por Deus, revelou com sua própria voz, vamos assim dizer, aos três discípulos ser Jesus o Filho amado e que deveriam ouvi-lo.

Mateus 17,14-18: *“Quando chegaram à multidão, aproximou-se de Jesus um homem que, ajoelhando-se diante dele, disse: Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é*

*epiléptico e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água. Eu o trouxe aos teus discípulos, e não o puderam curar. E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui. Então **Jesus repreendeu ao demônio**, o qual saiu do menino, que desde aquela hora ficou curado.”*

Mais um caso de obsessão causado por um Espírito mau. Sim, já imaginamos: dir-se-á mas o texto não fala em Espírito mau, mas em demônio. É fato, porém, devemos buscar o conceito que a palavra demônio tinha à época, e não o conceito atual, totalmente, desvirtuado da origem por interesse dos teólogos dogmáticos.

Léon Denis (1846-1927), em sua obra ***Cristianismo e Espiritismo***, informa o seguinte a respeito da palavra demônio:

Na linguagem filosófica da Grécia, **a palavra demônio (*daimon*) era sinônimo de gênio ou de espírito**. Tal, por exemplo, o demônio de Sócrates. Fazia-se distinção entre os bons e os maus demônios. Platão dá mesmo a Deus o nome de *demônio onipotente*. O Cristianismo adotou em

parte esses termos, mas modificou-lhes o sentido (⁷⁶). Aos bons demônios deu ele o nome de *anjos*, e os maus se tornaram os demônios, sem adjetivação. **A palavra espírito (*pneuma*) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal.**

Essa palavra *pneuma*, traduziu-a S. Jerônimo como *spiritus*, reconhecendo, com os evangelistas, que há bons e maus espíritos. **A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no século II.** Foi somente **depois da Vulgata que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada a palavra *spiritus***, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo. Eis aqui um exemplo, entre outros muitos: lê-se em Lucas (cap. XI, texto grego):

10 – “Aquele que pede, recebe; o que procura acha; ao que bate se abrirá.” – 13. “Portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu 'um bom espírito' àqueles que lho pedirem”.

As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contrassenso. Na *Vulgata*, tradução latina do grego, está escrito *Spiritum bonum*, palavra por palavra, espírito bom. **A Vulgata não fala absolutamente do Espírito Santo.** O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o espírito Santo, como

terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II.

Convém, todavia, notar que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido de espírito familiar, de espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (*Daniel*, XIII, 45) ⁽⁷⁷⁾ se lê: “o senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado Daniel”.

Relativamente ao comércio dos primeiros cristãos com os espíritos, as seguintes passagens das Escrituras nos devem chamar particularmente a atenção:

Atos, XXI, 4:

“E disseram eles a Paulo, 'sob a influência do espírito', que não subisse para Jerusalém”.

Certas traduções francesas rezam *Espírito Santo*.

I Cor. XIV, 30, 31. Trata-se da ordem a estabelecer nas reuniões dos fiéis:

“Desde que um dos que estão sentados (no templo) recebe uma revelação, cale-se o que primeiro falava. Porque todos podeis profetizar, um depois do outro, a fim de que todos aprendam e sejam todos exortados”.

Dessa instrução ressalta que profetizar não era outra coisa senão transmitir um ensino; é ainda a função do médium falante ou de incorporações.

Atos, XXIII, 6-9. Paulo, dirigindo-se a uma assembleia, dizia:

“É por causa da esperança de uma outra vida e

da ressurreição dos mortos que me querem condenar...”

Produziu-se um grande ruído, e alguns dos fariseus contestavam, dizendo:

“Nenhum mal encontramos neste homem. Quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo?”

Atos XVI, 16, 17. Paulo fora avisado em sonho de que passasse por Macedônia, com Timóteo:

“Encontram eles uma serva moça que, tendo um espírito de Piton, auferia, em benefício de seus amos, grandes lucros, adivinhando. Ela se pôs a segui-los durante muitos dias, clamando: Esses homens são servos do Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação”.

A expressão “espírito de Piton” designava, na linguagem daquele tempo, um mau espírito. Era empregada pelos judeus ortodoxos, que só admitiam o profetismo oficial, reconhecido pela autoridade sacerdotal, desde que os seus ensinamentos eram conformes com os deles; pelo contrário, condenavam o profetismo popular, praticado sobretudo por mulheres, que dele tiravam partido, como em nossos dias ainda o fazem alguns médiuns mercenários. Essa qualificação, porém, de “espírito de Piton” era muitas vezes arbitrária. Disso vamos encontrar a prova no fato de a vidente ou “pitonisa” de Endor, que serviu de intermediária a Saul para comunicar com o espírito de Samuel, possuir também, segundo a expressão bíblica, um “espírito de Piton”. Entretanto, não é possível confundir o espírito do profeta Samuel com espíritos de ordem inferior. A cena descrita pela

Bíblia é de uma imponência grandiosa; oferece todos os caracteres de uma elevada manifestação⁽⁷⁸⁾.

No caso da jovem serva, citado acima a propósito de Paulo, a admitir-se que os maus espíritos podiam pregar o Evangelho, acompanhando os apóstolos, difícil se tornaria distinguir a fonte das inspirações. Era o que fazia objeto de atenção especial em todas as circunstancias, nas assembleias dos fiéis. Disso encontramos a afirmação num documento célebre, cuja análise damos a seguir:

A ***Didaqué***, pequeno tratado descoberto em 1873, na biblioteca do patriarcado de Jerusalém, em Constantinopla, composto provavelmente no Egito, entre os anos 120 e 160, projeta uma nova luz sobre a organização da igreja cristã no começo do século II, sobre o seu culto e a sua fé. Compreende várias partes: a primeira, essencialmente moral, abrange seis capítulos destinados a instruções dos catecúmenos. O que sobretudo é digno de nota nesse catecismo é a completa ausência de todo elemento dogmático. A segunda parte trata do culto, isto é, do batismo, da prece e da comunhão; a terceira contém uma liturgia e uma disciplina. Recomenda a observância do domingo; ***estabelece regras para discernir dos falsos os verdadeiros profetas (leia-se médiuns)***; assinala as condições requeridas para ser bispo ou diácono, e termina com um capítulo sobre as coisas finais e a *Parusia* ou volta do Cristo.

Essa obra apresenta um quadro da Igreja

Primitiva, muito diferente do que comumente se imagina ⁽⁷⁹⁾. **Os cristãos desse tempo conheciam perfeitamente as práticas necessárias para se entrar em comunicação com os espíritos, e não perdiam ocasião de a cultivar. [...].** ⁽⁸⁰⁾

A informação de que demônios e Espíritos são a mesma coisa, é, em parte, admitida por Russell N. Champlin, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***, quando de seus comentários sobre Marcos 5,2 se refere à palavra ***“os demônios”***:

Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo “theos”, “deus”. Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo. Gradualmente esse vocábulo foi-se limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre

a origem ou natureza desses espíritos.

Nada de realmente certo se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás (Ver Apo 12:7-9 com Apo 12:3,4). **Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição.** Outros ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. Muitos psicólogos modernos duvidam que exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas. Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. **É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos eles não existem – todavia, alguns sensíveis (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles veem-nos regularmente.** É fato sobejamente conhecido que os sentidos humanos são extremamente limitados, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto menos o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por preconceitos. Mas uma coisa que sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até

mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.

Era ponto teológico comum, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), **que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de mortos partidos deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, de *Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

Tertuliano (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa ideia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à ideia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange), o qual acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. **As próprias Escrituras nada nos informam acerca da origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade.** Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não*

representar a *verdade inteira* sobre a questão. **Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns.** Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora seja possível que exista alguma forma de comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens: tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos – é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso. ⁽⁸¹⁾ (itálico do original)

Em ***Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte***, Russell N. Champlin volta a reafirmar:

O judaísmo helenista, bem como o cristianismo antigo (até ao tempo de Crisóstomo, falecido em 407 d.C.), pensavam que a maioria dos demônios (se não mesmo todos) era composta de espíritos humanos desencarnados, de natureza negativa; e essa

ideia continua comum na teologia cristã, apesar de que hoje em dia ela não seja definida pela maioria dos teólogos. ⁽⁸²⁾

Que os demônios são Espíritos, é fácil de se comprovar, pois, até mesmo nos Evangelhos, encontra-se prova disso.

Tomamos este quadro, que retiramos e um texto nosso, onde constam algumas obsessões:

Passagem	Evangelista	Termo utilizado
Muitos Possessos	Mateus 8,16	Espíritos
	Marcos 1,32-34	Demônios
	Lucas 4,40-41	Demônios
O possesso de Gerasa	Mateus 8,28-34	Demônios
	Marcos 5,1-13	Espírito impuro e demônio
	Lucas 8,26-39	Espírito impuro e demônios
O possesso de Cafarnaum	Marcos 1,21-28	Espírito impuro
	Lucas 4,31-37	Espírito de demônio impuro e demônio
A filha da mulher Cananea	Mateus 15,21-28	Demônio
	Marcos 7,24-30	Espírito impuro e demônio

O menino mudo e epilético	Mateus 17,14-21	Demônio
	Marcos 9,14-29	Espírito
	Lucas 9,37-43	Espírito, demônio e espírito impuro

Como se pode ver, os dois termos – Espírito e demônio – são usados para designar a mesma coisa, inclusive, até mesmo ambos chegam a fazer parte de um mesmo relato, é o que se comprova. Mas é bom alertar que as traduções bíblicas nem sempre utilizam os mesmos termos aqui listados.

Vejamos a narrativa de um desses passos citados, para vermos que os Espíritos maus eram mesmo, genericamente, denominados de demônios:

Lucas 9,37-42: *“No dia seguinte, quando desceram da montanha, uma grande multidão foi ao encontro deles. Um homem gritou do meio da multidão: 'Mestre, eu te peço, vem ver o meu filho, pois é o meu único filho. **Um espírito o ataca** e, de repente, solta gritos e o sacode, e o faz espumar. Eu pedi aos teus discípulos que expulsassem **o espírito**, mas eles não conseguiram'. Jesus disse: 'Ó geração sem fé e perversa! Até quando deverei ficar com vocês, e ter que suportá-los? Traga o*

menino aqui'. Quando o menino estava se aproximando, o demônio o jogou no chão e o sacudiu. Então Jesus ordenou ao espírito mau, e curou o menino. Depois o entregou a seu pai."

Nesse texto vemos que "demônio" e "Espírito mau" são a mesma coisa, uma vez que ambas palavras são utilizadas para descrever o mesmo personagem envolvido na história, que figura como o agente perturbador do menino.

Vamos apresentar mais um caso, pois ele também nos servirá de base para falar de possessão física e incorporação, conforme prometido.

Lucas 8,26-37: "Jesus e os discípulos desembarcaram na região dos gerasenos, que está diante da Galileia. Ao descer à terra, um homem da cidade foi ao encontro de Jesus. Ele era possuído por demônios, e há muito tempo não se vestia, nem morava em casa, mas nos túmulos. Vendo Jesus, o homem começou a gritar, caiu aos pés dele, e falou com voz forte: 'Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Eu te peço, não me atormentes!' O homem falou assim, porque Jesus tinha mandado que o espírito mau saísse dele. De fato, muitas vezes o espírito

tinha tomado posse dele. **Para protegê-lo, o prendiam com correntes e algemas; ele, porém, arrebatava as correntes,** e o demônio o levava para lugares desertos. Então Jesus lhe perguntou: 'Qual é o seu nome?' Ele respondeu: 'Meu nome é Legião'. Pois muitos demônios tinham entrado nele. Os demônios pediam que Jesus não os mandasse para o abismo. Havia aí perto uma numerosa manada de porcos, pastando na montanha. Os demônios pediram a Jesus que os deixasse entrar nos porcos. Jesus deixou. Os demônios saíram do homem, e entraram nos porcos. E a manada atirou-se monte abaixo para dentro do lago, onde se afogou. Vendo o que havia acontecido, os homens que cuidavam dos porcos saíram correndo, e espalharam a notícia na cidade e nos campos. E as pessoas foram ver o que tinha acontecido. Foram até Jesus, e **encontraram o homem, de quem os demônios tinham saído, sentado aos pés de Jesus; estava vestido e no seu perfeito juízo.** E ficaram com medo. Os que tinham presenciado o fato anunciaram a eles como o endemoninhado tinha sido salvo. E todo o povo da região dos gerasenos pediu que Jesus fosse embora, para longe deles, porque estavam tomados de grande medo. Jesus entrou na barca, e foi embora." (Bíblia Pastoral)

Como na passagem anterior, aqui também, o termo demônio e Espírito mau são usados para designar o mesmo ser. Além disso, na versão de Mateus e de Marcos do episódio, foram usados os termos: “*demônio*” (Mateus 8,28-34) e “*Espírito mau*” e “*endemoninhado*” (Marcos 5,1-17).

A força descomunal que esse possesso adquiria, quando da influência do Espírito mau, era tanta que o fazia arrebentar as correntes, com as quais tentavam contê-lo, é algo digno de atenção.

Esse é um caso em que vemos toda a possibilidade de ser uma possessão física. E temos como consequência de que se há possessão física, também ocorre o fenômeno da incorporação, é o que explicaremos.

Muitos espíritas ainda não se deram conta de que Allan Kardec mudou sua opinião a respeito da possessão física, que foi negada pelos Espíritos superiores na resposta à questão 473 de **O Livro dos Espíritos**:

Um Espírito pode tomar momentaneamente o envoltório corporal de uma pessoa viva, isto é,

introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do que se acha encarnado neste corpo?

“O Espírito não entra num corpo como entra numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. **Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado,** por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”
(⁸³)

O mesmo ocorre no capítulo XXIII - Da obsessão, de *O Livro dos médiuns*, onde, no item 241, ele continua afirmando que não há possessão corporal (⁸⁴), entretanto, quando. Na **Revista Espírita 1863**, Allan Kardec analisa “Um caso de possessão - Senhorita Julie”, textualmente afirmou:

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta**, porque **nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial, no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado.** Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda

a sua simplicidade. (85)

O fato que causa grande confusão sobre o assunto é que, apesar de aqui Allan Kardec mudar de ideia ele não se preocupou em corrigir isso nas obras mencionadas – *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos médiuns* –, só o fazendo em **A Gênese**, publicada em janeiro de 1868, que, infelizmente, a maioria dos espíritas não lê, da qual transcrevemos o seguinte:

47. – Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque **um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado**, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se

seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; **quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.**

48. – Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta,** como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, **durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.**

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os

caracteres da loucura furiosa. ⁽⁸⁶⁾

Fica, portanto, comprovado que há possessão física, é disso que nós concluímos da existência do fenômeno da incorporação, uma vez que o processo é o mesmo, ou seja, nela também o Espírito toma posse do corpo do encarnado.

Vejamos o que Léon Denis diz em relação assunto. Em seu livro *No Invisível*, ele cita a opinião de Frederic Myers (1843-1901), professor da Universidade de Cambridge, que foi um pesquisador dos fenômenos psíquicos e um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres:

“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um espírito no homem, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros

espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros restam ainda a adquirir para o futuro.” (87)

Vemos que para Myers a possibilidade de um Espírito desencarnado usar o corpo físico de um encarnado pela incorporação é algo bem claro. O próprio Léon Denis aceitava tal fato, é o que se pode ver no capítulo XIX – Transe e incorporações, da obra mencionada:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal**, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. **Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre.** Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um

Espírito. Sob o influxo magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do “eu”, se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. (88)

Dadas as condições necessárias, o Espírito encarnado afasta-se do corpo, ou seja, tem sua alma emancipada, tal ocorrência possibilita ao

desencarnado apropriar-se, temporariamente, do corpo físico do encarnado e usá-lo para se manifestar.

Prosseguindo com sua a análise da questão, ainda coloca Léon Denis:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação

atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação se desvanece. O médium

desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. ⁽⁸⁹⁾

Verifica-se que aqui fica ainda mais clara a opinião de Denis sobre o fato de existir além do fenômeno da incorporação, com o desencarnado assumindo o corpo físico do encarnado, os casos em que só ocorre a transmissão de pensamento, que, via de regra, são, erroneamente, tomadas por muitos espíritas como se fosse o que ocorre em todos os tipos de manifestações.

O metapsiquista Gustave Geley (1868-1914), fundador Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, em sua obra **Resumo da Doutrina Espírita**, dá oportuna contribuição para esclarecimento desse assunto:

A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium

sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. ⁽⁹⁰⁾

Vê-se que a posição de Geley é clara, quanto ao fenômeno de incorporação ser algo “*real e não ilusório*”.

Sobre esses dois temas, recomendo o ebook ***Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*** ⁽⁹¹⁾, disponível em nosso site <https://paulosnetos.net>.

Lucas 1,11-13: “Apareceu-lhe, então, **um anjo do Senhor**, em pé à direita do altar do incenso. E **Zacarias**, vendo-o, ficou turbado, e o temor o assaltou. Mas o anjo lhe disse: Não temais, Zacarias; porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.”

Lucas 1,26-28: “Ora, no sexto mês, foi **o anjo Gabriel enviado por Deus** a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo onde ela estava

disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo.”

Zacarias e Maria de Nazaré são avisados por anjos sobre acontecimentos próximos. O primeiro, que sua mulher daria à luz a um filho, ao qual deveria ser dado o nome de João, a Maria, para anunciar-lhe a gravidez, daquele que veio em missão divina para trazer a nova revelação: Jesus. Ambos os casos fazem parte daquilo que denominamos de fenômenos mediúnicos, possivelmente, tratam-se de materializações.

*Lucas 11,11-13: “E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, **quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo** àqueles que lho pedirem?”*

Sim, caro leitor, você irá, certamente, dizer-nos: mas aqui não tem nada para ser classificado como mediunidade. Em princípio, isso é certo, porém, como se diz popularmente, “há controvérsias...”. Vejamos somente o versículo 13, em outras versões:

a) **Sabedoria do Evangelho**, Pastorino:

Lucas 11,13: “*Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, **dará um espírito bom** aos que lho pedirem!*” (92)

b) **Cristianismo e Espiritismo**, Léon Denis:

Lucas 11,13. “*Portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai **enviará do céu 'um bom espírito'** àqueles que lho pedirem.*” (93)

c) **Bíblia Sagrada - Barsa**:

Lucas 11,13: “*Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos: quanto mais o vosso Pai celestial **dará espírito bom** aos que lho pedirem?*”

d) **Bíblia Sagrada - Paulinas** 1975, 1977 e 1980:

Lucas 11,13: “*Se, pois, vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos; quanto mais o Pai celestial **dará espírito bom** aos que lho pedirem.*”

Temos aqui, então, a razão pela qual, nas traduções adaptadas aos dogmas, não se vê algo relacionado à mediunidade. Nessas quatro vemos,

claramente, o que querem esconder dos fiéis; é, exatamente, a comunicação com os Espíritos, coisa que faziam àquela época, é exatamente isso que o passo colocaria em evidência, caso não fosse mudada a expressão “*um Espírito bom*” para “o Espírito Santo”.

Em ***Cristianismo e Espiritismo***, Léon Denis, explica-nos:

As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contrassenso. Na *Vulgata*, **tradução latina do grego, está escrito *Spiritus bonum***, palavra por palavra, espírito bom. **A *Vulgata* não fala absolutamente do Espírito Santo**. O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II. ⁽⁹⁴⁾

Apenas para conferir, na *Vulgata*, lemos:

Lucas 11,13: “*si ergo vos cum sitis mali nostis bona data dare filiis vestris quanto magis Pater vester de cælo dabit **spiritum bonum** petentibus se*”. ⁽⁹⁵⁾.

Está correta, portanto, a informação de Léon

Denis, pois, no texto da *Vulgata*, se lê a expressão “*spiritum bonum*”, ou seja, Espírito bom; porém, não é o que se vê em algumas traduções bíblicas utilizadas pelas religiões cristãs tradicionais.

Carlos J. T. Pastorino (1910-1980), filósofo e teólogo, em ***Sabedoria do Evangelho - Vol. 2***, traduziu da seguinte forma ⁽⁹⁶⁾:

Lucas 11,13: “Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará **um espírito bom** aos que lho pedirem!”

Nessa tradução, temos a exata ideia daquilo que querem esconder de seus fiéis, ou seja, a realidade da época, em que era comum a comunicação com os Espíritos, pois nele, se vê a afirmativa de que Deus enviará “*um Espírito bom*” aos que Lhe pedirem, o que nos remete à manifestação dos Espíritos, pois, Ele, como bom Pai, atenderá ao pedido. Inclusive, temos isso como uma questão de justiça, porquanto se só os Espíritos maus viessem, seria algo como um sadismo de Deus para conosco.

Está, portanto, comprovado que o texto foi adulterado para ajustar-se ao dogma da Trindade, instituído pelos teólogos católicos, algo mais sobre esse assunto, veja o nosso texto **Trindade: o “mistério” criado por um leigo, anuído pelos teólogos** ⁽⁹⁷⁾, disponível em <https://paulosnetos.net>.

Além da *Didaquê*, citada por Léon Denis, que, ao que tudo indica, corrobora isso como prática corriqueira naquela época, ainda podemos citar a obra *O Pastor*, escrita por volta de 142 a 155 E.C., cujo autor Hermas dá judiciosa orientação para se distinguirem os bons dos maus Espíritos, referenciada em **Cristianismo e Espiritismo**:

O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque **o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite**. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer.

Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É

importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim. ⁽⁹⁸⁾

A afirmativa de que “o Espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite”, é exatamente o que acreditamos ser a realidade, porquanto os Espíritos somente se manifestam porque há mesmo permissão de Deus para isso.

Lucas 16,19-31: *“Ora, havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e todos os dias se regalava esplendidamente. Ao seu portão fora deitado um mendigo, chamado Lázaro, todo coberto de úlceras; o qual desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lambe-lhe as úlceras. Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado. No hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e envia-me Lázaro, para que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que em tua vida*

recebeste os teus bens, e Lázaro de igual modo os males; agora, porém, ele aqui é consolado, e tu atormentado. E além disso, entre nós e vós está posto um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para nós. Disse ele então: **Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham eles também para este lugar de tormento.** Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Respondeu ele: Não! pai Abraão; mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, hão de se arrepender. Abraão, porém, lhe disse: **Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.**”

Embora nesse texto não temos nenhum fenômeno mediúnico, ele é peculiar, pois prova a existência da crença, na época de Jesus, de que os mortos se comunicavam, por dois motivos:

1) o fato do rico ter pedido a Abraão que enviasse Lázaro para avisar a seus irmãos, foi, certamente, pelo fato disso ser uma crença comum, notar que, pela narrativa bíblica, o “morto” leva sua

memória para o plano espiritual;

2) Abraão não disse que o envio de Lázaro seria impossível ou algo proibido; apenas ressaltou que não valia a pena fazer isso, pois se as pessoas não davam ouvidos a Moisés e aos profetas, que deixaram suas mensagens enquanto vivos, muito menos dariam a um morto, caso Lázaro fosse enviado a eles.

O *“tampouco acreditarão, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”* parece até uma profecia, pois é exatamente o que acontece nos dias de hoje, ou seja, ninguém quer dar ouvidos aos Espíritos – os mortos que ressurgem –, que nos mandam notícias “do lado de lá”, para evitar que tenhamos dissabores ao retornar à pátria espiritual.

Atos 1,8: *“Mas recebereis poder, ao **descer sobre vós o Espírito Santo**, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.”*

Atos 2,4: *“E todos ficaram **cheios do Espírito Santo**, e começaram a **falar noutras línguas**, conforme o **Espírito** lhes concedia*

que falassem.”

Atos 4,31: *“E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram **cheios do Espírito Santo**, e **anunciavam com intrepidez** a palavra de Deus.”*

Atos 10,44: *“Enquanto Pedro ainda dizia estas coisas, **desceu o Espírito Santo** sobre todos os que ouviam a palavra.”*

Atos 11,15: *“Logo que eu comecei a falar, **desceu sobre eles o Espírito Santo**, como também sobre nós no princípio.”*

Mudando-se “o Espírito Santo” para “**UM** Espírito santo”, pois aqui, provavelmente, tenham também alterado, conforme demonstrado essa ocorrência em Lucas 11,13, teremos o fenômeno dos Espíritos influenciando as pessoas, inclusive, em alguns casos, produzindo a xenoglossia, que, conforme já explicado, é falar em língua desconhecida.

Atos 2,1-5: *“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. **E lhes apareceram umas línguas como que***

de fogo, que se distribuíam, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.”

Quando os discípulos começaram a falar em línguas, isso foi visto por todos; porém, alguns diziam que eles estavam “cheios de mosto”, vinho novo, retirado do lagar, (Atos 2,13). Pedro respondeu-lhes:

Atos 2,15-18: *“Pois estes homens não estão embriagados, como vós pensais, visto que é apenas a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que **derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos anciãos terão sonhos; e sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.”***

Particularmente, denominamos de “explosão da mediunidade”, a isso que estava acontecendo e que, modernamente, a partir de meados do século

XIX, passou a ocorrer novamente, quando os habitantes da pátria espiritual voltaram para instruir aos que estão na retaguarda e ainda vivem no plano terreno.

A mediunidade de “falar em línguas estranhas”, conforme já o dissemos, é o que denominamos de xenoglossia, que, por ter ocorrido várias vezes, julgamos não ser privilégio dos discípulos, o que nos leva a inferir tratar-se mesmo de uma faculdade humana, onde todos a possui, variando apenas o grau, conforme já o dissemos.

Atos 5,16: *“Também das cidades circunvizinhas afluía muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de **espíritos imundos**, os quais eram todos curados.”*

Atos 8,7: *“E descendo Filipe à cidade de Samaria, pregava-lhes a Cristo. As multidões escutavam, unânimes, as coisas que Filipe dizia, ouvindo-o e vendo os sinais que operava; pois saíam de muitos possessos os **espíritos imundos**, clamando em alta voz; e muitos parálíticos e coxos foram curados.”*

Vemos que a prática da libertação dos fiéis da

influência nociva dos Espíritos imundos (Espíritos maus) era comum também naquela época. Nos anais da Igreja Católica, por exemplo, há notícias de vários exorcismos, pelos quais os fiéis foram libertados da influência do “demônio” (Espírito mau).

Nas Igrejas Evangélicas, pelo que se percebe, nos programas televisivos, isso também se faz. Não temos como não classificar tudo isso como prática mediúnica, apesar, dos muxoxos que aparecerão.

*Atos 8,17: “Então lhes **impuseram as mãos**, e eles receberam **o Espírito Santo**. Quando Simão viu que pela imposição das mãos dos apóstolos se dava o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu **impuser as mãos**, receba **o Espírito Santo**.”*

*Atos 19,6: “Havendo-lhes Paulo **imposto as mãos**, veio sobre eles **o Espírito Santo**, e falavam em línguas e profetizavam.”*

No Antigo Testamento também vimos que o ato de impor as mãos, produzia, em algumas pessoas, o efeito de abrir-lhes o “canal mediúnico”, com isso passavam a condição de médiuns ostensivos. A razão ou o motivo pelo qual isso acontecia, conforme

já o dissemos, pode estar ligada ao magnetismo oriundo dos passes (imposição de mãos).

Atos 8,26-40: “Mas **um anjo do Senhor falou a Filipe**, dizendo: Levanta-te, e vai em direção do sul pelo caminho que **desce de Jerusalém a Gaza**, o qual está deserto. E levantou-se e foi; e eis que **um etíope**, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros e **tinha ido a Jerusalém** para adorar, regressava e, sentado no seu carro, lia o profeta Isaías. **Disse o Espírito a Filipe**: Chega-te e ajunta-te a esse carro. E correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: Entendes, porventura, o que estás lendo? Ele respondeu: Pois como poderei entender, se alguém não me ensinar? e rogou a Filipe que subisse e com ele se sentasse. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta: Foi levado como a ovelha ao matadouro, e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim ele não abre a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; quem contará a sua geração? porque a sua vida é tirada da terra. Respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? de si mesmo, ou de algum outro? Então Filipe tomou a palavra e, começando por esta escritura, anunciou-lhe a Jesus. E indo

*eles caminhando, chegaram a um lugar onde havia água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? [E disse Felipe: é lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.] mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e Filipe o batizou. Quando saíram da água, **o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco**, que jubiloso seguia o seu caminho. **Mas Filipe achou-se em Azoto** e, indo passando, evangelizava todas as cidades, até que chegou a Cesareia”.*

Um ponto para o qual gostaríamos de chamar a atenção, que mais à frente voltaremos a tocar nele, é que os termos “anjo” e “Espírito” se referem a um mesmo personagem, isso torna-os significado um do outro. Veja que no passo se inicia dizendo “anjo” (v 26), para depois dizer “Espírito” (v. 29).

No passo, o fenômeno mediúnico é o arrebatamento físico de Filipe, de algum ponto do caminho de Jerusalém a Gaza para a cidade de Azoto, a cerca de 32 km ao norte de Gaza.

Acreditamos poder classificá-lo de fenômeno

de transporte, embora isso seja mais raro acontecer com pessoas. Possivelmente, tem tudo para ser o que também aconteceu a Elias, conforme narrado em 2 Reis 2,11: *“E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.”*

Essa forma poética da narrativa, leva muitas pessoas a acreditarem no mito de que ele teria sido arrebatado ao “céu” de corpo e alma, embora no texto bíblico os discípulos de Eliseu terem dito *“pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale”* (2 Reis 2,16); foram procurá-lo e não o encontraram, provavelmente, disso, ou seja, o fato de não terem encontrado, surgiu a crença do seu arrebatamento de corpo e alma.

Atos 9,3-9: *“Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, **subitamente o cercou um resplendor de luz do céu**; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: 'Quem és tu, Senhor?' Respondeu o Senhor: '**Eu sou Jesus**, a quem tu persegues;*

*mas levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer'. Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, **ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém**. Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via coisa alguma; e, guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.”*

*Atos 16,6-7: “Atravessaram a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia e tendo chegado diante da Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o **Espírito de Jesus** não lho permitiu.”*

O primeiro passo narra a conversão de Paulo, quando o próprio Jesus lhe aparece, na estrada de Damasco. Como somente Paulo viu Jesus, temos que o fenômeno mediúnico não seria uma materialização, mas, sim, o de uma aparição. Jesus se fez aparecer somente a Paulo. Entretanto, quanto à voz, como todos ouviram, trata-se do fenômeno da voz direta, portanto, temos duas ocorrências mediúnicas combinadas. Jesus, possuindo uma luz tão intensa, acabou por cegar temporariamente a Paulo.

No segundo, temos Paulo recebendo uma orientação de Jesus, que, ao que nos parece, levando-se em conta os textos bíblicos, o assistia em sua missão de divulgar a boa nova. Aliás, como veremos um pouco à frente, era a pessoa que mais entendia do assunto mediunidade, designado por ele de “dons do Espírito”.

*Atos 9,10: “Ora, havia em Damasco certo discípulo chamado **Ananias**; e disse-lhe o Senhor em **visão**: Ananias! Respondeu ele: Eis-me aqui, Senhor.”*

*Atos 10,3: “cerca da hora nona do dia, viu claramente em **visão** um anjo de Deus, que se dirigia para ele e lhe dizia: **Cornélio!**”*

*Atos 10,17: “Enquanto **Pedro** refletia, perplexo, sobre o que seria a **visão** que tivera, eis que os homens enviados por Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam à porta.”*

Revelações, avisos, pedidos, tudo isso podia vir através de visões, que são fenômenos típicos da mediunidade.

Atos 12,5-10: “Pedro, pois, estava guardado na prisão; mas a igreja orava com insistência a

Deus por ele. Ora quando Herodes estava para apresentá-lo, nessa mesma noite estava Pedro dormindo entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias e as sentinelas diante da porta guardavam a prisão. **E eis que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz resplandeceu na prisão;** e ele, tocando no lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levantate depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. Disse-lhe ainda o anjo: Cinge-te e calça as tuas sandálias. E ele o fez. Disse-lhe mais; Cobre-te com a tua capa e segue-me. **Pedro, saindo, o seguia, mesmo sem compreender que era real o que se fazia por intermédio de um anjo, julgando que era uma visão.** Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e tendo saído, passaram uma rua, e logo o anjo se apartou dele.”

Um Espírito (=anjo) se materializa e consegue soltar Pedro da prisão, onde encontrava-se metido, que ele julgou se tratar de uma visão; porém, esteve na presença real do anjo.

Atos 16,16-18: “Ora, aconteceu que quando íamos ao lugar de oração, nos veio ao encontro uma jovem que tinha **um espírito**

adivinhador, e que, adivinhando, dava grande lucro a seus senhores. Ela, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: São servos do Deus Altíssimo estes homens que vos anunciam um caminho de salvação. E fazia isto por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao **espírito**: Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela. E na mesma hora saiu.”

Através de sua mediunidade, a jovem fazia adivinhações, cobrando dos incautos que iam consultá-la. Isso dava lucro a seus senhores. O Espírito, através dela, passou a perturbar Paulo, que, já sem paciência, lhe ordena que saia da jovem. Infelizmente, até hoje encontramos pessoas que mercantilizam o “dom” da mediunidade, cobrando por algo que deveria ser totalmente gratuito: “*dai de graça o que de graça recebestes*” (Mateus 10,8).

Embora, não tenha sido dito no texto, poderia haver a possibilidade desse Espírito estar obsediando a jovem, e Paulo foi quem conseguiu libertá-la daquela obsessão. E, por falar em obsessão, lembramos daquela narrada em Atos 19,13-16, em que vimos os sete exorcistas, filhos de Ceva, um dos principais sacerdotes dos judeus, se darem mal.

1 Coríntios 12,1-11: “Ora, a respeito **dos dons espirituais**, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Vós sabeis que, quando éreis gentios, vos desviáveis para os ídolos mudos, conforme éreis levados. Portanto vos quero fazer compreender que ninguém, falando pelo Espírito de Deus, diz: Jesus é anátema! e ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor! senão pelo Espírito Santo. Ora, **há diversidade de dons**, mas **o Espírito é o mesmo**. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um, porém, **é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum**. Porque a um, pelo Espírito, é dada **a palavra da sabedoria**; a outro, pelo mesmo Espírito, **a palavra da ciência**; a outro, pelo mesmo Espírito, **a fé**; a outro, pelo mesmo Espírito, **os dons de curar**; a outro **a operação de milagres**; a outro **a profecia**; a outro **o dom de discernir espíritos**; a outro **a variedade de línguas**; e a outro **a interpretação de línguas**. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer.”

Ao que Paulo chamou de “dons espirituais”, nós, os espíritas, denominamos de mediunidade, ou se o desejarem, “dons mediúnicos”, uma vez que se

trata da mesma coisa. Assim, com são vários tipos de mediunidade, há também “diversidade de dons mediúnicos”.

Na interpretação desse passo, há uma certa confusão por aqueles que não se apoiam nos conhecimentos espíritas, que pensam que a afirmativa “*o Espírito é o mesmo ou pelo mesmo Espírito*” tratar-se do Espírito Santo. Ora, todos sabemos, que esse personagem, o Espírito Santo, foi criação posterior, na época em que os textos do Novo Testamento foram escritos ele não existia.

E, por outro lado, a pensar assim não havia razão para existir médium com o “*dom de discernir Espíritos*”. Entendemos que Paulo estava falando do Espírito guia, pois é o que acontece nas reuniões ou agrupamentos nos quais os médiuns se propõem a trabalhar com sua mediunidade, sempre há um Espírito que coordena os trabalhos, coisa que todos os espíritas sabem e que um dia os carismáticos da Igreja Católica tomarão conhecimento disso.

O ex-pastor Jayme Andrade, autor do livro ***O Espiritismo e as Igrejas Reformadas***, dá uma

explicação que vem nos ajudar no entendimento desse texto de Paulo:

Quando o apóstolo disse que “um só Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente a cada um como quer” (1ª Cor 12:1), **pretendeu certamente referir-se ao Guia Espiritual da reunião, que faculta a cada Espírito comunicante o ensejo de ministrar sua mensagem**, tanto que no versículo imediatamente anterior ele fala do “dom de discernir **os espíritos**” e um pouco adiante afirma: “**Os espíritos** dos profetas estão sujeitos aos profetas” (14:32). Note-se que o apóstolo João também advertiu: “Amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se **os espíritos** são de Deus”. (1ª João 4:1) ⁽⁹⁹⁾ (os três últimos grifos são do original, o primeiro é nosso).

Portanto, confirma o que dissemos de que não se trata de algo no qual somente o Espírito Santo estava agindo em todos, como tentam nos fazer crer ter acontecido em Lucas (Lucas 11,13), fato que já comentamos.

Aliás, há um outro passo em que também o sentido foi alterado, conforme nos afirma o Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), professor de Teologia, em **O Espiritismo e a Igreja**, do qual

transcrevemos:

E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: “Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entrar em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância (I Cor., XIV, 12).

No texto grego está – espíritos e não dons espirituais – como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver e menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este pneumatou*. ⁽¹⁰⁰⁾

Mais uma alteração feita, sem a menor cerimônia, visando, evidentemente, e como sempre, esconder a verdade dos fiéis, pois é a forma mais fácil de dominá-los, subjugando-os às suas idiossincrasias dogmáticas, não sem razão disse Jesus: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (João 8,32).

Mas quando vários médiuns se juntam num mesmo local, problemas surgem, alguns querendo-se destacar mais que os outros por conta de seu “dom”, que nos parece ser o problema vivido por Paulo,

conforme se pode ver neste passo que se segue.

1 Coríntios 14,1-33: “Segui o amor; e **procurai com zelo os dons espirituais**, mas principalmente o de profetizar. Porque **o que fala em língua não fala aos homens**, mas a Deus; pois ninguém o entende; porque em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. O que fala em língua edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. Ora, quero que todos vós faleis em línguas, mas muito mais que profetizeis, pois **quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas**, a não ser que também intercede para que a igreja receba edificação. E agora, irmãos, se eu for ter convosco falando em línguas, de que vos aproveitarei, se vos não falar ou por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina? Ora, até as coisas inanimadas, que emitem som, seja flauta, seja cítara, se não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca na flauta ou na cítara? Porque, se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? Assim também vós, **se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz?** porque estareis como que falando ao ar. Há, por exemplo, tantas espécies de vozes no

mundo, e nenhuma delas sem significação. Se, pois, eu não souber o sentido da voz, serei estrangeiro para aquele que fala, e o que fala será estrangeiro para mim. Assim também vós, já que estais desejosos de dons espirituais, procurai abundar neles para a edificação da igreja. Por isso, o que fala em língua, ore para que a possa interpretar. Porque se eu orar em língua, o meu espírito ora, sim, mas o meu entendimento fica infrutífero. Que fazer, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. De outra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o amém sobre a tua ação de graças aquele que ocupa o lugar de indouto, visto que não sabe o que dizes? Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado. **Dou graças a Deus, que falo em línguas mais do que vós todos.** Todavia na igreja **eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua.** Irmãos, não sejais meninos no entendimento; na malícia, contudo, sede criancinhas, mas adultos no entendimento. Está escrito na lei: Por homens de outras línguas e por lábios de estrangeiros falarei a este povo; e nem assim me ouvirão, diz o Senhor. **De modo que as línguas são**

um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos; a profecia, porém, não é sinal para os incrédulos, mas para os crentes. Se, pois, toda a igreja se reunir num mesmo lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e algum incrédulo ou indouto entrar, por todos é convencido, por todos é julgado; os segredos do seu coração se tornam manifestos; e assim, prostrando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, declarando que Deus está verdadeiramente entre vós. Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. **Faça-se tudo para edificação. Se alguém falar em língua, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e cada um por sua vez, e haja um que interprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus. E falem os profetas, dois ou três, e os outros julguem.** Mas se a outro, que estiver sentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, cada um por sua vez; para que todos aprendam e todos sejam consolados; **pois os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas;** porque Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz. [...].”

Dessas considerações de Paulo, destacamos:

a) procurai com o zelo os “dons espirituais” – tratar com seriedade o dom da mediunidade, tendo plena dedicação no seu uso, para atender a missão que Deus reservou àquele médium;

b) falar em línguas só tem sentido se houver alguém para interpretá-las – claro, pois se alguém fala em línguas e ninguém entende, que proveito poder-se-á tirar das instruções vindas do plano espiritual?;

c) Paulo mesmo falava em línguas – suas instruções, portanto, vinham de quem tinha experiência pessoal, ou seja, não estava teorizando;

d) falar em línguas é sinal para os incrédulos – pena que isso ainda não se tornou um fato, pois, até os dias de hoje, o fato dos médiuns falarem ou escreverem em línguas, inclusive, com algumas escritas na forma especular, que para serem lidas deve-se colocá-las contra a luz ou diante de um espelho, não tem convencido a muita gente da realidade dos Espíritos, que são as almas das pessoas que morreram, para usar de um linguajar

popular;

e) o uso dos “dons” para edificação de todos – a mediunidade não foi “dada” por Deus visando a satisfação pessoal de ninguém, mas para a instrução de todos, o bem comum deve prevalecer ao individual;

f) falar cada um por vez – por ordem nas manifestações é algo importante, pois não se fazendo isso as reuniões se tornarão a maior bagunça, de forma que ninguém vai entender nada, as orientações se perderão no ar;

g) julgar o que está sendo transmitido – muito importante essa recomendação, pois também “*há falsos profetas*” no plano espiritual, Espíritos fingindo ser quem não é, dando orientações estapafúrdias, imiscuindo-se na vida das pessoas, “relevando” o futuro, etc.;

h) “*os Espíritos dos profetas estão sujeito aos profetas*”, ou seja, os médiuns devem controlar os Espíritos, dos quais sofrem a influência ou estão sintonizados, para que as reuniões não se tornem uma confusão danada, sem qualquer proveito para

ninguém.

Quanto aos falsos profetas da erraticidade, a preocupação de identificá-los foi também uma recomendação de João.

1 João 4,1-3: *“Amados, não creiais a todo **espírito**, mas provai se os espíritos vêm de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Nisto conheceis o **Espírito** de Deus: todo **espírito** que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo **espírito** que não confessa a Jesus não é de Deus; mas é o **espírito** do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que havia de vir; e agora já está no mundo.”*

Buscar reconhecer “se os Espíritos vêm de Deus ou não”, significa examiná-los para distinguir e separar os bons dos maus, para só então, pode dar credibilidade às suas mensagens.

Apocalipse 1,10-11.19: *“No dia do Senhor, o **Espírito tomou conta de mim**. E atrás de mim ouvi uma voz forte como trombeta, que dizia: '**Escreva num livro tudo o que você está vendo**. Depois mande para as sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia'. **Escreva o que***

você viu: *tanto as coisas presentes como as que devem acontecer depois delas.*” (Bíblia Pastoral)

Estávamos devendo a explicação porque motivo nós consideramos o livro Apocalipse como sendo uma psicografia, é o que faremos agora analisando esse passo.

Preferimos o texto da *Bíblia Pastoral*, porquanto, por ele ficará mais nítido aquilo que, muitas vezes, fazem de tudo para esconder. As afirmativas “*o Espírito tomou conta de mim*” e a voz que disse “*escreva num livro tudo o que você está vendo*”, leva-nos à conclusão de que, na verdade, João só pode ter escrito o livro por meio da psicografia, pelo simples motivo de que, tanto ele quanto Pedro, “*eram homens iletrados e indoutos*”, conforme se afirma em Atos dos Apóstolos (Atos 4,13). Além do livro, foi-lhe recomendado escrever às setes igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e a Laodiceia (Apocalipse 2,1.8.12.18; 3.1.7.14).

Allan Kardec denominou esse tipo de médiuns como “*Médiuns iletrados*: os que escrevem, como

médiuns, sem saberem ler, nem escrever, no estado ordinário.” (101), tendo inclusive, na **Revista Espírita 1863**, afirmado que:

Os médiuns iletrados são numerosos e muitos há que psicografam sem jamais terem aprendido a escrever. Isso não é mais surpreendente do que ver um médium desenhar sem ter sido iniciado nessa arte. (102)

Nos livros **Revista Espírita 1863** e **Obras Póstumas**, respectivamente, ainda, temos as seguintes considerações de Allan Kardec sobre o assunto:

[...] **Os médiuns iletrados que têm comunicações acima de seu alcance intelectual são muito numerosos.** Vem-se de nos mostrar uma página verdadeiramente notável, obtida em Lyon, por uma mulher que não sabia nem ler nem escrever, e não sabia uma palavra do que escreve; seu marido, que não é quase mais forte, a decifra por intuição, durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível; as outras pessoas o leem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação desta palavra do Cristo: “Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, e farão prodígios?” Não é um prodígio que de escrever, pintar, desenhar, fazer da música e da poesia quando não se o

sabe? Pedis sinais materiais? ei-los. Os incrédulos dirão que é um efeito da imaginação? Se isso fora, seria preciso convir que essas pessoas têm a imaginação na mão e não no cérebro. Ainda uma vez, uma teoria não é boa senão com a condição de dar razão de todos os fatos; se um único fato vem contradizê-la, é que ela é falsa ou incompleta. ⁽¹⁰³⁾

51. Não sendo o médium senão um instrumento que recebe e transmite o pensamento de um Espírito estranho, que segue o impulso mecânico que lhe é dado, não há nada que ele não possa fazer fora de seus conhecimentos, se está dotado da flexibilidade e da aptidão mediúnica necessárias. Assim é que existem médiuns *desenhistas, pintores, músicos, versificadores*, embora estranhos à arte do desenho, da pintura, da música e da poesia; **os médiuns iletrados, que escrevem sem saber nem ler nem escrever**; os médiuns *polígrafos*, que reproduzem diferentes gêneros de escrita, e, algumas vezes, com perfeita exatidão a que o Espírito tinha quando vivo; **os médiuns políglotas, que falam ou escrevem em línguas que lhe são desconhecidas**, etc. ⁽¹⁰⁴⁾

A novidade é que estende a lista dos médiuns em que o resultado das comunicações são de coisas de que eles nada sabem, citando médiuns: *desenhistas, pintores, músicos, versificadores e polígrafos*. Por ninguém ser capaz de produzir algo

que não aprendeu e de que também não tem o mínimo conhecimento, isso deveria ser uma prova bem forte da participação de uma outra inteligência que não a do médium, e que, muitas vezes, está muito acima de sua capacidade, porém, isso ainda não conseguiu convencer aos incrédulos e dogmáticos e nem aos cientistas preconceituosos.

Apocalipse 4,2: *“Imediatamente **fui arrebatado em espírito**, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono”.*

Apocalipse 17,3: *“Então ele **me levou em espírito** a um deserto; e vi uma mulher montada numa besta cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e que tinha sete cabeças e dez chifres.”*

Apocalipse 21,10: *“E **levou-me em espírito** a um grande e alto monte, e mostrou-me a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus.”*

Ocorrência já registrada no Antigo Testamento, e aqui acontecendo com João, que também foi arrebatado em Espírito, ou seja, em desdobramento ou estado de emancipação de sua alma.

Conclusão

Aos que, sem preconceito e de mente aberta, acompanharam as nossas análises dos textos bíblicos, provavelmente, irão chegar a mesma conclusão que nós passamos a ter de que o intercâmbio com os Espíritos era fato comum, tanto para os judeus quanto para os cristãos primitivos.

Mesmo com tantas alterações na Bíblia, em sua maioria visando descaracterizá-los como tal, ainda se percebe esses fenômenos nela. Porém, não conseguiram explicar porque esse intercâmbio não recebeu por parte de Jesus nenhuma admoestação, visando proibi-lo. Aí vale o questionamento de Allan Kardec: *“Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã.”* ⁽¹⁰⁵⁾, que já mencionamos, no decorrer deste estudo, voltamos a ela apenas para estendê-la a todas as Igrejas tradicionais.

Uma coisa que deve ficar clara é que o Allan

Kardec disse a seus adversários, rebatendo-lhes as críticas: *“O Espiritismo não vem, pois, destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, quer dizer, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido”*. (106)

A seguinte explicação dele, constante da ***Revista Espírita 1858***, é oportuna ao nosso estudo:

Se bem que os fenômenos, dos quais iremos nos ocupar, se tenham produzido, nestes últimos tempos, de modo mais geral, **tudo prova que ocorreram desde os tempos mais recuados**. Não se trata de fenômenos naturais nas invenções que seguem o progresso do espírito humano; desde que estão na ordem das coisas, sua causa é tão velha quanto o mundo e os efeitos devem ter-se produzido em todas as épocas. O que, pois, testemunhamos hoje não é uma descoberta moderna: **é o despertar da antiguidade**, mas, da antiguidade liberta da companhia mística que engendrou as superstições, da antiguidade esclarecida pela civilização e o progresso nas coisas positivas.

A consequência capital, que ressalta desses fenômenos, é a comunicação, que os homens podem estabelecer, com os seres do mundo incorpóreo, e os conhecimentos que podem, em certos limites, adquirir sobre seu estado futuro. O fato das comunicações com o mundo

invisível se encontra em termos inequívocos nos relatos bíblicos; mas, de um lado, para certos cétricos, a Bíblia não tem uma autoridade suficiente; por outro lado, para os crentes, são fatos sobrenaturais, suscitados por um favor especial da Divindade. Não haveria aí, pois, para todo o mundo, uma prova da generalidade dessas manifestações, se não as encontrássemos em milhares de outras fontes diferentes. **A existência dos Espíritos, e a sua intervenção no mundo corporal, está atestada e demonstrada, não mais como um fato excepcional, mas como princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São Crisóstomo, São Gregório de Nazianzeno e muitos outros Pais da Igreja.** Essa crença forma, por outro lado, a base de todos os sistemas religiosos. Os mais sábios filósofos da antiguidade a admitiram: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros. Nós a encontramos nos mistérios e nos oráculos, entre os Gregos, os Egípcios, os Hindus, os Caldeus, os Romanos, os Persas, os Chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições, desafiar todas as revoluções físicas e morais da Humanidade. Mais tarde, encontramos-a nos adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Willis e nas Walkirias dos Escandinavos, nos Elfos dos Teutões, nos Leschios e nos Domeschnios Doughi dos Eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Ten-sarpoulicts dos Bretões, nos Cemis dos Caraíbas, em uma palavra, em toda a falange de ninfas, de gênios bons e maus, de silfos, de gnomos, de fadas, de

duendes, com os quais todas as nações povoaram o espaço. Encontramos a prática das evocações entre os povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os índios da América do Norte, entre os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e mesmo entre os estúpidos selvagens da Oceania. De alguns absurdos que essa crença esteja cercada e disfarçada segundo os tempos e os lugares, não se pode deixar de convir que ela parte de um mesmo princípio, mais ou menos desfigurado; **ora, uma doutrina não se torna universal, e nem sobrevive a milhares de gerações, nem se implanta, de um polo ao outro, entre os povos mais dessemelhantes, e em todos os graus da escala social, sem estar fundada em alguma coisa de positiva.** O que é essa alguma coisa? É o que nos demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações que podem e devem ter entre essas manifestações e todas essas crenças, é procurar a verdade. A história da Doutrina Espírita, de alguma forma, é a do espírito humano; iremos estudar todas essas fontes que nos fornecerão uma mina inesgotável de observações, tão instrutivas quanto interessantes, sobre os fatos gerais pouco conhecidos. Essa parte nos dará a oportunidade de explicar a origem de uma multidão de lendas e de crenças populares, interpretando a parte da verdade, da alegoria e da superstição. ⁽¹⁰⁷⁾

Como é definido pela Doutrina Espírita o fenômeno mediúnico não é nada mais que uma

ocorrência de ordem natural. Podendo ser identificado desde os tempos mais remotos da humanidade, até mesmo porque o “homem da caverna”, certamente, tinha o seu próprio anjo da guarda. O certo é que isso não poderia ser mesmo diferente, pois, em se tratando de uma manifestação de uma faculdade humana, ela é tão antiga quanto a permanência do homem aqui na Terra.

Mas, infelizmente, a intolerância religiosa, a ignorância, e por vezes, a completa má vontade, não permitiram que a manifestação dos Espíritos fosse divulgada da forma correta, ficando mais por conta de uma ocorrência sobrenatural, que só acontecia a alguns poucos privilegiados. Coube ao Espiritismo a desmistificação desse fenômeno, bem como a sua explicação racional.

Para nós, Allan Kardec deixou um legado importantíssimo para os que possam se interessar pelo assunto, quando lança *O Livro dos Médiuns*, que recomendamos aos que buscam o conhecimento dessa fenomenologia, ainda muito incompreendida em nossos dias.

Esperamos ter conseguido chegar à nossa meta que era a de provar que as manifestações dos Espíritos estão nas páginas da Bíblia, portanto, ela também comprova que os Espíritos, se manifestam desde os tempos remotos. Fato que podemos ainda confirmar, com a opinião do antiespírita radical Cardeal Alexis Henri Marie Lépiciér (1863-1936), que em ***O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo***, disse:

Não devemos deixar de observar que a crença de que o homem pode, naturalmente, **entrar em comunicação com os espíritos dos mortos esteve já grandemente em voga, antes que os fenômenos espíritas tivessem a forma atual. Ainda antes da era cristã, tal crença teve grande aceitação**, e verificamos que, **nos primeiros séculos da Igreja, era tão grande a tendência dos recém-convertidos ao cristianismo para se porém em comunicação, como eles julgavam, com as almas dos mortos**, que os primeiros imperadores cristãos tiveram de promulgar leis severas para por termo a estas práticas. ⁽¹⁰⁸⁾

Essa opinião do Cardeal Lépiciér é importante, porquanto vem de alguém do topo da hierarquia da

Igreja, o que a torna insuspeita. E, é bom que se diga, que ele era radicalmente contra o Espiritismo, seu livro trata exatamente de expor sua opinião contrária, inclusive, sem meias palavras, disse que ele é *“um grave perigo para o corpo e para a alma”*. Certamente, que na sua condição de desencarnado, já deve ter se arrependido de ter dito isso, e se ainda não teve, tem agora o perdão dos espíritas.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada.** s/ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém,** nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino.** 1ª ed. (?) São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada,** 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada,** 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada,** Edição Popular, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada,** 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.**
- Bíblia Sagrada,** Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada,** Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada,* Sociedade Bíblica do Brasil, s/ed. Brasília, DF, 1969.
- Bíblia Sagrada,** Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, s/ed. São Paulo: 1994.
- Bíblia Sagrada,** 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Shedd.** 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Barueri, SP: SBB, 2005.

- Bíblia Eletrônica - RK Soft Desenvolvimento** - v. 3.2.1 - Versão revisada da trad. de João Ferreira de Almeida.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das** s/ed. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- ANDRADE, J. **O Espiritismo e as Igrejas Reformadas**. Salvador: SEDA, 1997.
- BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- CHAMPLIN, R. N. **Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte**. São Paulo: Nova Época, 1981.
- CHAMPLIN, R. N., **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2005a.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3**. São Paulo: Hagnos, 2005b.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 4**. São Paulo: Hagnos, 2005c.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 2**. São Paulo: Candeia, 1995b.
- DELANNE, G. **O Fenômeno Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. **Cristianismo e Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **No invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- GELEY, G. **Resumo da Doutrina Espírita**. São Paulo: Lake, 2009.

- GIMÊNEZ, H. N. **A Mediunidade na Bíblia**. São Paulo: FEESP, 1996.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras, SP: IDE, 2000.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras, SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. Matão, SP: O Clarim, 2000.
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- JOSEPHUS, F. **Josephus: The Complete Works**. Michigan, EUA: Christian Classics Ethereal Library, 2011.
- LÉPICIER, A. H. M. **O Mundo invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo**. Porto, Portugal: Tavares Martins, 1960.
- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis - RJ: Vozes; Aparecida - SP: Santuário, 1997.
- NIELSSON, H. **O Espiritismo e a Igreja**. S. Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1983.
- PALHANO JR, L. **Dicionário de Filosofia Espírita**. Rio de Janeiro, 2004.
- PASTORINO, C. A. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. 2**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- RICHET, C. **Tratado de Metapsíquica - Tomo I**. São Paulo: Lake, 2008.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas**. Divinópolis (MG): GEEC, 2010.
- SILVA, S. C. **Analisando as Traduções Bíblicas**. João Pessoa, PB: Ideia Editora, 2001.
- XAVIER, F. C. **Lázaro Redivivo**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

- BÍBLIA CATÓLICA (site) Vulgata – Novo Testamento, disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php#ixzz1lw5lFI7i>. Acesso em: 08 abr. 2011.
- FARIAS, *Entrevista com Pastor Nehemias Marien*, in. *Correio Espírita*, disponível em: <https://www.correioespirita.org.br/categorias/entrevistas/735-entrevista-pastor-nehemias-marien>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- GIFTS OF THE SPIRIT CHURC, *The Mediumship of Ethel Post-Parrish*, disponível em: <http://www.gotsc.org/MaterializationSilverBelle.htm>. Acesso em: 30 mar. 2011.
- KDFRASES (site) Oliver Wendell Holmes, disponível em: <https://kdfrases.com/frase/148449>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Caso do Arrebatamento de Elias*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-caso-do-arrebatamento-de-elias>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Ritual do Batismo*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-ritual-do-batismo-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Trindade - O Mistério Criado Por Um Leigo e anuído pelos teólogos*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

WIKIPÉDIA, *Oliver Wendell Holmes*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliver_Wendell_Holmes. Acesso em: 28 jun. 2022.

WIKIPÉDIA. *Daniel Dunglas Home*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Dunglas_Home. Acesso em: 07 abr. 2011.

Imagem Capa:

Historia das Artes (site), *A Festa de Baltasar, Rembrandt*, disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-festa-de-baltasar-rembrandt/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos/ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 SILVA NETO SOBRINHO, *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*, p. 11-13.
- 2 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 289.
- 3 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 79.
- 4 WIKIPÉDIA, *Oliver Wendell Holmes*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliver_Wendell_Holmes
- 5 KDFRASES (site) Oliver Wendell Holmes, disponível em: <https://kdfrases.com/frase/148449>.
- 6 FARIAS, *Entrevista com Pastor Nehemias Marien*, in. *Correio Espírita*, disponível em: <https://www.correioespirita.org.br/categorias/entrevistas/735-entrevista-pastor-nehemias-marien>
- 7 RICHET, *Tratado de Metapsíquica - Tomo I*, p. 37.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 30.
- 9 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 141-143.
- 10 SILVA, *Analisando as Traduções Bíblicas*, p. 278-279.
- 11 Bíblia Shedd, p. 719.
- 12 Bíblia Shedd, p. 465.
- 13 Bíblia Sagrada - Vozes, p. 634.
- 14 Bíblia Sagrada - Vozes, p. 1161.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
- 16 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 172.
- 17 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 139.
- 18 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 556.
- 19 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 19.
- 20 XAVIER, *Lázaro Redivivo*, p. 125-126.
- 21 Bíblia Sagrada - Paulinas, p. 303.
- 22 CHAMPLIN, *Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte*, p. 228.
- 23 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 169.

- 24 Sobre esse assunto ver o nosso texto “O Caso do Arrebatamento de Elias”, que também trata dessa carta, link: <https://paulosnetos.net/article/o-caso-do-arrebatamento-de-elias>
- 25 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 138.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 138.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 128.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 81-88.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 384-392.
- 31 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3*, p. 331
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 199-201.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 197.
- 34 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3*, p. 250.
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 99.
- 36 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 13.
- 37 Bíblia de Jerusalém, p. 42.
- 38 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 31.
- 39 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 197.
- 40 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 197.
- 41 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 143.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 86-87.
- 43 BUCKLAND, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 29.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 100.
- 45 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 65.
- 46 Bíblia Shedd, p. 62.
- 47 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 74.

- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 289-300.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 293-294.
- 50 GIFTS OF THE SPIRIT CHURC, *The Mediumship of Ethel Post-Parrish*, disponível em:
<http://www.gotsc.org/MaterializationSilverBelle.htm>.
- 51 Bíblia Sagrada Vozes, p. 182.
- 52 Bíblia Shedd, 2005, p. 115.
- 53 Bíblia Sagrada - Vozes, p. 310.
- 54 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 223-224.
- 55 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 143.
- 56 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 219.
- 57 GIMÊNEZ, *A Mediunidade na Bíblia*, p. 35.
- 58 GIMÊNEZ, *A Mediunidade na Bíblia*, p. 60-61.
- 59 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 512.
- 60 WIKIPÉDIA, *Daniel Dunglas Home*, disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_dunglas_home.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 37.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 38.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 39.
- 64 Bíblia Shedd, p. 958.
- 65 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 199-200.
- 66 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 695.
- 67 JOSEPHUS, *Josephus: The Complete Works*, p. 1226.
- 68 SOUZA, 2011, por e-mail.
- 69 Historia das Artes (site), A Festa de Baltasar, Rembrandt, disponível em: <https://www.historiadadasartes.com/sala-dos-professores/a-festa-de-baltasar-rembrandt/>
- 70 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 36.
- 71 PALHANO JR., *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 307.
- 72 SILVA NETO SOBRINHO, *O Ritual do Batismo*, link:
<https://paulosnetos.net/article/o-ritual-do-batismo-ebook>

- 73 SILVA NETO SOBRINHO, *O Ritual do Batismo*, link:
<https://paulosnetos.net/article/o-ritual-do-batismo-ebook>
- 74 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 4*, p. 187.
- 75 CHAMPLIN, *Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte*, p. 101.
- 76 N.T.: Ver, a esse respeito, S. Justino, “Apologética”, I, 18, passagem adiante citada em a nota 8.
- 77 N.T.: Em certas Bíblias esse capítulo figura à parte, sob o título “História de Susana”.
- 78 N.T.: Ver I Reis, XXVII, 6 e segs.
- 79 N.T.: Tradução francesa de Paul Sabatier, doutor em teologia, Paris, Fischbacher, 1885.
- 80 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 276-279.
- 81 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1*, p. 694-695.
- 82 CHAMPLIN, *Evidências Científicas Demonstram Que Você Vive Depois da Morte*, p. 100.
- 83 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 282.
- 84 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 320-321.
- 85 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373.
- 86 KARDEC, *A Gênese*, p. 349-350.
- 87 DENIS, *No Invisível*, p. 31.
- 88 DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- 89 DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- 90 GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 54-55
- 91 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, link:
<https://paulosnetos.net/article/possecao-espíritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 92 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho - Vol. 2*, p. 139.
- 93 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 277.

- 94 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 277.
- 95 BÍBLIA CATÓLICA (site) Vulgata - Novo Testamento, disponível em:
<http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php#ixzz1lw5IFl7i>
- 96 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho - Vol. 2*, 1964b, p. 139
- 97 SILVA NETO SOBRINHO, *Trindade - O Mistério Criado Por Um Leigo e anuído pelos teólogos*, link:
<https://paulosnetos.net/article/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos-ebook>
- 98 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 61.
- 99 ANDRADE, *O Espiritismo e as Igrejas Reformadas*, p. 117.
- 100 NIELSSON, *O Espiritismo e a Igreja*, p. 49-50.
- 101 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 235.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 10.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 228.
- 104 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 72.
- 105 (KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 172.
- 106 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 373.
- 107 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 3-4.
- 108 LÉPICIER, *O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo*, p. 109-110.